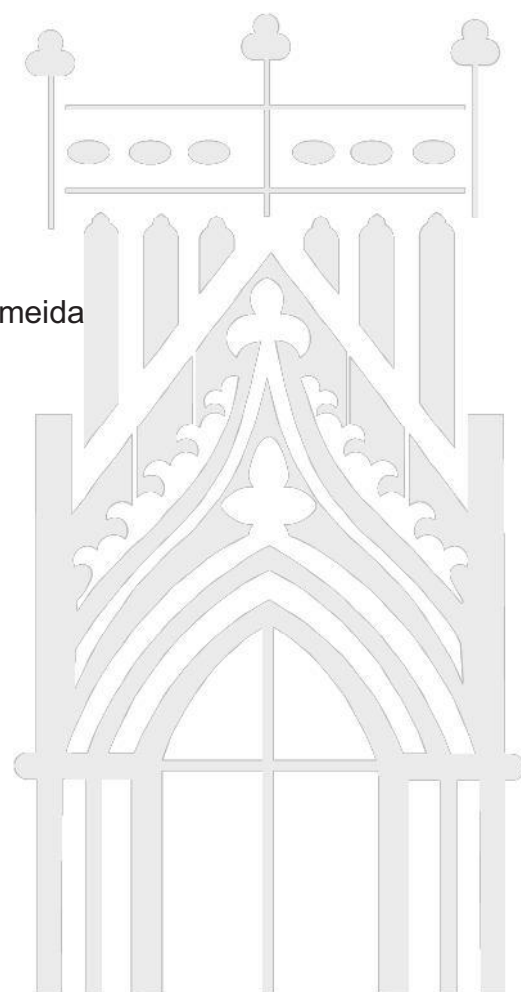


Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio da Prática de Ensino
Supervisionada

Maria de Lurdes Guerra dos Santos de Almeida

março | 2018





Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Mestrado em Educação Pré-Escolar

e

Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

da

Prática de Ensino Supervisionada

Maria de Lurdes Guerra dos Santos de Almeida

Março | 2018



Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Relatório de Estágio

Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Discente: Maria de Lurdes Guerra dos Santos de Almeida

Orientadora: Professora Doutora Urbana Maria Bolota Cordeiro

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção de Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Agradecimentos

Este relatório de Estágio é o culminar de mais uma etapa da minha vida, que não seria possível sem a colaboração de inúmeras pessoas. Deste modo, expresso os mais sinceros agradecimentos:

- à professora Doutora, Urbana Cordeiro, pela disponibilidade, apoio e orientação no trabalho desenvolvido;

- a todos os docentes que, ao longo destes anos, fui encontrando e que, de algum modo, me ajudaram a descobrir valores e conhecimentos, fazendo-me crescer, enquanto Pessoa e futura profissional;

- às Orientadoras da PES, professora Doutora Filomena Velho, (PES I) professora Doutora Florbela Rodrigues, (PES II) e ainda, às docentes cooperantes, educadora Conceição Silva, (Pré-escolar) e professora Fátima Silva Leitão, (1º Ciclo) pela disponibilidade, orientação, carinho e amizade que sempre me demonstraram;

- às técnicas operacionais, pela forma afável com que nos receberam e apoiaram;

- às crianças, que tornaram cada um dos dias, o mais belo;

- às colegas, que apesar dos vinte anos que nos separam, sempre me apoiaram e integraram no grupo;

- à minha família, aos meus pais, ao meu marido e ao meu filho, pelo incentivo, colaboração e paciência que tiveram comigo, ao longo deste percurso, não esquecendo, um agradecimento muito especial à tia Francelina, que sempre me aconselhou nos bons e maus momentos.

A todos, o meu Muito Obrigada!

Resumo

O nosso Relatório de Estágio foi realizado, no âmbito da Unidade curricular da PES, para a aquisição de grau de mestre, na docência em Educação Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB), segundo o regulamento ministrado pela Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, do Instituto Politécnico da Guarda.

Este trabalho tem como principais objetivos incidir e refletir de forma fundamentada e crítica, mas também sucinta e consistente, no que concerne à experiência desenvolvida e vivenciada, ao longo da PES, realizada no Jardim de Infância de Alfarazes, (Pré-escolar) e na Escola Básica de Santa Zita, (1º CEB).

A PES visa a integração do estagiário num contexto real, de forma orientada, desenvolvendo competências profissionais que fomentem um desempenho crítico e reflexivo, formando assim Educadores/Professores em todas as dimensões, bio-psico-sociocultural, (adaptando as suas Práticas Pedagógicas à realidade dos alunos) e promovendo um ensino de qualidade.

No que concerne à estrutura do relatório, este encontra-se organizado em três capítulos essenciais:

- o primeiro faz referência ao *Enquadramento Institucional-Organização Escolar*, incluindo e salientando as características do meio envolvente e dos estabelecimentos de ensino educativo, bem como, a caracterização socioeconómica e psicopedagógica do grupo/turma, onde foi realizada a PES;

- no que se refere ao segundo capítulo, este remete para a descrição do *Processo da Prática de Ensino Supervisionada*, na qual saliento e reflito criticamente sobre o trabalho/atividades desenvolvidas, no decorrer da PES e em relação a uma auto e heteroavaliação;

- o terceiro e último capítulo incide e aprofunda, fundamentando cientificamente, o tema escolhido *A importância dos Materiais no processo de ensino e aprendizagem*, aplicando-o em contexto educativo e refletindo sobre a exequibilidade de práticas pedagógicas, que pretendemos, cada vez mais adequadas, proveitosa, profícuas e rentáveis, visando um sucesso de todos os alunos, não só escolar, mas também de vida.

Palavras-chave: Educação, Materiais, Manipulação, Aprendizagens, Aprender Fazendo.

Abstract

Our Internship report was made, within the curricular unit of supervised teaching practice (STP), for the acquisition of the master's degree, in teaching in pre-school and primary school education, according to the regulation delivered by the Higher School of Education, Communication and Sport, of the Institute Polytechnic of Guarda.

This work has as main objectives to focus and to reflect in a grounded and critical way, but also succinct and consistent, in what concerns to the experience developed and experienced, along the Supervised Teaching Practice (STP) in Kindergarten of Alfarazes (pre-school) and in Elementary School of Santa Zita (primary school). The STP aim the integration of the trainee into a real context, in a targeted way, developing professional skills that foster a critical and a reflective performance, forming Educators/Teachers in all dimensions, bio-psycho-sociocultural, (adapting their Pedagogical Practices to the reality of the students) and promoting a quality education.

With regard to the structure of the report, this is organized in three chapters:

- the first chapter refers to the *Institutional framework-School Organization* include and emphasizing the characteristics of the surrounding environment and of the education establishments, as well as the socioeconomic and psycho-pedagogical characterization of the group/class, where the STP was performed.

- in what refers to the second chapter, this refers to the description of *Process of Supervised Teacher Practice*, in which I emphasize and think critically over the work/activities developed, in the course of Supervised Teaching, and in relation to a self and hetero-evaluation.

The third and last chapter focuses and deepens, scientifically grounding the chosen theme

The importance of materials in the teaching-learning process, applying it in an educational context and reflecting on the feasibility of practices, that we intend, increasingly appropriate, and profitable, aiming for success of all students, not only students, not only scholar but also life success.

Key-words: Education, Materials, Handling, Learnings, *Learning by doing*.

Lista de Siglas / acrónimos

Art.º - Artigo

ATL - Centro de Atividades de Ocupação de Tempos Livres

CAF - Componente de Apoio à Família

IPG - Instituto Politécnico da Guarda

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo

ME - Ministério da Educação

NEE - Necessidades Educativas Especiais

NO - Números e Operações

OCEPE - Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar

OCP - Organização Curricular e Programas

OTD - Organização e Tratamento de Dados

PES - Prática de Ensino Supervisionada

PES I - Prática de Ensino Supervisionada no Pré-escolar

PES II - Prática de Ensino Supervisionada no Primeiro ciclo do Ensino Básico

PNEP - Programa Nacional do Ensino do Português

1º CEB - Primeiro Ciclo do Ensino Básico

GM - Geometria e Medida

RTP - Rádio Televisão Portuguesa

Índice

Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	vi
Abstract	viii
Índice de Figuras	xvi
Índice de Gráficos	xviii
Índice de Apêndices	xix
Apêndice 1 - Planificação referente à área da Formação Pessoal e Social no Pré-escolar.....	xix
Introdução	1
Capítulo I.....	3
Enquadramento Institucional.....	3
Organização e Administração Escolar	3
1.1. Enquadramento Institucional e Administração Escolar	5
1.2. Caraterização do contexto local	7
1.2.1 A cidade da Guarda	7
1.2.2 Breve perspetiva histórica: a sua origem.....	8
1.3. Caraterização do Jardim de Infância de Alfazazes	9
1.3.1 Recursos físicos e materiais	9
1.3.2 Recursos Humanos	12
1.3.3 Sala de Atividades	13
1.3.4 A Organização temporal/rotinas.....	17
1.3.5 Caraterização do Grupo.....	18
1.3.6 Caracterização sociocultural do grupo	19
1.3.7 Características do grupo	20
1.3.7.1 Desenvolvimento cognitivo.....	20
1.4 Caracterização da Escola Básica de Santa Zita	23
1.4.1 Recursos físicos: o espaço interior	23

1.4.2	Organização do Meio Educativo	25
1.4.2.1	Recursos Humanos	25
1.4.2.2	Instrumentos de operacionalização	26
1.4.3	Caracterização da sala de aula.....	27
1.4.4	Caracterização Socioeconómica e Psicopedagógica da turma	28
Capítulo II		33
Descrição do Processo da Prática de Ensino Supervisionada I e II.....		33
2.1	Período de observação: a importância da observação	35
2.2	A importância da Planificação	36
2.3	A importância da reflexão	36
2.4	Considerações gerais em relação a PES I.....	37
2.5	Descrição do Processo da Prática de Ensino Supervisionada- PES I.....	37
2.5.1	Contexto institucional	37
2.5.2	As Experiências desenvolvidas no Pré-escolar	39
2.5.2.1	A Área de Formação Pessoal e Social.....	39
2.5.2.2	A Área de Expressão e Comunicação	39
2.5.2.3	A Expressão Motora.....	40
2.5.2.4	A Expressão Dramática.....	41
2.5.2.5	A Expressão Musical.....	42
2.5.2.6	A Expressão Plástica.....	44
2.5.2.7	A Área de Expressão e Comunicação- Domínio da Linguagem Oral e abordagem à escrita	45
2.5.2.8	O Domínio da Matemática	46
2.5.2.9	A Área de Conhecimento do Mundo.....	48
2.6	Reflexão sobre a PES I.....	49
2.7	Descrição do Processo da Prática de Ensino Supervisionada - PES II.....	50
2.7.1	A área curricular de Português	51
2.7.2	A área de Matemática.....	53
2.7.3	A área de Estudo do Meio	55
2.7.4	A área das Expressões: Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica.....	57

2.7.5	A Expressão e Educação Físico - Motora	58
2.7.6	Expressão e Educação Musical	59
2.7.7	A Expressão e Educação Dramática.....	61
2.7.8	A Expressão e Educação Plástica.....	62
2.8	Considerações em relação às planificações - PES II.....	64
2.9	Reflexão sobre a PES II	65
Capítulo III.....		67
A importância dos materiais no processo de ensino e aprendizagem		67
3.1.	Fundamentação Teórica	69
3.2.	Os Materiais Manipuláveis – a sua origem	69
3.3.	O que é manipular?	70
3.4.	O emergir dos materiais na educação.....	70
3.5.	A Escola Nova e os materiais.....	71
3.6.	A importância dos materiais no desenvolvimento cognitivo	72
3.7.	O que se entende por materiais manipuláveis: diversas perspetivas	74
3.8.	Os materiais como suportes de aprendizagem	75
3.9.	A utilização de materiais e o jogo	76
4.	Metodologia do Estudo	79
4.1.	A importância e pertinência da escolha do tema.....	79
4.2.	Objetivos subjacentes:.....	80
4.3.	Aplicação do tema ao longo das atividades desenvolvidas na PES I e II.....	81
4.4.	Contexto e sujeitos do estudo.....	82
5.	Atividades efetuadas na PES I	82
6.	Atividades efetuadas na PES II	93
Sugestões para o futuro		101
Conclusão.....		102
Bibliografia		104
Webgrafia.....		107

Legislação	108
Apêndices.....	109
Anexos.....	109

Índice de Figuras

Figura 2. Distrito da Guarda e seus concelhos	7
Figura 1. Cidade da Guarda	7
Figura 3. D. Sancho	8
Figura 4. Jardim de Infância de Alfarazes	9
Figura 5. Salão polivalente	10
Figura 6. Sala de vídeo e informática	10
Figura 7. Exterior da Instituição	11
Figura 9. <i>Espaço do computador</i>	14
Figura 8. <i>Espaço da conversa</i>	14
Figura 11. <i>Espaço da Leitura</i>	15
Figura 10. <i>Espaço do faz de conta</i>	15
Figura 12. <i>Espaço da Expressão Plástica</i>	16
Figura 13 <i>Espaço de jogos de chão</i>	16
Figura 14. Espaços de jogos de Mesa	16
Figura 15. Escola Básica de Santa Zita	23
Figura 16. Sala dos alunos com Multideficiência	24
Figura 17. Salão polivalente	24
Figura 18. Biblioteca Virgílio Afonso	24
Figura 19. Escadaria de acesso ao 2º piso	25
Figura 20. Sala de recursos educativos	25
Figura 21. Sala de apoio administrativo	25
Figura 22. Sala 6 da turma do 1.º ano A 28	28
Figura 23. Jogo dos sentimentos	39
Figura 24. <i>Jogo do balão</i>	40
Figura 25 <i>Jogo da cadeira</i>	40
Figura 26. Teatro Fantoches	41
Figura 27. Leitura do Livro	41
Figura 28 Diferentes instrumentos musicais	42
Figura 29. Visita ao Conservatório de Música na Guarda	43
Figura 30. Apresentação da coreografia à comunidade escolar	43
Figura 31. Desenho livre	44
Figura 32. Desenho (digitinta)	44
Figura 33. Registo da história <i>Coração de Mãe</i>	45
Figura 34. Jogo de Blocos Lógicos	47

Figura 35 Quadros de registos	47
Figura 36. Confeção de um bolo	48
Figura 37. Plantação de uma Horta pedagógica	48
Figura 38. Germinação da erva	49
Figura 39. Receita <i>Delícias Mulatas</i>	53
Figura 40. <i>Janela Mágica</i>	54
Figura 41. Visita de Estudo à Gelgurte, Indústrias Alimentares, LDA	56
Figura 42. Aula de Expressão Físico Motora	59
Figura 43. Aula de Expressão Musical	60
Figura 44. Coreografia de uma música para a festa de Natal	60
Figura 45. Dramatização da História <i>O Coelho Branco</i>	61
Figura 46. Atividades de Expressão Plástica alusivas ao Natal	63
Figura 47. Construção da <i>coroa de Reis</i>	63
Figura 48. Materiais manipuláveis de M. Montessori	72
Figura 49. Esquema da manipulação à abstração	73
Figura 50. Modelo holístico, ecológico, interativo ou explicativo do comportamento da criança, (L. koning)	78
Figura 51. Imagens alusivas ao 25 de abril	83
Figura 52. (1, 2, 3). Atividades alusivas ao 25 de abril	84
Figura 53. <i>Placard</i> alusivo ao 25 de abril	85
Figura 54. Vulcões do Capelinhos (1), Furnas (2), Fogo (3) (ilha dos Açores)	86
Figura 55. Modelagem do barro	86
Figura 56. Experiência do vulcão	88
Figura 57. Registo da observação do vulcão, através de um desenho	88
Figura 58. Construção de ecopontos	90
Figura 59. Construção de instrumentos musicais, partindo de material reciclável	90
Figura 60. Carimbos de batata de formas geométricas	92
Figura 61. Observação e manipulação da imagem de D. Sancho I e da Carta de Foral da Guarda	94
Figura 62. Construção de um cravo alusivo ao 25 de abril.	96
Figura 63. Ficha relacionada com 25 de abril.	96
Figura 64. <i>O jogo do Crocodilo Comilão</i>	98
Figura 65 <i>Contagens</i>	99

Índice de Gráficos

Gráfico 1: distribuição das crianças de acordo com o género.	18
Gráfico 2: distribuição das crianças de acordo com a idade.	18
Gráfico 3: distribuição das crianças de acordo com o número de irmãos.	19
Gráfico 4: Habilitações Literárias dos pais.	20
Gráfico 5: Profissões dos pais.	20
Gráfico 6: habilitações literárias da Mãe.....	31
Gráfico 7: habilitações do Pai.	31
Gráfico 8: Número de irmãos dos alunos.....	32

Índice Tabelas

Tabela 1:Rotina	17
Tabela 2 -Horário de funcionamento da escola e das atividades letivas	26
Tabela 3: Horário da Turma.	27
Tabela 4: Comparação entre o pensamento pré-operatório e o operatório concreto	29
Tabela 5: Indicadores comportamentais.....	30
Tabela 6: Vantagens e desvantagens do uso de materiais na aprendizagem.....	76
Tabela 7:Vantagens e desvantagens do jogo Matos e Serrazina, (1996)	78

Índice de Anexos

Anexo 1 - História *Adivinha quanto eu gosto de ti na Primavera.*

Anexo 2- Letra da coreografia, *O Panda vai à escola.*

Anexo 3: Jogos - Atividades

Anexo 4: Panda vai à escola: *Vem que eu vou- te ensinar*

Índice de Apêndices

- Apêndice 1 - Planificação referente à área da Formação Pessoal e Social no Pré-escolar.
- Apêndice 2 - Planificação referente ao domínio da Expressão Motora no Pré-escolar.
- Apêndice 4- Planificação referente ao domínio da Expressão Musical no Pré-escolar.
- Apêndice 5- Planificação referente ao domínio da Expressão Plástica no Pré-escolar.
- Apêndice 6- Planificação referente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita no Pré-escolar.
- Apêndice 7 - Planificação referente ao domínio da Matemática no Pré-escolar.
- Apêndice 8 – Planificação referente à área do Conhecimento do Mundo no Pré-escolar.
- Apêndice 9: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCEB - Português
- Apêndice 10: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico – Matemática.
- Apêndice 11: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico - Expressão e Educação Físico-Motora.
- Apêndice 12: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico - Expressão e Educação Musical.
- Apêndice 13: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico – Português e Expressão e Educação Dramática.
- Apêndice 14: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico - Expressão e Educação Plástica.
- Apêndice 15: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico – Matemática.
- Apêndice 16: Teste diagnóstico – 1ºano, 1ºCEB.

Introdução

A elaboração do nosso relatório surge, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e ensino 1º Ciclo do Ensino Básico, englobando a PES que contempla um estágio profissional, para cada um dos ciclos anteriormente referenciados.

Neste contexto, salientamos que o período de estágio é muito importante, sendo crucial e fundamental, na formação do futuro educador/professor. Assim, este proporciona ao aluno um contacto mais próximo com a realidade educativa, incidindo e permitindo um leque e uma panóplia abrangente e diversificada de experiências várias e extremamente enriquecedoras. Este visa a exequibilidade de uma prática profissional futura, mais eficiente e profícua, na medida em que lhe confere, ajudando-o, paulatinamente a adquirir responsabilidade e autonomia nas ações desenvolvidas.

Consequentemente, ao longo do estágio, valoriza-se o saber-saber, ou seja o domínio científico, mas também a interligação e a complementaridade entre a teoria e a prática, ou entre o saber académico e o pedagógico, salientando-se a importância do saber-fazer. Visa-se, também um saber-estar, tudo culminando e convergindo no saber-ser, ou seja na formação do indivíduo como *Pessoa* autónoma e responsável, que contribua para o *Bem* comum e individual, preparando assim, o estagiário, para ser um futuro cidadão ativo, consciente, sendo participativo e interveniente, enfrentando novos desafios na sociedade, que pretende transformar.

No que concerne ao nosso Relatório, à sua organização e estrutura, o mesmo cumpre as linhas orientadoras designadas, no artigo 11º do Diário da República, nº 123-29 de junho de 2016. De acordo com este artigo, do relatório devem constar três componentes fundamentais:

- Enquadramento Institucional (Organização Escolar); descrição do Processo da PES; e por último, o tema escolhido e aplicado em contexto educativo, durante a exequibilidade da PES I e II.

No que refere ao primeiro capítulo, fazemos referência à caracterização do meio envolvente, bem como à caracterização psicopedagógica e socioeconómica do grupo/turma, onde a PES foi realizada, quer no âmbito da Educação Pré-escolar, que decorreu no Jardim de Infância de Alfarazes, (PES I), quer no contexto do 1º CEB, (PES II), efetuada na Escola Básica de Santa Zita.

O segundo capítulo incide numa descrição sucinta, crítica e reflexiva do processo da PES, subjacente aos estágios desenvolvidos, no âmbito da Educação Pré-escolar (PES I), e no 1º Ciclo do Ensino Básico, (PES II), salientando a importância das atividades, que mais contribuíram para a exequibilidade e concretização de verdadeiras aprendizagens, que pretendemos cada vez mais ativas e significativas e conducentes ao sucesso escolar de todos os

alunos, bem como a uma reflexão crítica e pessoal desenvolvidas e promovidas, em ambas as vertentes.

No terceiro e último capítulo surge a temática escolhida *A importância dos Materiais no processo de ensino e aprendizagem* explorada e desenvolvida, durante a PES I e II, abordada e aprofundada neste relatório, através de uma fundamentação teórica e de uma abordagem empírica.

O tema por nós escolhido e desenvolvido consideramos ser de grande pertinência e atualidade, uma vez que nos ajuda a fundamentar cientificamente e a clarificar as nossas Práticas Pedagógicas, possibilitando-nos que no futuro sejamos, bons profissionais, desenvolvendo e promovendo Práticas Pedagógicas cada vez mais, eficazes, proveitosas, rentáveis e exequíveis.

Neste contexto, salientamos os objetivos essenciais a alcançar:

- perceber a importância dos materiais para criar ambientes estimulantes;
- inferir a sua importância para suscitar a motivação;
- compreender a utilidade dos materiais como suportes de aprendizagem;
- desenvolver a capacidade de observação, recorrendo aos materiais.

Incidimos ainda nas estratégias desenvolvidas e promovidas, bem como experiências realizadas e sua importância, no processo de ensino e aprendizagem e na construção do saber, através de aprendizagens que pretendemos mais ativas e significativas. Para tal, recorreremos sempre à utilização dos materiais como suportes de aprendizagem, quando bem explorados, cumprindo assim, a sua verdadeira função de facilitadores da aprendizagem, sendo essenciais e até imprescindíveis para atingir a abstração.

Consequentemente e visando atingir os nossos objetivos, incidimos sempre em atividades de manipulação, concretização, ação, observação e experimentação, ou seja no aprender fazendo, *learning by doing*, em que a criança é verdadeira construtora da sua própria aprendizagem e do seu próprio saber, aprendendo a pensar por si. Tal é conducente a uma verdadeira educação para a autonomia, vs heteronomia e a um sucesso que queremos mesmo não só escolar, mas também de vida, ou seja a *Escola pela vida e para a vida*, tal como já preconizavam alguns dos precursores e defensores da Escola Nova.

Por fim, surge a conclusão, como síntese e reflexão final em que valorizamos e realçamos aspetos fundamentais, inferindo a necessidade da utilização e exploração aprofundada e constantes dos materiais como ferramentas, auxílios, apoios, meios, conducentes à otimização das Práticas Pedagógicas e consequentemente, a uma melhor exequibilidade do processo de ensino e aprendizagem, visando a concretização de verdadeiras aprendizagens, que se pretendem, duradouras no tempo, tentando otimizar assim, todo o processo.

Capítulo I

Enquadramento Institucional

Organização e Administração Escolar

1.1. Enquadramento Institucional e Administração Escolar

No âmbito do sistema educativo português, sabemos que abrange a Educação Pré-escolar, a Educação Escolar e a Extra- Escolar.

Neste contexto, debruçando-nos crítica e reflexivamente, incidimos sobre as duas primeiras etapas de escolaridade da criança, que são as que mais nos interessam para o nosso estudo, analisando o que compete a cada uma delas.

Relativamente à Educação Pré-escolar, inferimos que é de carácter facultativo e destina-se a crianças dos 3/6 anos de idade. Assim, salientamos que no que concerne à educação pré-escolar esta:

(...) é a primeira etapa da educação básica no processo de educação, ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (Silva, 1997:15).

Quanto à sua rede, a Educação Pré-escolar é constituída por instituições próprias, de iniciativa do poder central, regional, ou local e de outras entidades, coletivas ou individuais (LBSE, nº46/86, art.º5º).

Relativamente ao 1º CEB, este é universal, obrigatório e gratuito. Este ciclo de ensino compreende quatro anos de escolaridade, com idades de frequência normais, dos 6 aos 9 anos, onde são lecionadas diferentes áreas curriculares.

Atualmente, a educação caracteriza-se por mudanças constantes, trazendo desafios e exigências aos educadores. Neste âmbito, o processo de qualificação dos mesmos deve passar por um trabalho de adaptação, assim através da PES contactamos com essa realidade, ou seja com a dimensão fáctica da educação, a sua realidade, com as limitações e obstáculos, tendo em consideração as necessidades e especificidades dos alunos e dos contextos, em que os mesmos estão inseridos.

Consequentemente, uma das dimensões mais valorizadas no novo sistema de atribuição e habilitação à docência, segundo o Decreto – Lei nº 115- A/98, 4 de maio é a do *conhecimento, da fundamentação da prática de ensino, na investigação e da iniciação à prática profissional*.

No que se refere ao Mestrado em Educação Pré-escolar e 1º CEB, as Práticas Pedagógicas foram desenvolvidas, em diversos contextos educativos e em diferentes instituições pertencentes à rede pública educativa da Guarda.

Neste âmbito, salientamos que a PES I ocorreu, no período compreendido entre 24 de fevereiro de 2015, a 9 de junho do mesmo ano, no Jardim-de-infância de Alfarazes, pertencente ao Agrupamento de Escolas da Sé.

Posteriormente, realizamos a PES II, entre 06 de outubro de 2016 a 06 de fevereiro 2016, na Escola Básica de Santa Zita inserida no Agrupamento de Escolas de Afonso de Albuquerque. O Ministério da Educação e Ciência salienta que, o papel do Agrupamento de Escolas é conferir mais autonomia às escolas.

Neste âmbito, sobressai que estas poderão gerir melhor os seus recursos, através do seu Projeto Educativo, favorecendo um percurso sequencial e articulado dos alunos, de uma determinada área geográfica, pois sabemos que os Agrupamentos integram os estabelecimentos de ensino do mesmo concelho, trabalhando todos para o mesmo projeto comum, cujos objetivos subjacentes são similares. Consequentemente, visam, deste modo, contribuir para a melhoria da qualidade de ensino, competindo-lhes sobretudo, a elaboração de documentos, tais como:

- o Regulamento Interno, no qual se define o regime de funcionamento do agrupamento de escolas, das estruturas de orientação e dos serviços administrativos, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão técnico-pedagógicos, bem como os deveres e direitos de toda a comunidade educativa;
- o Projeto Educativo (elaborado e aprovado pelos órgãos de gestão e administração) que estabelece a orientação educativa do agrupamento;
- o Projeto Curricular do agrupamento que define o currículo, como o conjunto de competências e aprendizagens a desenvolver pelos alunos, ao longo do ano letivo e de acordo com os objetivos da LBSE;
- o Plano anual de atividades que surge em função do projeto educativo e define os objetivos, as formas de organização e de programação das atividades, de cada estabelecimento do agrupamento, bem como os recursos necessários à sua execução. Este remete à calendarização das atividades programadas para o ano letivo, de acordo com os conteúdos a lecionar;
- o orçamento (no qual se discriminam as receitas e as despesas, do agrupamento de escolas).

Neste contexto, convém ainda realçar que o regime de administração e gestão é efetuado por órgãos próprios, aos quais se aplicam os princípios e objetivos subjacentes ao Decreto-lei nº 75/08 de 22 de abril art.º 3º e 4º.

1.2. Caraterização do contexto local

1.2.1 A cidade da Guarda

Atualmente, no que concerne à cidade da Guarda (fig.1), sabemos que é sede de concelho e capital de distrito.

O seu concelho fica situado na província da Beira Alta, entre o planalto, Guarda – Sabugal e Serra da Estrela.

Esta localização privilegiada permite-lhe que os seus cerca de 712,11 Km² de área sejam partilhados, pelas bacias hidrográficas de cursos de águas importantes, como os Rios Mondego, Zêzere e Côa.



Figura 1. Cidade da Guarda
Fonte. Câmara Municipal da Guarda

A este nível, salientamos que o concelho da Guarda surge no centro interior de Portugal, na sub-região da Beira interior Norte, pertencente à região Centro e como se pode inferir da fig. 2, confina a nascente, com os concelhos de Pinhel, Almeida e Sabugal; a sul com os de Belmonte e Covilhã e a poente, com o de Manteigas, Gouveia e Celorico da Beira.



Figura 2. Distrito da Guarda e seus concelhos
Fonte. Internet¹

¹ Motor de busca Google: <https://www.mun-guarda.pt/Portal/default.aspx> (²)

Neste âmbito, verificamos ainda e podemos constatar que atualmente, o concelho da Guarda é constituído por 43 freguesias, perfazendo, segundo os Censos de 2011, um total de 42541 habitantes, sendo capital de distrito e considerada a cidade mais alta de Portugal, com 1056 m de altitude.

A sua localização próxima da fronteira, no contexto de toda a área Centro-Norte do País, certifica a Guarda como local privilegiado, pela detenção de importantes ligações rodoviárias (A 25 e A 23), além das suas importantes vias ferroviárias, que potenciam a sua Plataforma Logística de Iniciativa Empresarial.

1.2.2 Breve perspetiva histórica: a sua origem

Sabemos que foi a posição estratégica da cidade da Guarda, de grande destaque à época, para a defesa militar do reino, face ao território envolvente e que a transformaram numa cidade poderosa.

Tal, conseqüentemente, levou D. Sancho I, o *Povoado* (fig. 3) a conceder-lhe, a Carta de Foral, em 27 de novembro de 1199. Assim, através da concessão de diversos privilégios, benesses, direitos e deveres sabemos que o nosso rei tinha o intuito de promover a fixação de pessoas e habitantes, no território, visando o seu desenvolvimento e prosperidade, assim como a organização e a defesa da fronteira da Beira, contra o Reino de Leão e Castela.



Figura 3. D. Sancho
Fonte. Própria

Tal como reitera Rodrigues (1977) à época estes territórios estavam situados numa área que foi estratégica para a defesa nacional, devido à sua proximidade com Espanha e à sua altitude, resultando assim a motivação para a escolha do seu nome *Guarda*, que era a vigia, a *Guarda Fronteiraça*.

Ao longo dos tempos, devido aos epítetos que lhe foram atribuídos ficou conhecida pela cidade dos cinco F's: Forte; Farta; Fria; Fiel e Formosa, que a caracterizam a nível nacional e até internacional.

Caracterizada ainda, como herdeira de um património cultural rico e único, a Guarda condensa nas suas muralhas a sua história de longos séculos de que são testemunho os seus vestígios e monumentos.

Neste âmbito, podemos observar que no ponto mais alto da cidade, ergue-se a Torre de Menagem, símbolo máximo de toda a estrutura defensiva.

Destacamos ainda, a nível do património fundamental a Sé Catedral, verdadeiro ícone, pelas marcas construtivas e estéticas (formas góticas).

Também, salientamos as antigas Portas da Cidade, o Paço Episcopal, o Museu (antigo Seminário do séc. XVII), os Solares, a Igreja da Misericórdia (estilo barroco) e a de (S. Vicente, rica pelos seus azulejos), a Praça Velha e a Judiaria.

A Guarda foi e é ainda reconhecida, pela pureza do ar que aqui se respira, evidenciando a tradição de *cidade de saúde e bem-estar*. Assim, a natureza deste clima fez da Guarda uma das melhores estâncias de tratamento de doentes com tuberculose. Consequentemente, foi aqui implantada a primeira instituição, criada de raiz, para a assistência a doentes com tuberculose, (antigo Sanatório Sousa Martins), projetado no início do século XX, por Raul Lino e inaugurado em 1908, pelo nosso rei D. Carlos, *o Diplomata* e sua esposa, rainha D. Amélia.

Em 2002, foi distinguida pela Federação Europeia de Bioclimatismo, com o título de primeira *Cidade Bioclimática Ibérica*, o que atualmente a continua a valorizar.

1.3. Caraterização do Jardim de Infância de Alfarazes

1.3.1 Recursos físicos e materiais

Foi no Jardim de Infância de Alfarazes, que funciona no rés-do-chão do edifício denominado, *O Castelo* (fig. 4) que decorreu a nossa PES I, nas instalações, que em simultâneo, no 1º andar acolhem a Creche.

No que concerne aos seus recursos físicos, essenciais a nível do espaço pedagógico e sua influência no processo de ensino e aprendizagem, salientamos que esta instituição possui, de



Figura 4. Jardim de Infância de Alfarazes
Fonte. Própria

acordo com o Plano da mesma e após diversas obras de remodelação (2014/15), o que nos foi dado observar:

- um hall de entrada;
- um gabinete de direção (onde se encontra o telefone);
- um salão polivalente (fig.5);
- três salas de atividades.



Figura 5. Salão polivalente
Fonte. Própria

No que se refere a estes espaços, destinados à realização das diferentes tarefas, destacamos uma sala para as crianças mais pequenas dos 3/4 anos, outra para as dos 4/5 anos e uma terceira, onde se encontram as de 5/6 anos, convém e importa referir que em todas as salas de atividades, se encontram instalações sanitárias individuais e utilizadas para as rotinas diárias das crianças.

Neste contexto, surgem ainda outros espaços complementares e também fundamentais que enumeramos:

- uma sala de vídeo/informática (fig.6);
- uma sala de educadoras;
- um refeitório;
- uma casa de banho para adultos e adaptada a pessoas com limitações motoras;
- um amplo corredor de acesso a todas as divisões.



Figura 6. Sala de vídeo e informática
Fonte. Própria

Para além destes espaços, destacamos ainda a cave, que inclui:

- um salão de atividades utilizado, durante o ano letivo, nas atividades de expressão motora, dramática e festas, sendo também aqui feito o acolhimento das crianças, pela Componente de Apoio à Família (CAF);
- uma arrecadação para o material pedagógico e de desgaste;
- uma outra, para os produtos e equipamentos de limpeza.

Em relação ao exterior, como constatamos na fig.7, encontra-se uma zona de recreio, na fachada do edifício. Esta destina-se sobretudo às crianças mais crescidas, com uma zona de areia e outra, com piso antichoque, onde se encontram um escorrega e dois baloiços.



Figura 7. Exterior da Instituição
Fonte. Própria

Na parte lateral direita do edifício, surge também um outro espaço exterior, adjacente à sala dos 3/4 anos, com uma zona de relva sintética e outra com piso antichoque, onde podemos observar uma casinha, um escorrega e um balancé para brincarem, pois de acordo com Martins (2013: 17), *o brincar ocupa grande parte do tempo na educação pré-escolar, sendo que é através deste, que a criança adquire novas capacidades, ideias e valores fundamentais ao seu desenvolvimento.*

Podemos ainda salientar que no geral, as condições da instituição são muito boas, essencialmente, no que diz respeito ao arejamento, à luz natural e artificial, ao aquecimento e à segurança, possuindo também alarme, luzes internas de sinalização permanente e extintores de incêndio. Contudo, é possível verificar que no verão, as salas dos 4/5 anos e dos 5/6 anos tornam-se excessivamente quentes, devido ao calor que se faz sentir e uma vez, que não existem persianas que bloqueiem a ação do sol.

Mais recentemente, sabemos que o Jardim de Infância de Alfarazes foi equipado com diversos materiais que são de uma importância extrema, a nível do desenvolvimento das crianças e que passamos a referir e elencar:

- um telefone;
- um televisor;
- um videogravador;
- um leitor de DVD;
- três radiogravadores;
- cinco computadores e três impressoras.

Convém, ainda referir, que a Fundação DELTA Cafés, como resposta ao solicitado, pelas educadoras, aquando da abertura das novas instalações ofereceu:

- um frigorífico de duas portas;
- um forno elétrico;
- um micro-ondas;
- uma placa elétrica;
- uma batedeira e uma tostadeira elétrica.

1.3.2 Recursos Humanos

No que concerne aos recursos humanos podemos referir que se encontram nesta instituição, três educadoras de infância, pertencentes ao Quadro de Agrupamento e que asseguram a docência dos grupos de 3/4 anos, 4/5 e 5/6 anos respetivamente, além de uma educadora que se encontra, em apoio.

Para cada sala, há na instituição uma Assistente Operacional, que pertence ao Quadro do Ministério da Educação e as restantes integram os recursos humanos, da Câmara Municipal da Guarda.

No que se refere às assistentes técnicas, CAF é assegurado por três assistentes técnicas e uma assistente operacional, todas com funções de animadoras culturais.

É importante ainda enfatizar e valorizar o apoio das famílias, pois são parte integrante do processo educativo, a nível formal e, por essa razão, conseqüentemente, na reunião de pais/encarregados de educação, que se realizou no início do ano letivo, foram eleitos três representantes dos pais, um por cada sala. A estes compete a participação na resolução de

problemas relacionados com o funcionamento do jardim e promover a articulação entre os vários agentes de Educação.

1.3.3 Sala de Atividades

De acordo com Silva (1997:37) enfatizamos e salientamos que: *os espaços podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida o que as crianças podem fazer e aprender.*

Neste contexto, referimos que a nossa sala de atividades era um espaço amplo e adequado às mais variadas necessidades das crianças, sendo um cenário estimulante, para que ampliem as suas vivências de descoberta e consolidação de experiências e aprendizagens, proporcionando a aquisição de diversas competências.

Relativamente ao espaço físico, a sala possui boa iluminação solar, bom equipamento mobiliário e uma casa de banho, adequada à faixa etária.

Sobressaem, os variados quadros expostos nas paredes da sala, para que as crianças registem aspetos relacionados com o seu quotidiano (o quadro de registo de presenças e o do calendário). Aqui, também se encontram afixadas várias das atividades, efetuadas pelas crianças.

No que concerne aos materiais construídos pelas crianças, estes estão devidamente identificados e guardados nos armários, bem como nas pastas individuais, onde estão compilados todos os trabalhos que vão elaborando, ao longo do ano.

A sala encontra-se dividida por áreas/espços, em que existem regras estabelecidas e que devem ser cumpridas.

Nesta sequência, apresentamos cada um dos espaços existentes, salientando que todos os materiais estão organizados e identificados, para que a criança se torne autónoma nas suas tarefas, pois como preconiza Silva (1997:38) *o conhecimento do espaço, dos materiais e das atividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo.*

Neste âmbito, podemos observar os diversos espaço e caracterizá-los nas respetivas figuras abaixo, de acordo com a especificidade de cada um, como passamos a explicitar:

- ***o espaço da conversa*** (fig.8) é o local onde se desenrolam os diálogos, cantam os bons dias, se assinalam as presenças, se elege o chefe e se faz o registo da data (nos vários quadros de registos). É uma área muito acolhedora e especial porque é aqui que se

desenvolvem momentos de socialização e comunicação, entre as crianças, entre estas e a educadora, ou outros agentes educativos.



Figura 8. *Espaço da conversa*
Fonte. Própria

- ***o espaço do computador*** (fig.9) surge com um computador, permitindo que usufruam dele, apenas duas crianças, de cada vez. Em relação ao Software, podem jogar diversos jogos, não só, de forma lúdica, mas também de caráter educacional, ao nível do Estudo do Meio e da Matemática, promovendo a interdisciplinaridade (desenvolvendo o raciocínio, a memorização, a destreza mental, entre outros);



Figura 9. *Espaço do computador*
Fonte. Própria

- ***o espaço do faz de conta, ou a casinha***, como se observa na fig. 10, caracteriza-se por ser um local, em que as crianças podem dar asas à sua imaginação, recriando histórias imaginadas, ou vividas.



Figura 10. *Espaço do faz de conta*
Fonte. Própria

- ***o espaço da leitura*** destacado na fig. 11, inclui uma estante com diversos livros, (histórias/contos) adequados à faixa etária e nível cognitivo das crianças, além de uma mesa e uma cadeira, para poderem ler. A este nível, as OCEPE (1997) salientam a importância do livro como meio de contacto com a escrita e a leitura. Perante as histórias que o educador lê, as crianças recontam-nas, ou reinventam-nas, de acordo com a sua memória e imaginação.



Figura 11. *Espaço da Leitura*
Fonte. Própria

- *o espaço da Expressão Plástica*, como se infere na fig.12, permite que a criança contacte com diferentes materiais, durante as atividades, existindo para tal, um cavalete com vários utensílios de pintura e um móvel à altura das crianças, com divisões repletas de diversos materiais (lápiz de cor, canetas de feltro, borrachas, afias, folhas de papel, entre outros).



Figura 12. *Espaço da Expressão Plástica*
Fonte. Própria

- *o espaço de jogos de mesa*, como se verifica na fig. 13, através das mesas onde as crianças jogam, inclui também um móvel que está ao alcance de todos, apresentando diversos jogos (puzzles, encaixes, dominós e legos, entre outros), materiais que podem manipular, promovendo a autonomia, estimulando o pensamento e o raciocínio. Salientamos que este espaço destina-se à realização de outras atividades, nomeadamente as relacionadas com a expressão plástica.



Figura 13. *Espaços de jogos de Mesa*
Fonte. Própria



Figura 14. *Espaço de jogos de chão*
Fonte. Própria

- *o espaço de jogos de chão*, como constatamos na fig. 14, possibilita a interação entre os elementos presentes, através da pista de carros e da oficina.

1.3.4 A Organização temporal/rotinas

No que concerne a esta questão, as OCEPE explicitam e defendem que:

A distribuição do tempo relaciona-se com a organização do espaço, pois a utilização do tempo depende das experiências e oportunidades educativas proporcionadas pelos espaços. No que se refere à gestão do tempo, ao longo da semana as atividades desenrolam-se numa sequência definida, no início do ano letivo, pelo agrupamento (Silva et al, 1997: 40).

Em relação às rotinas de acordo com as OCEPE, estas são um elemento importante na educação pré-escolar, uma vez que levam a criança a compreender, que o dia tem uma determinada sequência, ou seja sucessão de acontecimentos, planeada pelo educador, alguns deles repetidos ao longo dos dias, possibilitando à criança ter noção do que *podem fazer nos diferentes momentos e prever a sua sucessão, tendo em conta a liberdade de propor modificações* (Silva et al., 1997: 40).

Deste modo, a aplicação de rotinas leva a criança a desenvolver a sua autonomia, ao mesmo tempo que a ajuda a tornar-se mais responsável, aprendendo *a fazer, a estar e a ser*, ou seja tudo converge e culmina no Ser e na formação do indivíduo como Pessoa, princípio e fim último de toda a educação. Neste contexto, apresentamos a tabela 1, síntese elucidativa das rotinas, do dia-a-dia:

Tabela 1: Rotinas

Horas	Atividades	Orientador	Local
7h45 – 9h00	Acolhimento das crianças	CAF	Salão Polivalente
9h00-10h00	Jogos de mesa	Educadora e auxiliar	Sala de atividades
10h00 - 10h15	Higiene	Educadora e auxiliar	Casa de Banho
10h15 - 10h45	Lanche da manhã	Educadora e Auxiliar	Refeitório
10h45 - 11h00	Diálogo	Educadora	Espaço da conversa
11h00 - 12h00	Atividades orientadas	Educadora	Mesa de atividades
12h00 - 13h15	Almoço	CAF	Refeitório
13h15 –13h30	Higiene	CAF	Casa de Banho
13h30 –14h00	Atividades livres/orientadas	CAF	Salão Polivalente / Exterior
14h00-14h15	Diálogo	Educadora	Espaço da conversa
14h15 -15h00	Atividades orientadas	Educadora	Sala de atividades
15h00- 15h45	Espaços	Educadora e auxiliar	Sala de atividades

15h45-16h00	Higiene	Educadora e auxiliar	Casa de Banho
16h20- 19h45	Lanche e atividades orientadas	CAF	Refeitório Salão Polivalente

Fonte. Própria.

1.3.5 Caracterização do Grupo

No que concerne à caracterização do grupo, é fundamental e imprescindível conhecer as crianças com que vamos trabalhar, sendo importante saber os seus gostos, as suas dificuldades e, se possível, ter alguma perceção do seu ambiente familiar, pois o educador deve adaptar-se ao grupo, pois só assim poderá ajudar as crianças a descobrirem e a efetuarem aprendizagens significativas.

Neste contexto e visando um conhecimento mais aprofundado do grupo debruçamo-nos sobre o seu estudo em que realizamos a nossa Prática no Jardim de Infância de Alfarazes, que é constituído por 11 crianças, das quais 5 são do sexo masculino e 6 feminino, com idades compreendidas entre os 4/5 anos de idade, predominando os 5 anos.

Neste âmbito, apresentamos os gráficos (1 e 2) elucidativos e que confirmam em percentagem o que referimos anteriormente.

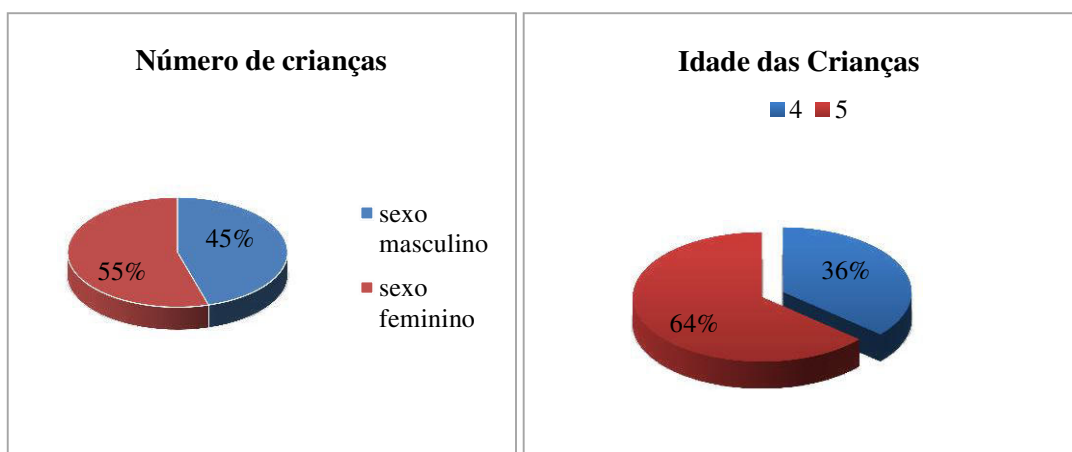


Gráfico 1. Distribuição das crianças segundo o género.
Fonte. Própria.

Gráfico 2 Distribuição das crianças segundo a idade
Fonte. Própria

Nesta sequência, verificamos através da análise do gráfico 1, que a maioria das crianças é do sexo feminino, inferindo logo de seguida no gráfico 2 que a faixa etária situa-se entre os 4 e 5 anos, predominando as crianças de 5 anos.

Apresentamos de seguida o gráfico 3, clarificando o que se refere ao número de irmãos.

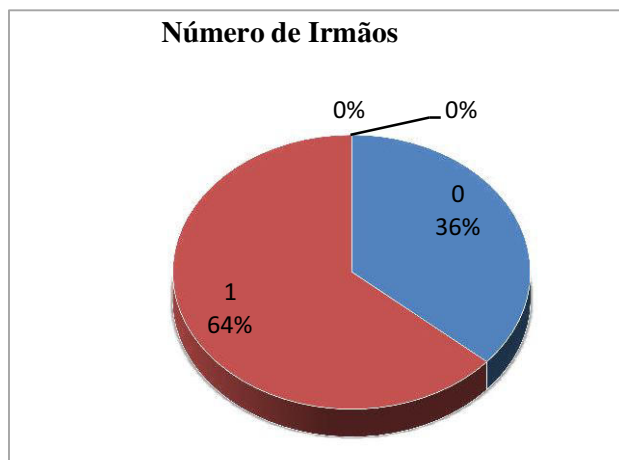


Gráfico 1. Número de irmãos
Fonte. Própria

Assim, após a análise do gráfico 3 e de acordo com o mesmo, constatamos que a maioria das crianças tem um único irmão, sendo os restantes filhos únicos.

1.3.6 Caracterização sociocultural do grupo

No que se refere à caracterização sociocultural do nosso grupo, sabemos que a família tem um papel preponderante e muito importante, nos primeiros anos de vida da criança, pois é através dos parentes mais próximos que ela faz a sua aprendizagem, contactando com a realidade social e descobrindo o mundo que a rodeia, ao mesmo tempo que interioriza modos de vida, hábitos, valores morais e culturais.

Esta influência do meio é, pois preponderante e decisiva nos primeiros anos de vida e muito importante ao longo dos anos. É com a família que a criança aprende a falar, descobre o que pode ou não fazer, ou seja aprende certos comportamentos e princípios que a regem na sua vida social, convivendo com os primeiros brinquedos, e os primeiros livros.

Nesta perspetiva, Bernstein (1996) refere que as crianças oriundas de estratos socioculturais mais baixos, apresentam códigos linguísticos menos enriquecidos e elaborados, ou seja mais simples e redutores, do que as crianças pertencentes a níveis socioculturais mais elevados.

Neste contexto, após um estudo do grupo a nível sociocultural, apresentamos os gráficos 4 e 5.

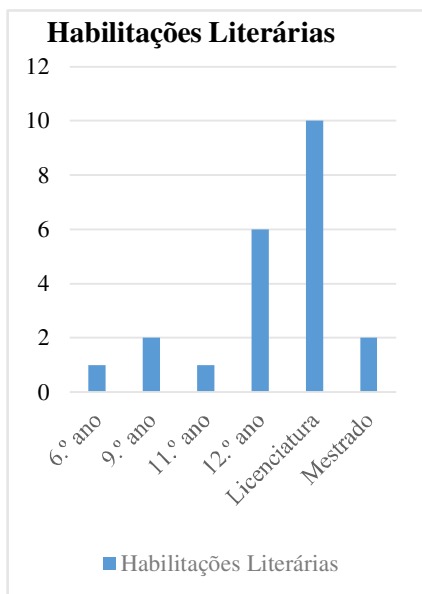


Gráfico 4. Habilitações Literárias dos pais.
Fonte. Própria.

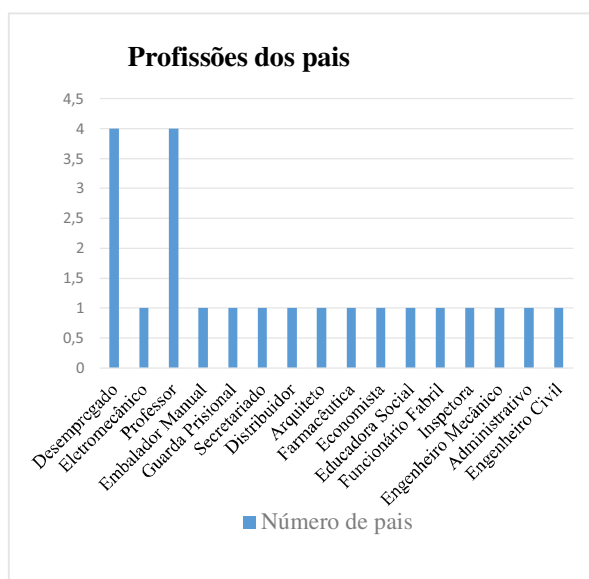


Gráfico 5. Profissões dos pais.
Fonte. Própria.

Após a análise crítica do gráfico 4, relativo às Habilitações Literárias dos pais, verificamos que a maioria concluiu a licenciatura (10 pais) e apenas 4, não concluíram o ensino secundário.

Em relação à ocupação profissional dos pais, constatamos, através do gráfico 5, que a maioria dos pais é professor, estando 4 desempregados.

Esta nossa análise é importante, pois sabemos que o meio e a família, incluídos nos fatores extrínsecos, que rodeiam a criança, segundo o modelo holístico ou ecológico, interativo, são fundamentais ao desenvolvimento do indivíduo. Assim, é neste contexto, que Tavares e Alarcão (2005) referem que o desenvolvimento humano prevê uma estrutura da personalidade, que se desenvolve no tempo de forma progressiva diferencial e globalizante, sendo conseqüentemente, necessário perceber as diferentes concepções, relativamente ao desenvolvimento da criança.

1.3.7 Características do grupo

1.3.7.1 Desenvolvimento cognitivo

Neste âmbito, Piaget (1979) dividiu o desenvolvimento cognitivo da criança em quatro Estádios, sequenciais e integradores, que se modificam, tendo em conta o modo de pensar e compreender a realidade da criança:

- o estágio Sensório-motor, que ocorre desde o nascimento até aos dois anos de idade;

- o estágio Pré-operatório, dos dois aos sete anos;
- o estágio das Operações Concretas entre os sete e os onze anos;
- o estágio das Operações Formais dos onze aos dezasseis anos.

Remetendo ao nosso grupo, salientamos que este encontra-se no segundo estágio de desenvolvimento cognitivo, denominado Pré-operatório (dos 2 aos 7 anos), cujo pensamento, Piaget (1979), caracteriza de egocêntrico e intelectual, com dificuldade em distinguir a aparência da realidade, ou seja marcado pelo raciocínio/pensamento pré-causal.

Acrescentamos que o estágio Pré-operatório subdivide-se em dois outros períodos, a inteligência simbólica e a intuitiva. Assim, salientamos que:

dos 2 aos 4 anos, a criança começa a encarar os estímulos como representativos de objectos. Começa a desenvolver-se a função simbólica, que será a base para a aquisição da linguagem. Este desenvolvimento irá permitir a aprendizagem da leitura; dos 4 aos 7 anos predomina o pensamento intuitivo, no qual a criança deduz por percepção directa, sem usar muito o raciocínio. Ela começa a desenvolver pensamentos mais complexos (Barros, 2011:19).

Noutra perspetiva também Kohlberg (1992) afirma, que tal como o desenvolvimento cognitivo, também o desenvolvimento moral deve ocorrer, tendo em conta a evolução de estádios. Neste âmbito, propõe a existência de 6 estágios de raciocínio moral, agrupados em três níveis:

- o pré-convencional (idade pré-escolar);
- o convencional (idade escolar);
- o pós-convencional (adolescência).

Neste contexto, o nosso grupo inclui-se no nível pré-convencional (idade pré-escolar), em que o certo e o errado são julgados pelo próprio indivíduo, tendo em conta não só as necessidades da criança, mas também o medo sentido e a possibilidade de receber uma punição, um castigo, por sua vez, as normas são seguidas pensando nos próprios interesses, o que revela o interesse próprio e o egocentrismo. Assim, é através das relações que este estabelece com os restantes elementos que vai criando sentimentos e conflitos.

A este nível Erikson (1963) no seu estudo defende ainda, que as crianças só serão capazes de resolver, mais tarde, os seus problemas, se conseguirem resolver os primeiros conflitos psicossociais, que ocorrem na infância.

Por sua vez Freud (1962) insistiu desde os seus primeiros ensaios, que o ser desde tenra idade tem uma espécie de necessidades de satisfação sexual, considerando cinco as etapas do desenvolvimento sexual, que denominou:

- Fase Oral (0 aos 12 meses);
- Fase Anal (1 ano aos 3 anos);
- Fase Fálica (3 anos aos 5 anos);
- Fase da Latência (6 anos aos 12 anos);
- Fase Genital (depois da puberdade).

As crianças do nosso grupo encontram-se na Fase Fálica (3 anos aos 5 anos). Durante este período, a zona erógena dominante é o pénis no rapaz e o clitóris na rapariga. As tensões descarregam-se essencialmente, pela masturbação, que é acompanhada de fantasmas, aparecendo no rapaz o medo da castração e na rapariga, a inveja do pénis, em correlação com o desenvolvimento do complexo de Édipo. Este consiste no amor intenso que o rapaz tem pela mãe e o conflito pelo pai, de amor e ódio (devido aos privilégios do pai que lhe são recusados), o que origina outro complexo, o de castração, cuja angústia o leva a renunciar à posse exclusiva da mãe.

O complexo negativo de Édipo surge quando o rapaz considera a mãe como um obstáculo do amor que tem pelo pai.

Em relação à rapariga, ela apresenta um complexo de Édipo chamado de Electra, apresentando hostilidade em relação à mãe e os seus desejos libidinosos dirigidos ao pai, mas também ela sente um grande medo parecido ao da castração. Este é resolvido lentamente e se tem um desfecho feliz a rapariga identifica-se com a mãe.

Relativamente às crianças em questão, atendendo aos estádios / níveis em que estas se encontram, ao longo da PES, foram desenvolvidas atividades que tentamos ao máximo se adequassem às características do grupo.

Assim, desenvolvemos atividades ativas e participativas, pois sabemos que a criança, é o centro das suas próprias aprendizagens, que devem ser enriquecedoras e diversificadas, visando estimular e promover ver o prazer pelo trabalho, proporcionando um ambiente agradável, favorável e harmonioso ao desenvolvimento das capacidades de cada um, respeitando o ritmo e o gosto individual. No geral, todas as crianças revelaram-se empenhadas, interessadas, motivadas e organizadas.

1.4 Caracterização da Escola Básica de Santa Zita

Sabemos que a escola é um lugar onde os alunos passam a maior parte do tempo, fazendo esta parte do meio social, é pois o local onde as crianças vão crescendo, tomando consciência dos seus atos e tornando-se cada vez mais autónomos e responsáveis.

O papel da escola é propiciar condições, para que estes se possam desenvolver, a todos os níveis, tornando possível o seu progresso no ensino regular, ou seja, é uma espaço, onde existem crianças, auxiliares e professores que trabalham, em conjunto para que ela funcione.

Neste âmbito, referem que a escola:

(...) deveria refletir antes de mais a imagem autêntica de tudo aquilo que encerra e de todos aqueles que a constituem com os seus anseios, as suas preocupações, os seus problemas, as suas alegrias e as suas penas. Só assim, a escola no pleno sentido da palavra, seria uma verdadeira comunidade (Tavares e Alarcão 2005:142-143).



Figura 13. Escola Básica de Santa Zita
Fonte. Própria

A Escola Básica de Santa Zita (fig.15) situa-se na rua Pedro Álvares Cabral, com o seguinte código de estabelecimento, 273454 e inclui o Mega Agrupamento Afonso de Albuquerque, com sede na Escola Secundária Afonso de Albuquerque.

Esta funciona desde 1971/72, inicialmente com o nome de *Escola de Nossa Senhora de Fátima*. Atualmente, por se encontrar junto da obra de solidariedade social, *Obra de Santa Zita*,

passou a denominar-se Escola Básica de Santa Zita e em 2001/02, o edifício foi remodelado e sujeito a alterações profundas, no interior e exterior.

1.4.1 Recursos físicos: o espaço interior

A este nível, podemos observar que no rés-do-chão, encontra-se a biblioteca e um salão polivalente (fig. 16), que serve de apoio às atividades extracurriculares e às de Expressão Físico-Motora e de recreio, em tempo de chuva.

Surge ainda, uma sala da Unidade de Apoio à Educação e a alunos com Multideficiência (fig. 17), além de uma casa de banho para os rapazes, um *hall* e uma escadaria que faz a ligação ao 1º piso.



Figura 16. Salão polivalente
Fonte. Própria



Figura 17. Sala dos alunos com
Multideficiência
Fonte. Própria

No que concerne à biblioteca designada por *Virgílio Afonso* (fig.18), em homenagem ao escritor egitaniense, que desde 2002 passou a pertencer à rede de bibliotecas escolares, encontra-se bem equipada e é um espaço acolhedor.

Surge, assim, dividida em dois espaços, um de leitura no qual se podem realizar consultas e requisições de livros e outro de multimédia, onde é possível aceder à internet e realizar jogos educativos e visualizar vídeos, entre outros.



Figura 14. Biblioteca Virgílio Afonso
Fonte. Própria

Relativamente ao 1.º Piso, este dispõe, de um *hall*, de uma casa de banho para adultos, de uma salinha para as Assistentes Operacionais e de outra para guardar material administrativo, havendo ainda um corredor, onde se distribuem cinco salas de aula, das quais três funcionam para apoio educativo e aulas extracurriculares, sendo também destinadas ao atendimento aos pais/Encarregados de Educação.

Em relação ao 2º Piso (fig. 19), este é constituído por um *hall*, uma casa de banho para adultos, uma para as meninas, além de outra para crianças com deficiência física.

Surge também uma sala de apoio administrativo (fig.20), e outra de recursos educativos (fig.21), bem como um corredor que dá acesso às cinco salas de aulas: quatro delas funcionam com turmas e a outra, como sala de Informática.



Figura 15. Escadaria de acesso ao 2º piso
Fonte. Própria



Figura 16. Sala de recursos educativos
Fonte. Própria



Figura 17. Sala de apoio administrativo
Fonte. Própria

No que refere ao espaço exterior, podemos constatar que este está vedado com gradeamento em ferro e é bastante amplo, com um campo de futebol e ainda um espaço para a prática de basquetebol, com duas tabelas com cesto, uma caixa de areia, um espaço para jogos tradicionais e dois espaços lúdicos apetrechados, com aparelhos de madeira, um dos quais com piso de borracha.

A escola inclui três entradas, duas que dão acesso ao rés-do-chão e outra superior, que permite chegar ao 2º piso.

1.4.2 Organização do Meio Educativo

1.4.2.1 Recursos Humanos

A Escola Básica de Santa Zita encontra-se inserida na rede pública do Ministério da Educação e atualmente funciona com 88 alunos, distribuídos por quatro salas, desde o 1º ano até ao 4º ano de escolaridade.

Relativamente aos recursos humanos nesta escola existem:

- 4 professoras titulares de turma;
- 5 professora de apoio educativo;
- 1 professora de educação especial;
- 2 professoras de Unidade de Multideficiência;
- 5 auxiliares distribuídas pelas várias valências.

1.4.2.2 Instrumentos de operacionalização

A este nível, sabemos que as professoras titulares de turma dispõem de diversos instrumentos operacionalizadores, ao longo do ano letivo, nomeadamente:

- **o Projeto Curricular do Mega Agrupamento** - documento orientador, em que surge a proposta de ação, para o sucesso dos alunos, tendo por base os seus interesses e necessidades de aprendizagem e considerado o documento base dos projetos curriculares de turma, *como Crescer para ser*;
- **o Plano Anual de atividades** – documento de planificação elaborado e aprovado, pelos Órgãos de Administração e Gestão do Mega Agrupamento, que define as atividades a desenvolver, ao longo do ano letivo, tal como, a sua organização e recursos, de forma a concretizar os princípios que constam no Projeto Educativo;
- **o Projeto Plano Nacional de Leitura** - este tem como intuito a promoção da leitura nos alunos do Ensino Básico, a fim de obter melhores resultados no domínio da literacia;
- **o Plano Anual de Trabalho** - documento de orientação, que incide nos conteúdos a lecionar, ao longo de cada período, tendo em conta as diferentes áreas disciplinares.

A gestão do tempo é definida pelo Mega Agrupamento no início do ano letivo. Nesta sequência, na tabela 2, apresentamos o horário de funcionamento da escola e das respetivas atividades letivas.

Tabela 2: Horário de funcionamento da escola e das atividades letivas

Escola		
	Entrada	Saída
Manhã	8h30min	12h30min
Tarde	13h 30min	18h
Atividades letivas		
Manhã	9h	12h 15min
Tarde	14h 16h 30min	16h 15min 17h 30min

Fonte. Informação recolhida na escola.

Como se pode constatar, na tabela acima referenciada, esta escola inclui um horário alargado no âmbito das expressões extracurriculares.

Os alunos são recebidos, pelas auxiliares de ação educativa, sendo a entrada em sala de aula às 9 horas. À hora de almoço, a maioria dirige-se aos diferentes ATL e alguns, que residem na zona, vão almoçar a casa.

No período da tarde, as crianças retornam à sala de aula, às 14 horas, terminando as atividades letivas às 16 horas e 15 minutos.

Após este horário, funcionam as atividades extracurriculares até às 17 h e 30 m, (frequentadas apenas pelos alunos inscritos).

O Ministério da Educação estabeleceu a existência de 25 horas semanais de componente letiva, repartida pelos 5 dias da semana, distribuído pelo período da manhã e da tarde.

Na tabela 3 apresentamos o horário da turma do 1º ano A 28, onde realizámos a PES II.

Tabela 3: Horário da Turma.

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h/11h	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11h15min/12h15min	Matemática	Português	Matemática	Português	Expressão Físico-Motora
14h/15h	Estudo do Meio	Apoio ao Estudo	Matemática	Apoio ao Estudo	Matemática
15h15min/16h15min	Expressão Físico-Motora	Estudo do Meio	Expressão	Estudo do Meio	Educação para a Cidadania

Fonte. Informação recolhida na escola.

1.4.3 Caracterização da sala de aula

A sala de aula é um espaço onde devemos descobrir e aprender, por vezes este lugar de aprendizagem é limitado à reprodução, à memorização e à consolidação dos conteúdos.

Neste contexto, Collares (2003: 53) preconiza e defende que a sala de aula é *um espaço de vida no qual se faz história, que é construída e reconstruída a cada dia. É um lugar onde se tomam decisões, (...), no qual todos têm o que aprender e ensinar ao outro.*

Assim, é importante afirmarmos que a sala 6, da turma do 1.º ano A 28 (fig.22) situa-se no 2º Piso.

Salientamos que esta surge adequadamente organizada e tem boa iluminação, tendo três janelas é uma sala ampla, com conforto térmico, que no inverno é efetuado, através de três radiadores, ligados a uma caldeira.

Em relação ao mobiliário, este é de madeira (mesas, cadeiras e armário) e o quadro existente tem uma dupla função, pois é reversível, ou seja, serve de tela de projeção e de quadro de giz.



Figura 18. Sala 6 da turma do 1.º ano A 28
Fonte. Própria

Possui ainda, diversos materiais: material informático, didático, expositores, entre outros. A atribuição dos lugares aos alunos não é fixa, dependendo das várias situações que vão surgindo, nomeadamente, o comportamento dos alunos e as atividades a realizar.

1.4.4 Caracterização Socioeconómica e Psicopedagógica da turma

Não existem duas pessoas iguais, cada indivíduo é um ser único. Desta forma, é necessário conhecer os alunos, com quem trabalhamos e entendermos as características de cada um. Salientando que:

Um grupo/turma pode ser visto como um sistema em desenvolvimento com a sua própria estrutura, organização e normas. As turmas podem parecer semelhantes à distância ou no papel, mas, na realidade cada uma é tão única como a impressão digital (Arends, 2008:109).

A turma onde realizamos a PES II, na Escola Básica de Santa Zita, 1º ano A 28, é constituída por vinte alunos com idades compreendidas entre os 6/7anos, sendo 8 meninas e 12 meninos, entre os quais, 2 com necessidades educativas especiais e outros 2 em abandono escolar, dado nunca terem comparecido na escola.

Neste contexto, Tavares *et al.* (2007), refere que é neste período escolar, dos 5/6 anos de idade aos 11 /12, que ocorrem diversas transformações e as crianças retêm mais informação, obtendo mais capacidades, alterando comportamentos e pensamentos e ainda apresentam pequenas mudanças a nível motor.

Ao nível do desenvolvimento cognitivo, nesta fase as crianças demonstram grande capacidade de compreensão e aprendizagem, verifica-se que estas conseguem memorizar e repetir diversos conteúdos.

Para Piaget (s/d, cit. por Tavares *et al.*, 2007), *as crianças no período escolar encontram-se ainda no fim do estágio pré – operatório e estágio das operações concretas.*

Neste âmbito, através da análise da tabela 4, podemos verificar as características de pensamento de cada um dos estádios, e as suas alterações, que passam de um pensamento rígido e marcado pelo egocentrismo, para um pensamento menos egocêntrico.

Tabela 4: Comparação entre o pensamento pré-operatório e o operatório concreto

Estádio Cognitivo	Período Etário	Características de pensamento
Pré-operatório	2-5/7	Rígido, Estático e irreversível; Focado no aqui e agora; Centrado numa dimensão egocêntrico; Focalizado na evidência sensorial; Intuitivo.
Operatório Concreto	5-7/12	Flexível e reversível; Não limitado ao aqui e agora; multidimensional; Menos egocêntrico; Marcado pelo uso da inferência lógica; Marcado pela procura de relações causa efeito.

Fonte: Própria, adaptado de Piaget (1979).

No que concerne ao desenvolvimento motor não se verificam grandes transformações e é nesta fase que o crescimento é lento, sendo contudo, muito importante para a aquisição do aperfeiçoamento das habilidades.

Em relação à nossa turma, salientamos que se encontra no estágio Pré-operatório, apresentando ainda certas características marcadas por determinado egocentrismo.

Deste modo, após o estudo do grupo, apresentamos na tabela 4, diversos indicadores comportamentais, por nós observados, registados e analisados, segundo indicação da professora cooperante.

Tabela 5: Indicadores comportamentais

NOMES	Comunicati vo	AnsiOSO	Calmo	Agressivo	Espontâneo	Sociável	Egoísta	Colaborante	Observador	Participativ	Autônomo	Organizado	Criativo	Atento	Respeitador	Expressivo	Alegre	Impulsivo	Responsáve
AL	X	X		X			X											X	
AJ		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AF			X					X											
AP	X					X		X		X	X	X		X	X		X		X
BM	X				X	X		X	X							X	X	X	
CD		X			X	X										X	X		
CA	X		X			X		X		X	X			X	X		X		X
DM		X		X														X	
GS	X	X			X			X	X	X	X	X		X	X				X
LA	X																	X	
LP								X	X		X			X	X				X
MS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MD		X							X						X				X
NM	X			X	X	X										X	X	X	
NC		X						X											
RG				X			X												X
RP		X			X	X												X	
RS			X																
ST	X				X	X				X								X	
SC			X											X	X				X

Fonte: Própria.

Após a análise crítica e reflexiva da tabela 4, é importante salientar que é um grupo muito falador, imaturo, com muita dificuldade no cumprimento de regras, gerando alguns conflitos entre si.

Alguns alunos ainda não têm uma postura correta, não conseguindo permanecer sentados e atentos, provocando constantes chamadas de atenção, interrupções e a desconcentração dos colegas.

É notório que os restantes são trabalhadores e estão bastante motivados, no que concerne à aprendizagem, gostando de estar sempre ocupados, sendo empenhados, interessados e participativos. No entanto, alguns só participam quando solicitados, devido à sua timidez.

Relativamente ao trabalho, em casa, a maioria revela um estudo diário e bons hábitos de trabalho, mas outros demonstram falta de acompanhamento e desinteresse familiar.

Destacamos ainda que há, um aluno com necessidades educativas especiais, apoiado pela equipa que se encontra na sala da Multideficiência, e que é bem aceite pelo grupo, tentando interagir com os colegas através do seu sorriso e de pequenos gestos.

De um modo geral, referimos que é uma turma assinalada com bom comportamento.

Neste contexto, é essencial percebermos que:

desde que nascem, as crianças vivem numa família que representa o modelo de interação mais precoce que estabelecem com o mundo, é natural que as crianças estejam profundamente motivadas para imitar os membros da família nas suas crenças, atitudes e ações (Magalhães, 2007:50).

Sendo assim, salientamos que é notória, a grande influência que as famílias e o meio exercem sobre as crianças, condicionando as suas próprias características. Tal é determinante e decisivo para o sucesso escolar, ou seja, uma criança pouco estimulada, com poucas expectativas e cujos pais não se interessam pela sua escolaridade, dificilmente terá sucesso, no seu percurso de aprendizagem escolar. Para além do meio, as condições económicas culturais e sociais são relevantes para o seu desempenho escolar.

Após a análise do Plano da Turma, é-nos possível constatar que as famílias dos nossos alunos pertencem a um grupo socio cultural de nível médio – baixo.

Por sua vez, através da análise dos gráficos 6 e 7 abaixo indicados, podemos inferir que apenas duas mães possuem o Ensino Superior e que as restantes habilitações são iguais, ou inferiores ao 3º Ciclo.

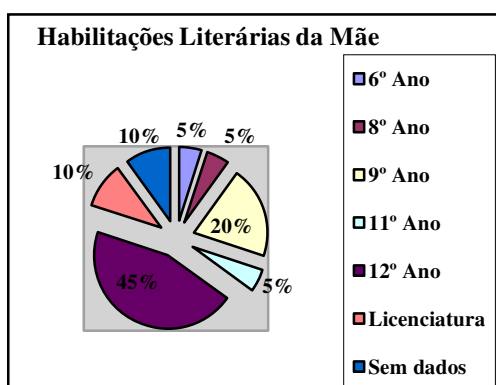


Gráfico 6. Habilitações literárias da Mãe.
Fonte. Própria

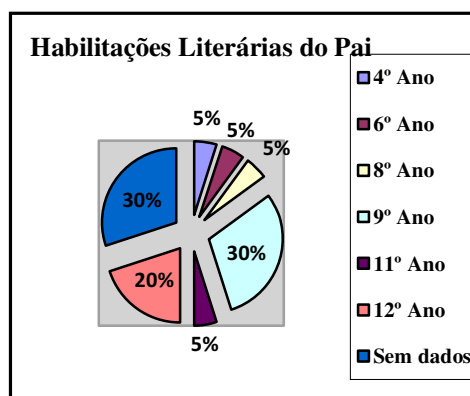


Gráfico 7. Habilitações do Pai.
Fonte. Própria.

O nível de escolaridade dos pais pode ser consequente deste agente determinante, porém o fator que pode beneficiar o desenvolvimento intelectual e o sucesso escolar, é a atenção que os pais dedicam ao processo educativo dos seus educandos.

Relativamente ao número de irmãos, apresentamos de seguida o gráfico 8 clarificador, em relação ao número de irmãos.

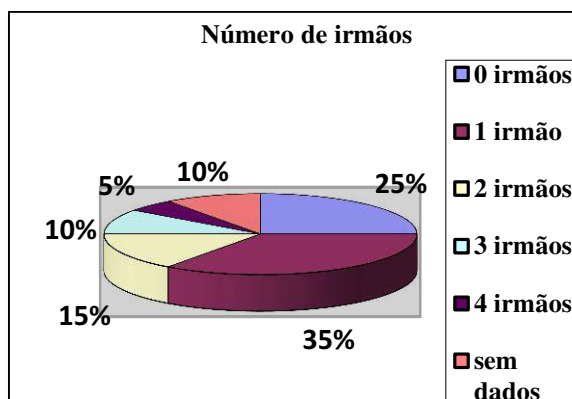


Gráfico 8. Número de irmãos dos alunos.
Fonte. Própria

Assim, após a análise do gráfico 8 e de acordo com o mesmo, inferimos que maioritariamente os elementos do grupo possuem apenas um irmão, seguindo-se os filhos únicos e os que têm apenas dois irmãos e alguns alunos têm três irmãos. Constatamos que com uma percentagem mais baixa surgem os que têm quatro irmãos, havendo ainda uma percentagem de algumas crianças que não respondem.

Capítulo II

Descrição do Processo da Prática de Ensino

Supervisionada I e II

2.1 Período de observação: a importância da observação

Debruçando-nos de imediato sobre a questão da observação em contexto formal, no que concerne ao processo de aprendizagem, consideramos que esta assume uma extrema importância, uma vez que constitui um momento fundamental, crucial e imprescindível, no processo de aprendizagem, do aluno em formação inicial.

Sabemos pois, que possibilita ao futuro educador/professor contactar e enfrentar a realidade do meio escolar, interligando a teoria e a prática e desenvolvendo competências a diversos níveis: da observação, da planificação e da reflexão. Assim, fomenta consequentemente, o saber-fazer e o saber pedagógico, promovendo a capacidade de refletir sobre as atividades/estratégias de ensino.

Deste modo, debruçando-nos sobre a observação, referimos que:

(...) só a observação permite caracterizar a situação educativa à qual o professor terá de fazer face em cada momento. A identificação das principais variáveis em jogo e a análise das suas interações permitirão a escolha das estratégias adequadas (Estrela e Estrela, 1978:57).

Neste contexto, enfatizamos que a fase de observação é de extrema importância, permitindo-nos conhecer e preparando-nos para interagir com o grupo/turma, através da Prática Pedagógica. Assim, ao observarmos temos a possibilidade de conhecer as características das crianças e adequar o processo educativo, de acordo com a sua faixa etária, o seu nível cognitivo e as suas necessidades educativas.

Consequentemente e pela extrema importância inerente à observação, a PES começou, com duas semanas iniciais, dedicadas unicamente à observação efetuada, em cada um dos ciclos respetivamente. Durante este período, que é essencial e serve para obtermos as informações necessárias, relativamente ao espaço pedagógico e contexto que rodeia a criança, ou seja o conhecimento da dimensão fática da educação, incidindo ainda nos recursos humanos, sobretudo porque mais importante no grupo / turma.

Neste âmbito, salientamos que a *observação é um processo que inclui a atenção voluntária (...) sobre um objeto para dele recolher informações* (Damas & Ketele, 1985:11).

Após o período de observação e à medida que fomos conhecendo o grupo/turma, tornou-se necessário planificar, pois é a partir desta que se deve promover um ambiente estimulante, motivador e produtivo, em que as crianças/alunos se desenvolvam e efetuem aprendizagens diversificadas, ativas e significativas.

2.2 A importância da Planificação

Nesta sequência, após a observação e antes de iniciarmos as nossas regências, é fundamental e de extrema necessidade planificar, em relação ao que pretendemos atingir e às metodologias, técnicas e recursos a utilizar, além dos conteúdos a aprofundar, pelo que remetemos a algumas considerações, na perspectiva de certos autores:

a planificação é uma actividade que consiste em definir e sequenciar os objectivos do nosso ensino e da aprendizagem dos nossos alunos, determinar processos para avaliar se eles foram conseguidos, prever algumas estratégias de ensino/aprendizagem e seleccionar materiais auxiliares (Tavares & Tavares, 2005:158).

Inferimos assim, que a planificação é essencial e fundamental, mas também funcional e pessoal, pois a questão fulcral, não é apenas a forma como se planifica, mas sobretudo as actividades a promover e os princípios que sustentam as diferentes formas de as organizar.

2.3 A importância da reflexão

Em relação à reflexão, constatamos que surge neste processo, como uma fundamental e essencial, sendo uma constante, que deve estar sempre subjacente a todo o processo da PES, ou seja, esta deve permanecer ao longo, durante e após a exequibilidade da planificação, sendo:

um instrumento de mediação da acção, no qual se usa o conhecimento para orientar a prática; a reflexão como modo de optar entre visões do ensino em conflito, na qual se usa o conhecimento da prática; e a reflexão como uma experiência de construção, no qual se usa o conhecimento como forma de auxiliar os professores a apreender e a transformar a prática (Zeichner, 1993:32).

Reiteramos, assim, que é pela reflexão que o educador/professor vai repensar criticamente a sua Prática Pedagógica e reformulá-la, se necessário, de acordo com o feedback, otimizando o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, as suas técnicas, estratégias, metodologias e recursos, tornando-se assim, responsável, mais consciente e melhor profissional. Este momento é crucial e de grande riqueza, pois proporciona-lhe consequentemente, diversas oportunidades, para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Nesta sequência, faremos uma breve reflexão crítica, sobre as experiências mais marcantes e conducentes a aprendizagem significativas, por nós promovidas e efetuadas ao nível da PES, visando como finalidade essencial dar a conhecer o nosso trabalho desenvolvido e a sua exequibilidade.

2.4 Considerações gerais em relação a PES I

As Orientações Curriculares em relação à Educação Pré-Escolar surgiram em 1997 e, de acordo com as mesmas, estas integram uma série de princípios que visam apoiar o educador, no que concerne às Práticas Pedagógicas e ao processo educativo a desenvolver com as crianças.

Neste âmbito, o educador passa a ser o gestor do currículo e deve construí-lo com a equipa pedagógica, atendendo aos saberes das crianças e suas famílias, e também às solicitações de outros níveis educativos.

Sabemos que *a educação Pré-escolar é a primeira etapa de educação básica no processo de educação ao longo da vida*, Silva (1997:17) conseqüentemente, é nesta etapa que se criam condições necessárias para que as *crianças aprendam a aprender*. Podemos, assim considerar que é nesta fase que elas começam por construir, de certa forma o seu conhecimento.

2.5 Descrição do Processo da Prática de Ensino Supervisionada- PES I

2.5.1 Contexto institucional

A nossa experiência da PES I no Pré-escolar, como já referimos, anteriormente, foi realizada entre o dia 24 de fevereiro e 9 de junho de 2015, no Jardim de Infância de Alfarazes, com um grupo constituído por 11 crianças, com idades compreendidas entre os 4/5anos.

Neste estágio o grupo incluiu duas alunas estagiárias, trabalhando em conjunto, efetuando a mesma planificação e realizando as atividades em parceria. Conseqüentemente, o nosso trabalho foi muito gratificante e produtivo, na medida em que pudemos partilhar ideias e, assim, realizarmos e fomentarmos as mais diversas atividades.

A docente supervisora, neste ciclo foi a Professora Filomena Velho e a docente cooperante, a educadora Maria da Conceição Silva, que também era coordenadora do Jardim de Infância.

A observação foi realizada nas duas primeiras semanas da PES, de modo a obtermos dados e informações sobre o grupo.

Neste âmbito, Silva (1997:40) refere que, *o tempo educativo tem em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade*, ou seja, o tempo educativo contempla diversas atividades e ritmos, possibilitando oportunidades de aprendizagem diversificadas, tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo e a rotina, ajudando as crianças a serem mais responsáveis, confiantes, cooperativas e autónomas.

Finda a observação, surgiu o momento de planificar de acordo com as OCEPE, tornando exequível, na prática as atividades, tendo em atenção as áreas de conteúdo, os objetivos a desenvolver, as estratégias a utilizar, os materiais e a avaliação, pelo que iremos debruçar-nos sobre o trabalho desenvolvido, enfatizando as atividades mais eficazes e conducentes a verdadeiras aprendizagens significativas e ativas.

Assim, salientamos que as nossas planificações tiveram sempre subjacente e em consideração, a realidade, ou seja, tentámos partir sempre, das vivências das crianças, do contacto com o meio, tal como o já preconizado, pela Escola Nova e seus precursores, *escola pela vida e para a vida*, Decroly (1871-1932).

Neste contexto, enfatizamos que tentamos planificar, sempre de acordo com os conteúdos a lecionar, incidindo nos mais importantes e significativos. Neste contexto, esforçamo-nos por promover metodologias ativas e baseadas no aprender fazendo, fomentando nas crianças o dinamismo e a ação, ou seja a experimentação, tendo subjacente o construtivismo, conducente a aprendizagens significativas.

Deste modo, partilhamos algumas das várias atividades e estratégias mais marcantes e que tornamos exequíveis e pensamos mais profícuas porque levaram a verdadeiras aprendizagens duradoras no tempo e passíveis de aplicação a novas situações. Neste contexto, fomentamos ainda tarefas adequadas, em que a criança se envolve, participa, age e experimenta, suscitando a sua motivação e o interesse, incentivando debates e discussões críticas que aprofundam e maximizam conhecimentos, além do enriquecimento da cultura geral.

Passamos, de imediato à abordagem das diversas atividades promovidas nas diferentes áreas de conteúdos e domínios, salientando as três áreas de conteúdo:

- a Área de Formação Pessoal e Social;
- a Área de Expressão/Comunicação, incidindo no domínio das expressões (motora, dramática, musical e plástica), devendo ainda desenvolver-se o domínio da linguagem oral, e a abordagem à escrita e o domínio da matemática;
- a Área de Conhecimento do Mundo.

Enfatizando que estas áreas e domínios segundo Silva (1997), embora separados devem ser trabalhados em conjunto, de forma a procurar uma construção articulada do saber, em que as áreas devem ser abordadas de uma forma globalizante e integrada.

2.5.2 As Experiências desenvolvidas no Pré-escolar

2.5.2.1 A Área de Formação Pessoal e Social

Relativamente à Área de Formação Pessoal e Social, esta é considerada uma área transversal, uma vez que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nas crianças valores e atitudes, que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-as para a resolução de problemas da vida e inserindo-as na sociedade, como seres autónomos e livres.

Deste modo, promovemos e realizamos variadas atividades dinâmicas e em grupo, salientando sobretudo uma das mais significativas e marcantes, talvez porque alusiva aos sentimentos e às diferentes raças.

Assim, através do jogo do dado, como se verifica na fig. 23 (Apêndice1), cada criança devia lançar o dado e de acordo com a respetiva imagem expressar o sentimento que a mesma lhe suscitava, imitando e recriando a imagem, através da expressão facial e corporal.

Deste modo, apelando à criatividade, *poiesis vs mimésis*, tal como preconiza Filipe Rocha (1971), procuramos realizar atividades que fomentassem sempre a descoberta de valores, do espírito crítico, da autonomia da criança e do grupo, do saber-fazer, além do cumprimento de regras e da capacidade de resolver problemas.



Figura 19. Jogo dos sentimentos
Fonte. Própria

2.5.2.2 A Área de Expressão e Comunicação

Respetivamente ao Domínio das diversas Expressões: motora, dramática, musical e plástica, ao longo do estágio, estas foram muito abordadas e exploradas. Assim, sabemos que cada uma tem a sua especificidade própria, porém devem estar intimamente relacionadas, pois completam-se mutuamente, sendo meios de comunicação que apelam para uma sensibilização

estética, exigem um progressivo domínio de técnicas e instrumentos e pressupõem a intervenção do educador, pois comportam uma dimensão educativa.

2.5.2.3 A Expressão Motora

Debruçando-nos agora, em relação ao domínio da expressão Motora, sabemos que as crianças, quando entram para o pré-escolar já possuem algumas aquisições motoras básicas, como correr, andar, saltar, manipular e transpor obstáculos.

Assim, das atividades por nós planeadas e exequíveis salientamos algumas das que consideramos mais importantes para o desenvolvimento da criança, suscitando, em simultâneo grande motivação e entusiasmo, pois englobavam exercícios de locomoção, (correr, trepar e andar), outros de controlo voluntário dos movimentos (parar, seguir várias direções, ou baloiçar) que provocam a inibição do corpo, *o jogo dos balão e da cadeira*, como podemos constatar na fig. 24 e 25 (Apêndice 2).



Figura 20. *Jogo do balão*
Fonte. Própria



Figura 21 *Jogo da cadeira*
Fonte. Própria

Para além destes exercícios, salientamos outros que estimulavam a motricidade fina, como receber e projetar objetos, com os membros superiores e inferiores.

Estes exercícios eram realizados, na sala de aula, ou no salão polivalente, utilizando os materiais aí presentes, ou em espaços exteriores, recorrendo a elementos da natureza. A expressão motora pode ligar-se à dança e à expressão musical, através do ritmo, dos sons produzidos com o corpo acompanhados de música. Estas atividades fazem com que a criança conheça melhor o seu corpo e o utilize para se expressar.

Inferimos assim, que estas aprendizagens tornam-se cada vez mais complexas, ao longo do processo de ensino e aprendizagem e para que exista progresso, o educador deve proporcionar momentos de *exercício da motricidade global e também da motricidade fina de*

modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo (Silva, 1997:58).

2.5.2.4 A Expressão Dramática

No que concerne à Expressão Dramática, Silva (1997) reiterando as OCEPE, salienta a sua importância ao nível das interações que o grupo estabelece entre si, possibilitando assim a descoberta de si e do outro, através do jogo simbólico.

As atividades referentes a esta expressão relacionam-se com a exploração do corpo, da voz, do espaço e de objetos, através de situações imaginárias que estimulam inteiramente a criatividade da criança.

Das várias atividades realizadas, destacamos porque muito criativa e do gosto de todas as crianças, a que tinha como temática a *Primavera*, sendo lida a história *Adivinha o quanto eu gosto de ti na Primavera* (Anexo 1).

Posteriormente, foi efetuado o reconto da mesma, pelas crianças, utilizando os fantoches, através de um cenário representado, nas fig. 26 e 27 como se verifica em Apêndice 3.

Todas as crianças demonstraram muito interesse e participaram ativamente, quer no reconto da história, quer na manipulação dos fantoches, podendo verificar-se que cada uma fazia a sua própria leitura da história.



Figura 22. Teatro Fantoches
Fonte. Própria



Figura 23. Leitura do Livro
Fonte. Própria

2.5.2.5 A Expressão Musical

Relativamente à Expressão Musical e de acordo com o documento orientador do Pré-Escolar (1997) a expressão musical possibilita a exploração de sons e ritmos, de forma espontânea. Através desta, o grupo beneficia do contacto com elementos musicais, tais como: a intensidade, a altura, o timbre, a duração e a capacidade de reproduzir sons.

Assim, ao longo da PES I, foram várias as atividades centradas na expressão musical, uma vez que a música foi a temática escolhida pela instituição para servir de base às atividades realizadas durante o ano letivo.

Neste âmbito, uma das tarefas a salientar em relação a esta expressão foi o ensino dos diferentes instrumentos musicais (precursão, sopro e cordas), quer em contexto educativo, a nível formal, como se observa na figura 28, quer a nível informal, em ligação à comunidade.



Figura 24 Diferentes instrumentos musicais
Fonte. Própria

Este tema foi muito explorado e o grupo demonstrou grande interesse e facilidade na memorização de músicas e no contacto com vários instrumentos musicais (Apêndice 4).

Nesta sequência, a nível informal, em ligação com a comunidade, desenvolvemos a exequibilidade de uma outra atividade, em ligação com a comunidade, promovendo uma visita de estudo ao exterior, indo ao Conservatório de Música da Guarda, como se verifica na fig. 29, onde puderam visualizar e contactar com os mais diversos instrumentos, já mais sofisticados e complexos.



Figura 25. Visita ao Conservatório de Música na Guarda
Fonte. Própria

Relacionada com a música surge a dança e neste âmbito, como complemento das atividades realizadas, planeamos uma visita de estudo ao IPG, mais especificamente à sala de música e de dança.

Aí, tiveram a possibilidade de vivenciar e dançar numa aula de *Zumba*, bem como conhecerem novos instrumentos e adquirirem novas aprendizagens relativas à música.

Ainda neste contexto, o grupo ensaiou uma coreografia da música dos *ABBA*, *Mamma Mia* (fig.30), para apresentar no último dia do nosso estágio, à restante comunidade escolar.

Assim, o contacto com a música promove, na generalidade, o desenvolvimento global da criança, pois através desta expressão os elementos desenvolvem transversalmente outros saberes.



Figura 26. Apresentação da coreografia à comunidade escolar
Fonte. Própria

2.5.2.6 A Expressão Plástica

Relativamente à Expressão Plástica, as OCEPE (1997) referem que esta permite à criança o contacto com diferentes materiais e técnicas, pois através da sua manipulação descobrem-se novas formas de representar e expressar sentimentos, em relação ao mundo que rodeia e circunda a criança. Assim, é importante ir ao encontro das crianças, entender o que pensam, sentem e deixá-las ser espontâneas, uma vez que a criatividade está associada à espontaneidade.

Neste âmbito, foram várias as atividades realizadas, como o recorte e a dobragem, visando a elaboração de borboletas, a picotagem para a construção de flores, a colagem de folhas numa árvore representativa da Primavera, para explorarmos as estações do ano; a modelagem de um vaso que serviu de suporte à sementeira da *erva* e o desenho muitas vezes como registo das atividades, ou desenho livre, utilizando diversas técnicas como se verifica nas figuras 31 e 32 (Apêndice 5).



Figura 31. Desenho (digitinta)
Fonte. Própria



Figura 32. Desenho livre
Fonte. Própria

Neste sentido, a criança desenvolve um processo imaginativo e criativo, através das várias atividades realizadas, nomeadamente o desenho, a picotagem, o recorte, a colagem e a modelagem (que pode ser trabalhada e explorada a duas e três dimensões) e com materiais diversificados. No que concerne aos materiais utilizados, salienta-se a questão da qualidade e quantidade, devendo estes serem adequados às respetivas idades das crianças, para que consigam executar as tarefas idealizadas.

Desta forma, a mesma desenvolve a criatividade, imaginação, o sentido estético e a motricidade.

2.5.2.7 A Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e abordagem à escrita

No que concerne à área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita pretendemos desenvolver nas crianças a linguagem e a comunicação oral. Este aspeto, ao nível do Pré-escolar é muito importante, na criação de oportunidades enriquecedoras para o desenvolvimento de capacidades linguísticas das crianças.

Neste contexto, procurámos em momentos de pequeno e grande grupo, criar diálogos, que visassem o uso correto de uma construção frásica, quer de acontecimentos diários, quer sobre as diversas temáticas exploradas, ou através do conto de histórias, pois *a qualidade do contexto influencia a qualidade do desenvolvimento da linguagem* (Sim-Sim, Silva e Nunes, 2008:12).

Neste âmbito, uma das atividades realizadas foi a leitura e interpretação da história *Coração de Mãe*, de Isabel Minhós Martins (Apêndice 6), e após a leitura e o reconto da mesma, cada criança teria que dizer algo, exprimindo características, sentimentos e afetos, em relação à sua mãe, indicando um adjetivo que a qualificasse. Como forma de registo da atividade o grupo fez o desenho (fig.33) e nós, (estagiárias e educadoras) registamos no desenho de cada um a frase referida e criada pelas crianças, para que assim o grupo entendesse que as letras (símbolos organizados) formavam palavras que expressam o que queremos comunicar.



Figura 27. Registo da história *Coração de Mãe*
Fonte. Própria

Relativamente ao domínio da Linguagem Escrita e abordagem à escrita, sabemos que assenta numa perspetiva de literacia enquanto competência global, partindo da leitura da

realidade das *imagens* interpretando-as e questionando-se para que serve a escrita, mesmo sem saber ler. Assim, também, nós defendemos que:

as crianças só desenvolvem as suas concepções quando se envolvem em tarefas em que têm oportunidades de refletir, quer sobre as finalidades da escrita e da leitura, quer sobre as suas características, critérios e convenções subjacentes (Mata 2008:70).

Outro ponto fulcral foi a comunicação não-verbal, pois é através do desenho que a criança consegue narrar a história, representar momentos de um acontecimento, porém e apesar do desenho ser a forma de escrita utilizada pelas crianças no Pré-escolar, tentamos sempre complementá-la com a comunicação verbal, procurando promover ambos os códigos e aplicá-los, em simultâneo.

2.5.2.8 O Domínio da Matemática

No que se refere ao domínio da matemática, sabemos que foi através de Piaget (1979) que se fizeram as primeiras investigações fundamentais realizadas à volta do número, focando-se no desenvolvimento do conceito de número, na construção do mesmo, paralelamente ao desenvolvimento do seu sentido lógico, ou seja, o período pré-lógico da criança (5/6 anos) que corresponde ao seu período pré-numérico.

Estas ideias defendidas ainda hoje estão subjacentes nas Orientações (Silva, 1997:73), salientando o papel da matemática na estruturação do pensamento, as suas funções na vida corrente e a sua importância para aprendizagens futuras, determina a atenção que lhe deve ser dada na educação pré-escolar, cujo quotidiano oferece múltiplas possibilidades de aprendizagens matemáticas.

Neste âmbito, salientamos uma das atividades efetuadas pelas crianças, que na nossa opinião foi muito significativa e conducente a verdadeiras aprendizagens, tal como se observa na fig.34.

Esta baseava-se na manipulação de materiais (Blocos Lógicos), visando a formação de conjuntos, tendo em consideração a cor, a forma e o tamanho.

Assim, inicialmente as peças encontravam-se dentro da caixa e uma criança, aleatoriamente retirava uma peça. De seguida, outra criança tinha que escolher uma peça que deveria ter, pelo menos uma característica comum à peça anterior (cor, forma, tamanho e espessura).



Figura 28. Jogo de Blocos Lógicos
Fonte. Própria

Foram também, desenvolvidas diversas noções matemáticas, que fundamentais na nossa perspectiva, porque estão intrinsecamente ligadas ao quotidiano, recorrendo ao momento da rotina diária, através da marcação das presenças no respetivo quadro (fig.35), sendo numa fase posterior contadas as crianças presentes e ausentes, incidindo em jogos de mesa, ou com atividades planeadas, sendo os objetivos primordiais desenvolver a noção de número e quantidade, a formação de conjuntos, mediações e formas geométricas.

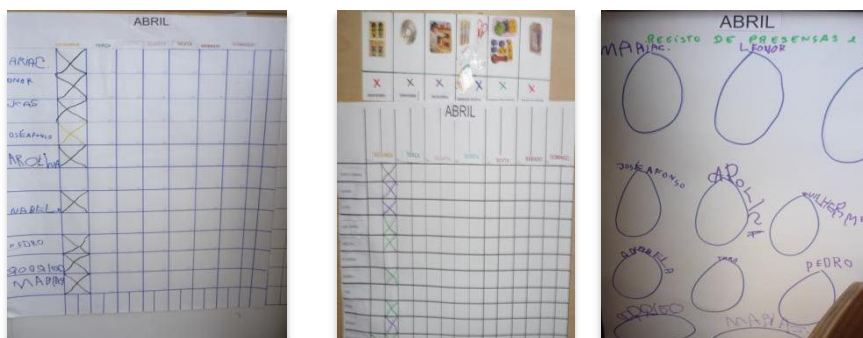


Figura 29 Quadros de registos
Fonte. Própria

Neste contexto, a construção de noções matemáticas assenta na vivência do espaço e do tempo, tendo como base as atividades livres e espontâneas das crianças. Assim, uma que também se destacou foi a música do *Coelhinho da Páscoa*, com o jogo *Caça o ovo*, onde esteve presente a interdisciplinaridade entre a expressão musical, o domínio da matemática e o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita (Apêndice7).

É através da manipulação de objetos que estão num determinado espaço, que as crianças adquirem certas noções: longe/perto, dentro/ fora, em cima/em baixo, aberto/fechado, que adquirem princípios lógicos, permitindo-lhes classificar objetos, de acordo, com as propriedades de forma a estabelecer relações entre eles.

2.5.2.9 A Área de Conhecimento do Mundo

Em relação à área de Conhecimento do Mundo, sabemos que ao longo da sua exploração as crianças demonstram grande interesse pela observação do mundo que as rodeia e, por essa razão, a educação pré-escolar deve proporcionar atividades conducentes à descoberta e construção do seu próprio conhecimento.

Neste âmbito, tentamos partir da curiosidade natural das crianças e do seu desejo de conhecer e saber, dando-lhes resposta através de diversas atividades, passando a salientar a confeção de um bolo de chocolate (fig.36).



Figura 30. Confeção de um bolo
Fonte. Própria

Referimos ainda uma das atividades que mais nos marcou, pela participação extremamente ativa das crianças, aquando da plantação de uma pequena horta, (fig.37), verificando-se uma grande curiosidade e interação.



Figura 31. Plantação de uma Horta pedagógica
Fonte. Própria

Paralelamente a esta atividade, realizamos com o grupo, numa casca de ovo com terra a sementeira de *erva*, sendo-lhes incutida a responsabilidade de a regar, como podemos observar na fig. 38.



Figura 32. Germinação da erva
Fonte. Própria

Relativamente aos temas aprofundados e explorados, de um modo geral, deduzimos que todas as crianças possuem um grande conhecimento, em relação ao *mundo* que as rodeia. Nesta sequência, as atividades elaboradas foram muito gratificantes e motivadoras, sendo notório, pela manifestação de empenho e interesse das crianças

As crianças mostraram-se curiosas e empenhadas em saber um pouco mais sobre assuntos que de alguma forma já conheciam, mas que pretenderam explorar e descobrir. Neste nível de ensino, não se pretende que as crianças dominem os conhecimentos relacionados com os conteúdos científicos, mas sim, sensibilizar o grupo para os problemas do mundo, com o intuito de o proteger e cuidar.

2.6 Reflexão sobre a PES I

Ao finalizarmos a PES I é importante refletir sobre a mesma, o que correu bem, o que correu menos bem, se os objetivos foram ou não alcançados. Podendo constatar que para o sucesso do ensino e aprendizagem está subjacente o meio, a escola, a sala de aula, as boas relações entre a comunidade escolar e os métodos utilizados.

Neste sentido, salienta-se que as atividades realizadas partiram sempre dos conhecimentos prévios das crianças, com o fim de os tornar cada vez mais complexos, de uma forma motivadora e lúdica. As planificações foram realizadas segundo as orientações das OCEPE, tendo em conta o grupo em questão, contudo algumas vezes foram alteradas, pela curiosidade de temas que surgiam no contexto, existindo uma necessidade de resposta a essa curiosidade, mas no geral foram realizadas com sucesso, uma vez que o grupo atingiu os objetivos propostos desde o primeiro dia. Este mostrou-se um grupo muito empenhado e

trabalhador, com grande espírito de equipa e interajuda, com o qual gostámos muito de trabalhar.

Foram semanas de aprendizagem, não só pelas crianças, mas também para nós, uma vez que só na prática é possível compreender o funcionamento de uma sala do pré-escolar, ou seja nessas semanas, foi possível aplicar na prática a teoria apreendida e depararmo-nos com diversas situações, com as quais contactaremos num futuro próximo.

Agradeço, assim, à educadora cooperante, que sempre nos apoiou, incentivou e esclareceu nas dúvidas que iam surgindo, a toda a equipa escolar que nos recebeu e aceitou muito bem e às crianças que são a razão de ser de todo o nosso esforço e empenho.

Termino esta etapa, com a certeza do dever cumprido e com a convicção que iremos tornar exequível na prática as aprendizagens adquiridas.

2.7 Descrição do Processo da Prática de Ensino Supervisionada - PES II

A PES II, neste ciclo de ensino, decorreu na Escola Básica de Santa Zita, numa turma do 1º ano, com idades compreendidas entre os 5 e os 7 anos, entre o dia 6 de outubro de 2015 a 6 de fevereiro de 2016, com a supervisão da docente Florbela Rodrigues e, tendo como cooperante, a professora Fátima Silva Leitão.

As duas primeiras semanas foram de observação, visando o contacto com a realidade do espaço escolar, para observar e indagar as estratégias e os métodos mais profícuos adotados às diferentes características dos alunos.

Todas as atividades implementadas tiveram em consideração as planificações, referentes a todas as áreas curriculares, subjacentes ao programa curricular previsto, pelo Ministério da Educação e que deve ser seguido, com a finalidade do sucesso escolar. Estes documentos são a Organização Curricular e Programas do 1º CEB, (2004), os novos Programas de Português (2009 e 2015), e de Matemática (2013), tal como as brochuras do Programa Nacional Do Ensino do Português (PNEP), publicadas pelo Ministério da Educação - Direção – Geral de Inovação e de desenvolvimento Curricular, em 2007/2008.

Neste âmbito, no decorrer do estágio, as planificações desenvolvidas foram planeadas para o 1º Ano do 1º CEB, existindo sempre uma preocupação em abordar todas as áreas de uma forma lógica e sequenciada, tendo em consideração as conceções alternativas das crianças.

Assim, salientamos que os objetivos, as estratégias, os recursos e a avaliação foram definidos diariamente, consoante o horário e os conteúdos programáticos do plano da docente da turma, tendo também em conta os conteúdos subjacentes às disciplinas de Português, Estudo do Meio e Matemática, como também do manual escolar.

Ao planear as atividades *o professor deve considerar que esta é uma etapa importante no ciclo de aprendizagem e deve estar harmoniosamente relacionada às demais etapas desse processo*, (Marcozzi, Dornelles & Rêgo, 1980: 247).

Relativamente à avaliação salientamos que foi realizada, através de observações diretas e indiretas e de fichas formativas e sumativas elaboradas por nós.

2.7.1 A área curricular de Português

No que concerne à área curricular de Português no 1º CEB, surgem como domínios da disciplina a Oralidade, a Leitura e a Escrita, além da Educação Literária e a Gramática

De acordo com o Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico, o domínio da oralidade, salienta como essencial:

a aquisição das regras inerentes ao princípio de cortesia e ao princípio de cooperação, o desenvolvimento das capacidades articulatórias e prosódicas, o da capacidade de compreensão do oral e o da capacidade de expressão oral (Ministério da Educação 2015:7).

O mesmo documento reitera, mencionando que a leitura e a escrita constituem um só domínio e que *sendo funções distintas, elas apoiam-se em capacidades que lhes são em grande medida comuns*. Refere ainda, a importância da leitura e da escrita na interligação com a oralidade, ou seja a linguagem escrita é a representação da linguagem oral, pois o sistema de escrita que utilizamos representa uma estrutura fonológica da língua, os fonemas.

Em relação ao domínio da Educação Literária o Programa enfatiza que:

vem dar mais consistência e sentido ao ensino da língua fortalecendo a associação curricular da formação de leitores com a matriz cultural e de cidadania. Ouvir ler e ler textos de literatura infantil é um percurso que conduz ao objetivo prioritário de compreensão de textos e é um estímulo à apreciação estética (Ministério da Educação, 2015:7).

Visando a consecução deste domínio foi elaborada pelo Ministério da Educação (2015:8), uma seleção de obras e textos literários para leitura anual, válida a nível nacional, salientando-se que *estas leituras serão complementadas com a promoção da leitura autónoma, para a qual foram indicadas as listagens do Plano Nacional de Leitura, (PNL), no que se refere ao domínio da Gramática, preconiza-se ainda que o aluno se aperceba das regularidades da língua e que, progressivamente, domine regras e processos gramaticais, usando-os adequadamente nas diversas situações da Oralidade, da Leitura e da Escrita*.

Neste contexto, salientamos que no decorrer das nossas regências, sempre tentamos ajudar os alunos na descoberta da leitura e escrita e partilhamos a responsabilidade de efetuar aprendizagens significativas e ativas, nesta área, pois a iniciação da aprendizagem do português é uma tarefa exigente, quer por parte do professor, quer do aluno, sendo muito gratificante ver o *crescer* das crianças, pois quanto mais sólida for a aprendizagem dos conteúdos, maior será o sucesso educativo.

Tentando concretizar estes objetivos, vou referir alguns momentos que considero cruciais nas nossas Práticas Pedagógicas PES II.

Todas as manhãs, as aulas eram iniciadas com o suscitar de um breve diálogo, sobre questões relacionadas com a meteorologia: o dia do mês, o ano, o tempo que fazia, uma vez que este promove a interação entre os alunos e professor, comunicação multilateral, contribuindo para o desenvolvimento da expressão oral do aluno e permitindo-lhes reconhecer e atribuir significado ao diálogo. Assim, corroboramos Kamii (1984:76) que defende a interação social, afirmando que *é pelo diálogo e com o diálogo que neles se desenvolve o espírito de participação consistente (...) é com o diálogo que os alunos desenvolverão mais capazmente as suas aptidões.*

Posteriormente, efetuámos uma breve síntese dos conteúdos lecionados, remetendo a Ausubel (2000) que enfatiza a importância das sínteses e dos *organizers* conducentes a aprendizagens significativas e consequentemente fundamentais no processo de ensino e aprendizagem.

Neste âmbito, incidimos na aprendizagem de fonemas e grafemas/ditongos, e para tal tentávamos recorrer, sempre a estratégias diversificadas, como a audição de histórias, apresentações em PowerPoint, ou fazíamos-lo através de músicas, de poemas, de adivinhas, de trava línguas e do manual escolar. Valorizávamos também os registos no quadro de uma lista de palavras que continham a vogal, a consoante, ou o ditongo lecionado, ou aprendido no dia e aleatoriamente os alunos iam ao quadro identificá-los e como consolidação realizavam fichas de trabalho.

Uma das atividades que considerei mais profícua foi a execução de uma receita, visando a aprendizagem do fonema *l*, que passo a explicitar. Para tal, recorremos à audição de uma história *Delícias Mulatas* de António Mota, contando que o Galo Ivo tinha encontrado um livro de receitas de culinária e aquela que lhe pareceu ser a mais simples de fazer e mais saborosa foi a *Delícias Mulatas*, cuja receita na aula decidimos realizar, e em simultâneo identificavam o fonema *l* nas palavras, que iam surgindo ao longo da receita, como se verifica na fig. 39 (Apêndice 9).



Figura 33. Receita *Delícias Mulatas*
Fonte. Própria

2.7.2 A área de Matemática

Relativamente à área de Matemática consideramos que é fulcral no sistema de ensino, tendo como finalidades subjacentes a estruturação do pensamento, a análise do mundo natural e a interpretação da sociedade.

Neste âmbito, salientamos que ao longo da exequibilidade da nossa PES II, as estratégias promovidas e os materiais utilizados foram sempre diversificados, fomentando o interesse e o gosto pela matemática, promovendo assim, o desenvolvimento de diversas competências ao nível do raciocínio, de resolução de problemas e de comunicação.

Tal é enfatizado e preconizado no programa organizado em três ciclos, salientando no que se refere ao 1º CEB três domínios essenciais:

- Números e Operações (NO);
- Geometria e Medida (GM);
- Organização e Tratamento de Dados (OTD).

Nesta sequência, explicitamos que no contexto do domínio da GM, os conteúdos que trabalhamos incidiram na localização e orientação no espaço, além de figuras geométricas e medidas.

Relativamente a atividades inerentes a este domínio, salientamos a exploração de sólidos geométricos, em que mais uma vez, foi importante e fulcral a observação minuciosa,

pormenorizada e atenta, além da manipulação, compreendendo que estes incluem na sua configuração diversas figuras geométricas. Posteriormente, após a observação, a exploração e manipulação dos sólidos geométricos realizamos uma atividade, que tinha como objetivo fundamental descobrir no meio ambiente algo que se parecesse com figuras geométricas, comparando-as.

Neste contexto, os alunos foram descobrindo e referindo com grande entusiasmo que o telhado das casas parecia um triângulo, as paredes tinham a forma de um quadrado, a lua parecia um círculo, entre outros. De imediato, visando uma melhor interiorização dos conteúdos passaram à construção da *janela mágica*, aprendendo/fazendo, demonstrando grande motivação, interesse e empenho, recortando as figuras geométricas, que posteriormente colaram, como se infere da fig.40 (Apêndice 10).

Ainda no domínio da GM, recorreremos também à exploração do Geoplano, visando a consolidação de conceitos, como vértice, segmento de reta, aresta e figuras geometricamente iguais.



Figura 34. *Janela Mágica*
Fonte. Própria

Após a interiorização destes conteúdos e para que desenvolvessem o sentido de orientação no espaço, desenharam em papel quadriculado a figura que tinham construído no Geoplano. Para uma boa interpretação de itinerários e compreensão do conceito de direção,

utilizou-se também o papel quadriculado, sendo necessário contarem o número de quadrados para chegarem ao destino.

No que concerne ao domínio de NO, no 1º ano, foram abordados os conteúdos referentes ao conhecimento dos números naturais, ao sistema de numeração decimal e da adição e subtração. Estas aprendizagens foram efetuadas de uma forma progressiva, começando de uma forma experimental e concreta, para uma conceção mais abstrata.

Assim, para compreendermos os números naturais recorreremos frequentemente, a materiais manipuláveis (material de *Cuisenaire*, Geoplano e Ábaco) e ao jogo como meio facilitador da aprendizagem de determinadas noções matemáticas.

Neste contexto, para a apreensão dos conceitos de maior (>), menor (<) e igual (=) também foi usado material não estruturado, nomeadamente a utilização de um PowerPoint, com imagens do *Crocodilo Comilão*, que abre sempre a boca para comer o maior. Relativamente, à adição e subtração, a reta numérica foi imprescindível, tornando as aprendizagens mais profícuas, promovendo assim, uma maior interação do aluno com o professor e com os colegas, proporcionando momentos de partilha e de discussão de diferentes pontos de vista.

No que se refere OTD, desenvolveram-se atividades sobre representação de conjuntos e dados, quer no quadro ou no manual escolar ou em fichas de trabalho.

No que concerne ao 1º CEB, reiteramos que de acordo com o Programa e Metas Curriculares do Ensino Básico, (2013), esforçamo-nos, sobretudo por desenvolver nas crianças as capacidades transversais a toda a aprendizagem da matemática, como a resolução de problemas, o raciocínio matemático, a comunicação matemática e a matemática como um todo coerente.

Inferimos assim, que a aprendizagem da Matemática é conducente ao sucesso escolar e também de vida, quando incide, sobretudo no trabalho realizado pelo aluno, que se baseia e é organizado pelas tarefas propostas pelo professor, tendo em consideração os respetivos conteúdos programáticos.

2.7.3 A área de Estudo do Meio

Esta área é preconizada pelo Programa do 1º CEB (2004), como sendo curricular, interdisciplinar e globalizadora, juntando diversos ramos do saber, como o tecnológico, o científico e o social e contribuindo para a compreensão do meio envolvente.

Neste contexto, reiteramos o programa, preconizando que:

todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que o rodeia Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de

aprendizagens posteriores mais complexas (Ministério da Educação, 2004:101).

Salientamos que ao longo da PES II, exploramos diversos conteúdos referentes a esta área que no Programa encontra-se subdividida em 6 blocos: à descoberta de si mesmo; à descoberta dos outros e das instituições; à descoberta do ambiente natural; à descoberta das inter-relações entre os espaços; à descoberta dos materiais e objetos e à descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade.

Os blocos e os conteúdos obedecem a uma certa lógica, no entanto não significa que sejam abordados por essa ordem na sala de aula. Assim, o programa mostra-se aberto e flexível, cabendo ao professor encontrar diversas metodologias adaptadas a cada criança.

Em relação, à descoberta de si mesmo, *pretende-se que os alunos estruturam o conhecimento de si próprios, desenvolvendo, ao mesmo tempo, atitudes de auto-estima e autoconfiança e de valorização da sua identidade e das suas raízes* (Ministério da Educação, 2004:105).

A atividade que consideramos mais marcante e enfatizamos, em termos de aprendizagem surgiu em virtude do projeto *Crescer para Ser*, cujo subtítulo é a *alimentação*, definido no Plano Anual de Atividades. Neste âmbito, planeamos uma visita de estudo à Gelgurte, Indústrias Alimentares, LDA, como representa a fig. 33.



Figura 35. Visita de Estudo à Gelgurte, Indústrias Alimentares, LDA
Fonte. Própria

O intuito da visita de estudo foi dar a conhecer aos alunos o mundo que os rodeia, enriquecendo, assim, as suas vivências. Pois é pela experiência, pela observação e pela exploração do meio que a criança constrói o seu conhecimento, modifica situações, restaura o seu esquema de pensamento, favorecendo, deste modo, o seu desenvolvimento cognitivo.

Neste âmbito salientamos que:

as visitas de estudo constituem instrumentos com grandes potencialidades pedagógicas. Integradas em projetos de pesquisa e intervenção, são insubstituíveis na construção de um conhecimento aberto ao meio: local, nacional e internacional (Monteiro, 1995:173).

Neste contexto, outras das temáticas trabalhadas foram: a sua identificação, gostos e preferências, o seu corpo, a saúde do seu corpo e o seu passado próximo. Para a sua identificação utilizámos o diálogo, fazendo a apresentação de uma família e os respetivos nomes. Seguidamente, cada aluno fez a apresentação da sua família e no final, elaboraram uns cartões com o nome próprio e o apelido. Visando a consolidação do tema, junto com os pais, em casa fizeram um genograma, explicitando a sua árvore genealógica.

Relativamente ao conteúdo conhecer e aplicar normas de prevenção de acidentes domésticos, utilizámos como estratégia a visualização e exploração de um PowerPoint, fazendo referência aos cuidados a ter com objetos e produtos perigosos.

No que concerne ao bloco - À descoberta dos materiais e objetos, efetuámos várias atividades, explorando e manipulando diversos materiais como: a madeira, a lã, a rocha, a areia, o barro, o açúcar e a maçã e laranja, tendo como objetivo saber comparar materiais segundo propriedades simples (forma, textura, cor, sabor e cheiro).

Este tipo de atividades, para além de serem promotoras do diálogo, também permitem ao aluno observar e experienciar situações reais. Assim, a aprendizagem observada e vivenciada é sem dúvida mais eficaz.

Assim, procuramos aplicar estratégias diversificadas e motivadoras, incentivando os alunos à construção de aprendizagens significativas e enriquecedoras. Entre as diversas estratégias utilizadas podemos elencar o fomentar de várias atividades experimentais, com recurso às novas tecnologias e às vivências associadas à construção do saber, tendo em consideração as conceções prévias dos alunos.

2.7.4 A área das Expressões: Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica

De acordo com Melo (2005) salientamos que o termo *Expressão* designa o conjunto de fenómenos que se produzem no corpo, como resposta a estímulos externos e internos, considerando-a também, como uma atitude de comunicação, designando vários meios de que o ser humano se serve para comunicar.

Também Sousa (2003:177) denomina *expressão*, como sendo o ato de transmitir sentimentos, paixões ou pensamentos, podendo tornar-se, a interpretação da vida, visto que *toda a ação humana pode ser considerada como expressiva*. O mesmo autor refere ainda, que a

criança quando exterioriza os seus sentimentos, desejos e emoções, exprime-se livremente, devendo assim, proporcionar à criança momentos para que esta se possa desinibir naturalmente.

Nesta sequência, está subjacente na OCP 1º CEB (2004) a área das Expressão, que contempla quatro áreas de estudo: a Expressão e Educação Físico-Motora, a Musical, a Dramática e a Plástica. Estas não só ajudam a criança a conhecer e a compreender o mundo que a rodeia, como também contribuem para que estas fortaleçam o seu sentido estético e se desenvolvam globalmente.

2.7.5 A Expressão e Educação Físico - Motora

Os Princípios Orientadores referenciados pela OCP (2004) em relação à Expressão e Educação Físico-Motora realçam a importância da atividade física, que oferece experiências concretas aos alunos necessárias às abstrações e operações cognitivas inscritas nos Programas de outras áreas, preparando-os para a sua aplicação. Assim, a Educação e Expressão Físico-Motora é descrita como a componente inalienável da Educação.

Os objetivos gerais e essenciais, segundo a OCP (2004) que pretendemos atingir incidiram sobretudo em desenvolver:

- a resistência geral, de reação simples e complexa de execução de ações motoras básicas, e de deslocamento;
- a flexibilidade;
- o controlo de postura;
- o equilíbrio dinâmico em situações de «voo», de aceleração e de apoio instável e/ou limitado; o controlo da orientação espacial;
- o ritmo e agilidade.

No que concerne a esta área, constatamos que surge dividida em blocos de conteúdos, em relação aos diferentes anos de escolaridade, incidindo em conteúdos diversos e adequados a cada ano:

1º- Perícias e Manipulações; 2º- Deslocamentos e Equilíbrios; 3º- Ginástica; 4º- Jogos; 5º-Patinagem; 6º- Atividades Rítmicas e Expressivas; 7º- Percursos na Natureza; 8º- Natação, (Programa opcional).

Neste âmbito, foi possível realizar diversas atividades intrínsecas aos blocos, Perícias e Manipulações, Deslocamentos e Equilíbrios; Jogos, Atividades Rítmicas Expressivas.

Relativamente ao bloco Perícias e Manipulações foram efetuados exercícios de controlo de bola, num determinado percurso.

No bloco Deslocamentos e Equilíbrios um dos exercícios a salientar, como se observa na fig. 42, (Apêndice 11) foi a construção de um circuito, tendo as crianças oportunidade de executar através de exercícios específicos, como saltar a pé juntos, ao pé-coxinho, andar com quatro apoios e andar sobre linhas.



Figura 36. Aula de Expressão Físico Motora
Fonte. Própria

Relativamente ao bloco dos jogos, foram realizados alguns (o do Lenço, o do Tubarão, Arcos e o dorminhoco), tendo como principais objetivos a implementação de regras (cumprir ordens e regras e saber vencer e perder), o desenvolvimento do equilíbrio e os diversos tipos de deslocamentos *Fintas e mudanças de direção*.

2.7.6 Expressão e Educação Musical

Em relação a esta expressão a OCP do 1º CEB (2004:67), refere que,

A prática do canto constitui a base da expressão e educação musical do 1ºCiclo. É uma atividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando (OCP do 1º CEB, 2004:67).

Segundo o mesmo documento a criança desenvolve potencialidades musicais múltiplas, através do corpo em movimento de forma espontânea, e de uma forma mais organizada nos jogos de roda e nas danças.

A Expressão e Educação Musical, também surgem dividida em blocos:

- o bloco 1 que incide em jogos de exploração, relacionados com a voz e o corpo e os instrumentos;

- o bloco 2 é relativo à Experimentação, Desenvolvimento e Criação Musical.

Durante a exequibilidade das nossas regências, efetuámos diversas atividades que fomentassem nos alunos o gosto e a libertação, através das expressões, sobretudo na aula em que utilizámos a música do *Panda vem à escola*, como se verifica na fig.43,e podemos observar em Apêndice 12 e Anexo 2.



Figura 37. Aula de Expressão Musical
Fonte. Própria

Relativamente ao 2º bloco, como se estava a aproximar o Natal e a turma ia participar numa festa conjunta da instituição, trabalhamos a memorização de poemas que as crianças iriam recitar e duas canções, uma acompanhada de coreografia, tal como representa a figura 44.



Figura 38. Coreografia de uma música para a festa de Natal
Fonte. Própria

Nesta sequência, importa referir que a expressão musical desempenha um papel importante na vida recreativa das crianças, desenvolvendo a sua criatividade, promovendo a autodisciplina e estimulando a consciência rítmica e estética. Neste sentido Ribeiro (1997) salienta que a inteligência musical está relacionada com a capacidade de organizar sons, de maneira criativa efetuando discriminação dos elementos constituintes da Música.

2.7.7 A Expressão e Educação Dramática

Neste âmbito e de acordo com OCP (2004:77) *as actividades de exploração do corpo, da voz, do espaço, de objectos, são momentos de enriquecimento das experiências que as crianças, espontaneamente, fazem nos seus jogos.*

Assim, promovemos diversas atividades que fomentamos nesta expressão, tendo em consideração os blocos de aprendizagem:

- o bloco 1 que faz referência a Jogos de Exploração;
- o bloco 2 referente a Jogos Dramáticos.

Realçamos aqui, a realização de uma breve dramatização *O Coelho Branco*, de António Torrado, em que entregamos, a cada aluno uma imagem feita por nós e alusiva à história, visando que as crianças, dando *asas* à sua imaginação, criassem uma personagem imaginária.

Assim, a turma criou uma história, que dramatizou com muito empenho e cujo objetivo principal era desenvolver a capacidade de improvisação e concomitantemente, a relação e a comunicação com os outros, como representa a fig. 45 e como se confirma no Apêndice 13.



Figura 39. Dramatização da História *O Coelho Branco*
Fonte Própria

Segundo Sousa (2003) é através da Expressão Dramática que a criança se revela, pois esta é um meio valioso e completo para a educação, abrangendo quase todos os aspetos importantes do desenvolvimento, devido à sua grande diversificação e podendo ser ajustada, conforme os objetivos, as idades e o meio envolvente. Consequentemente, inferimos que esta expressão ajuda no desenvolvimento bio-psico-socio-motor, sendo o jogo (o espaço, o corpo, imagens, as palavras e sons) um meio onde evidencia a sua expressividade, a sua criatividade e toma consciência de valores, para poder estar em sociedade, promovendo a cooperação e a interação.

2.7.8 A Expressão e Educação Plástica

O domínio da Expressão e Educação Plástica, apresenta como princípios orientadores, a importância da manipulação de materiais, o que leva a criança a desenvolver a sua destreza manual, descobrindo e exprimindo os seus sentimentos, em relação ao meio que a rodeia.

Nesta perspetiva, também a OCP refere que:

a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade (OCP do 1º CEB 2004:89).

O programa neste domínio encontra-se dividido em três blocos:

- o bloco 1 - Descoberta e Organização Progressiva de Volumes;
- o bloco 2 - Descoberta e organização Progressiva de Superfícies;
- o bloco 3 - Exploração de Técnicas Diversas de Expressão.

Neste contexto, realizamos em conjunto com os alunos diversas atividades intrínsecas a esta expressão e que surgiram em articulação com as restantes áreas do currículo. Assim, foi possível nas aulas de Expressão e educação plástica a utilização de uma panóplia de técnicas e materiais, desde a construção, o desenho, a pintura, o recorte, a colagem e a dobragem, salientando alguns dos temas abordados como:

O Natal, como se verifica na fig. 46, tendo sempre em consideração o ritmo de trabalho de cada criança.



Figura 40. Atividades de Expressão Plástica alusivas ao Natal
 Fonte. Própria

Tentamos assim, atingir, os diversos objetivos, subjacentes a cada bloco acima referido, consoante o ano de escolaridade:

- o bloco 1- baseia-se na manipulação e exploração de diversos materiais moldáveis através de construções;
- o bloco 2- no desenho e na pintura;
- o bloco 3- incide no recorte, na colagem, na dobragem, na tecelagem, na costura, na impressão dos cartazes e os meios audiovisuais.

Neste âmbito desenvolvemos ainda outra atividade referentes ao *dia de Reis*, como observamos na fig.47 (Apêndice 14).



Figura 41. Construção da *coroa de Reis*
 Fonte. Própria

A turma evidenciou grande facilidade na realização de desenhos, na pintura e na colagem, mas no entanto ao nível do recorte, demonstrou alguma dificuldade no manuseamento da tesoura. Nesta sequência, salientamos:

a criança, ao contactar com diferentes técnicas e materiais, encontra distintas formas de utilização dos mesmos, desenvolvendo ao longo do tempo, a sua coordenação psicomotora, para que a criança faça com as mãos o que a mente concebe e imagina (Dias, 2012:16).

Reiteramos, assim, que a Expressão Plástica incide no desenvolvimento global das crianças, pois através dela estimulam a criatividade e a imaginação, desenvolvem a destreza fina e grossa e, de acordo com as diferentes técnicas e materiais, exploram diferentes meios de comunicação que lhes proporcionam momentos de interação e cooperação entre o grupo.

Nesta perspectiva Sousa (2003) preconiza que a criança, *desde cedo gosta de mexer na areia, barro, água, tintas e riscar num papel com um lápis, enfatizando que o principal objetivo é a expressão das emoções e dos sentimentos, através da criação com materiais plásticos.*

Segundo o mesmo autor, esta expressão é distinta das diferentes áreas uma vez que se encontra centrada na criança, com a finalidade de desenvolver capacidades e satisfazer as suas necessidades.

2.8 Considerações em relação às planificações - PES II

A pedagogia utilizada foi simultaneamente ativa, mas sobretudo relacional, ou seja procuramos sempre que possível suscitar o diálogo e adaptar as estratégias ao nível cognitivo dos alunos.

Também interligamos as estratégias e as atividades ligando-as à manipulação e experimentação, *ao aprender fazendo – learning by doing*; promovemos a comunicação multilateral e conseqüentemente, a interação social, tão defendida por Kamii (1984); desenvolvemos a metacognição tão preconizada por Salema (2005), além das transferências de aprendizagem defendidas por Santos (1974) e essenciais à consolidação de conhecimentos, suscetíveis de posteriormente serem aplicados em diversas situações e contextos.

Assim, em todas as regências tentamos que as aprendizagens fossem efetuadas, através da motivação inicial, relacionando-as com situações do dia-a-dia, para que os alunos verificassem que os conteúdos lecionados fazem parte da própria vida.

Tendo em atenção e sabendo que as áreas curriculares não são isoladas, mas interligadas umas com as outras, tivemos sempre o cuidado de promover a interdisciplinaridade que esteve presente muitas vezes.

Neste contexto, Piaget (cit. por Pombo, 2005: 27) relativamente à interdisciplinaridade refere que *é um intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas (...), tendo como resultado um enriquecimento recíproco.*

Paulatinamente, verificamos, que o progresso das aprendizagens está relacionado com a diversidade das pedagogias utilizadas e que a interdisciplinaridade é essencial. Recorremos a vários recursos físicos e humanos, dando também muita importância à manipulação de materiais, que funcionam como suportes de aprendizagem, meios, ferramentas e auxílios, visando sempre aprendizagens ativas e significativas, envolvendo e motivando a turma o mais possível.

Em relação à avaliação, enfatizamos que foi um elemento integrante e facilitador das nossas práticas pedagógicas, sendo sobretudo formativa e permitindo avaliar se os alunos adquiriram, ou não conhecimentos e se os objetivos foram ou não alcançados, fazendo-nos repensar e reformular o processo de ensino e aprendizagem, sempre que necessário, introduzindo novas técnicas, estratégias e recursos para colmatar falhas e lacunas diversas, através de práticas pedagógicas dirigidas e conducentes a aprendizagens mais ativas e significativas.

2.9 Reflexão sobre a PES II

Após o término da PES II, surge o momento da *reflexão da ação e para a ação*, que segundo Zabalza (1998) é um espaço muito rico porque pessoal e crítico, relativamente ao nosso estágio e exequibilidade das nossas Práticas Pedagógicas, sempre com caráter prospetivo, ou seja de melhoria no futuro.

Este revelou-se muito importante, na medida, em que foi possível contactar com uma turma, conhecer os alunos, bem como o funcionamento da aula, para posteriormente implementarmos e desenvolvermos uma prática mais profícua, rentável, eficaz e de qualidade, virada e centrada no aluno e no desenvolver das suas capacidades, promovendo a sua autonomia e integração na turma.

Neste âmbito, salientamos que foi uma experiência muito gratificante e enriquecedora, pois pudemos observar o *crescer* dos alunos, em várias dimensões e a sua evolução, em todas as áreas, sentindo que contribuímos para que tal acontecesse e se verificasse.

Devido à nossa inexperiência, no início tivemos certas dificuldades em controlar a turma, pois como era um 1º ano, ainda não tinham interiorizado as regras, em sala de aula, mas com o passar do tempo foi notório o seu desenvolvimento.

Durante a prática as nossas estratégias e metodologias foram adaptadas aos alunos, porque o que resultava muito bem com uns, não funcionava com outros, uma vez que cada um tem o seu ritmo próprio e individual.

Devemos salientar que a docente cooperante esteve sempre disponível e aberta, em relação às dúvidas que iam surgindo.

Em síntese, reiteramos que este estágio é inesquecível e marcante, na medida em que foi muito enriquecedor e gratificante, sendo essencial para a nossa formação como pessoas e na prática docente no futuro.

Capítulo III

A importância dos materiais no processo de ensino e aprendizagem

3.1. Fundamentação Teórica

No que concerne ao tema por nós escolhido, sabemos ser de extrema e grande pertinência, desde sempre e na atualidade. A escolha da temática surgiu pelo facto de ao longo nossa formação académica, sabermos que a manipulação de materiais e objetos é fundamental, devendo ser uma constante, o que suscitou em nós, um grande interesse, visando aprofundá-lo, e saber as diversas opiniões e perspectivas de diferentes autores sobre o tema, *A importância dos Materiais no processo ensino e aprendizagem*.

Consequentemente, consideramos ainda que é um tema crucial, em relação à nossa formação inicial, sobretudo no que concerne ao nosso estágio e exequibilidade da PES, ajudando-nos a fundamentar cientificamente, a esclarecer e clarificar as nossas Práticas Pedagógicas, possibilitando-nos sempre, numa perspectiva proativa sermos melhores educadores e profissionais no futuro, desenvolvendo e promovendo Práticas Pedagógicas, cada vez mais, eficazes, proveitosas, profícuas, rentáveis e exequíveis.

Assim, através do nosso estudo debruçar-nos-emos sobre a importância dos materiais no processo de ensino e aprendizagem, incidindo e refletindo, consequentemente, sobre a questão da manipulação dos mesmos, visando a ação, a concretização e a experimentação essenciais à descoberta de aprendizagens significativas. Este tema surgiu como motivo de reflexão crítica e pessoal, no âmbito da PES I e II.

3.2. Os Materiais Manipuláveis – a sua origem

De acordo com Berman (2004) sabemos que, ao longo da História e dos tempos, o Homem sempre se moveu por uma grande curiosidade, visando explorar e descobrir o mundo que o rodeava, a Terra Mãe, que considerava, como a *Caixa de Pandora*, com um poder mágico, dando resposta a todas as suas necessidades.

O Homem caracterizado, então, por uma extrema capacidade de adaptação tentava, constantemente, desventrar os segredos da natureza, querendo conhecer e desvendar o misterioso, enfrentando, assim, o desconhecido e a novidade. Vivenciando, no seu dia-a-dia estes desafios e marcado por um poder de inimaginável de os resolver, demonstrava uma enorme necessidade de experimentar e manipular. Para tal, recorria a uma grande diversidade de

materiais que o auxiliavam, nas suas diversas atividades de subsistência ligadas sobretudo à agricultura e à pastorícia.

Neste ambiente, marcado também, pela necessidade de sobreviver e se defender, utilizava o que estava ao seu alcance, ou seja, o que a natureza lhe oferecia e proporcionava. Deste modo, escolhia sobretudo, o que servia os seus interesses, pelo que sabemos e não estranhamos, que para fazerem a contagem dos seus animais recorressem e utilizassem pequenas pedras, outras vezes, o cajado, em que assinalavam o número dos seus animais, através de riscos.

Inferimos, assim e corroboramos a perspectiva de Berman (2004) que refere que o que a natureza oferecia e os seus elementos foram talvez, os primeiros materiais manipuláveis a serem usados, pelo homem, com a intenção de se impor em relação ao que o rodeava, desenvolvendo diversas técnicas e estratégias, entre elas a contagem dos seus animais.

Neste âmbito, vários autores preconizam que, foi através da utilização destes materiais manipuláveis, que começaram a criar-se regras, padrões e teorias, ampliando-se o conceito de número e surgindo, assim, paulatinamente outros variados materiais, que auxiliam todo o estudo subjacente à Matemática e em geral.

3.3. O que é manipular?

Remetendo à origem etimológica da palavra, verificamos que o termo, manipular, segundo o Dicionário da Porto Editora (2013:1019) significa *preparar com as mãos, manobrar, colocar em funcionamento, manejar e utilizar*, assim apreendemos que se relaciona com o manusear, mexer, ou seja com tudo o que inclui sensações.

Também o Dicionário de Priberam (2008) refere que manipular deriva do francês, *manipuler*, remetendo ao que é preparado com as mãos, entendendo assim que manipular, manejar, implica agir, concretizar e experimentar.

3.4. O emergir dos materiais na educação

Numa perspectiva histórica, sabemos que com a evolução da civilização em geral, assistimos gradualmente, a mudanças diversas em relação à educação e suas conceções ao longo do tempo. Tal, refletiu-se a nível do ensino em particular e da estratégia do que é *ensinar*, o que

trará repercussões várias, na educação e na forma de ensinar, assistindo-se a várias transformações que enriqueceram o processo, surgindo neste contexto a questão dos materiais, embora de início de forma incipiente.

Um dos grandes marcos a que assistimos foi a denominada revolução *Copernicana* da educação, com o surgir da Escola Nova, em França, com Adolphe Ferrière, nos finais do séc. XIX, princípios do séc. XX, e com ela diversas mudanças foram ocorrendo, emergindo a questão dos materiais.

Assim, paulatinamente, passamos de um ensino tradicional, em que o professor, ocupava o centro do processo ensino e aprendizagem, sendo considerado o *magister dix*, ou seja o que *sabia tudo* e era o *detentor do saber*, para um ensino, em que o aluno passa a estar no centro de todo o processo, sendo o sujeito e construtor da sua própria aprendizagem e conseqüentemente ativo, explorando e manipulando, diversos materiais, aprendendo fazendo, *learning by doing*.

Recuando e remetendo a Comenius (1592-1670), constatamos que no seu livro *Didactica Magna*, ou *Arte Universal de ensinar tudo a todos*, já fazia referência e defendia o uso de diversos materiais nas aulas, como auxiliares, visando *promover uma melhor aprendizagem*.

3.5. A Escola Nova e os materiais

Mais tarde, nos séculos XVIII e XIX, os precursores da Escola Nova, Pestalozzi (1746 – 1827) e Froebel, (1782 – 1852) e outros defendiam que para uma *educação ativa* era essencial uma grande atividade por parte dos alunos.

Entretanto, é sobretudo a partir do movimento da Escola Nova, no fim do séc. XIX, princípios do XX, com Jonh Dewey (1859 – 1952), que a pedagogia ativa ganhou força, dando primazia aos materiais, principalmente aos materiais manipuláveis, através da sua utilização no ensino.

Neste contexto, remetemos a Décroly (1871 – 1932) e a Claparède (1873 – 1949) que, entre outros, reiteraram, incidindo, na importância dos materiais manipuláveis na aprendizagem.

Salientamos, de forma sucinta, o contributo de outros precursores da Escola Nova, como Maria Montessori (1871 – 1952), médica e pedagoga italiana, que se dedicou às crianças ditas *especiais*, na altura, *anormais*, fundando a *Escola del Bambini*, (1907) com o intuito de as ajudar ao nível da aprendizagem.

Os seus métodos baseavam-se e incidiam no treino sistemático e sensorial, insistindo na importância de um ambiente organizado, dava valor à experimentação e à manipulação, no

ensino e conseqüentemente, à aprendizagem, inferindo e concluindo que se os materiais eram fundamentais e cruciais, auxiliando essas crianças, com défices acentuados, também o seriam para as ditas e consideradas normais.

Neste contexto, M. Montessori (1960), construiu para tal, diversos materiais manipuláveis, tal como podemos observar na fig. 48.



Figura 42. Materiais manipuláveis de M. Montessori
Fonte: Internet²

Neste âmbito, defendia, porém que os diferentes materiais deviam obedecer a certas e determinadas características que passamos a salientar e explicitar:

- o mais parecidos com a realidade;
- não perigosos;
- visíveis ao longe;
- adequados;
- coloridos;
- atraentes;
- de fácil manipulação.

3.6. A importância dos materiais no desenvolvimento cognitivo

Também Piaget (1896-1980) defensor de experiências ativas, refere que o uso de materiais manipuláveis é crucial em qualquer estágio de desenvolvimento, dando primazia aos

primeiros anos de vida, ao estágio pré- operatório, passando pelo das operações concretas, até chegar à abstração.

Neste contexto, Vale (2002) salienta que ao longo do tempo foram vários os psicólogos, médicos e pedagogos, que defenderam como facilitadora da aprendizagem a manipulação de materiais.

Neste sentido, Mialaret (1980) preconiza que a criança precisa de manipular e manipular sempre, isto é, incide na importância da concretização, pois a criança aprende, interioriza através da manipulação, da ação para chegar assim à abstração.

Em suma, é na ação e manipulação, que os materiais assumem grande importância como meios facilitadores de aprendizagem e neste contexto, Sprinthall & Sprinthall (1993) defende a aprendizagem sensorial da criança, ou seja as aprendizagens, através da visão do tato, (manipulação) e da audição.

Reitera assim, que a criança retém 40 a 45% da informação, quando apenas ouve; apreende 60 a 65%, quando ouve e visualiza; porém obtém 90 a 95%, quando ouve, vê, observa e manipula, ou seja experimenta, age e concretiza.

Deste modo, constatamos que ao longo dos tempos, passou-se a dar mais relevância ao uso de materiais manipuláveis defendidos e vinculado por diversos autores, desde os mais antigos aos mais recentes e com a *Escola Nova* os métodos diretivos passaram a estar centrados na atividade da criança.

Neste contexto, e refletindo sobre a importância e os benefícios da manipulação de objetos, em relação à aprendizagem, continuaremos a investigar, defendendo que a manipulação, a ação e a experimentação conduzem à concretização e conseqüentemente à interiorização de noções e conteúdos, para mais tarde se chegar à abstração, como se observa no esquema da figura 49.

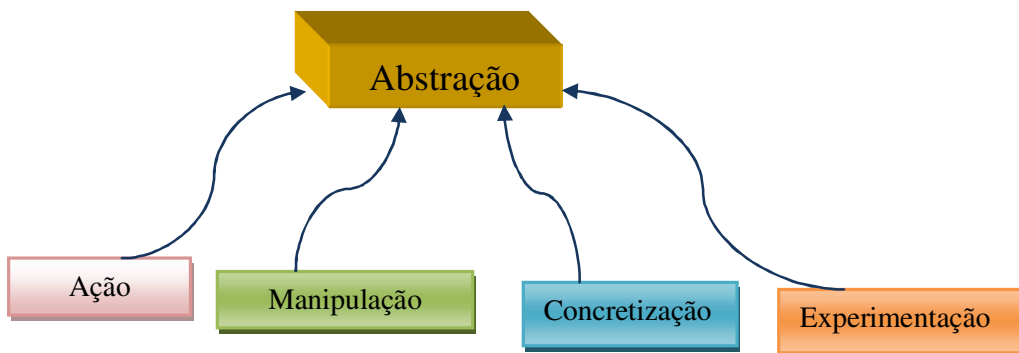


Figura 43. Esquema da manipulação à abstração
Fonte. Própria adaptada de Mialaret (1980)

Remetendo ao nosso país, segundo a OCP (2004: 168) os materiais são reconhecidos como *suportes de aprendizagem, ferramentas, meios, auxílios e apoios*.

3.7. O que se entende por materiais manipuláveis: diversas perspectivas

Nesta sequência, se remetermos aos materiais manipuláveis faz sentido referirmos a sua definição mais ou menos consensual.

Nesta perspectiva, Ribeiro (1995) enfatiza que pode ser qualquer recurso utilizado, pelo professor na sala de aula, desde que favoreça a aprendizagem.

Segundo Reys (1982) os materiais manipuláveis são objetos que o aluno é capaz de sentir, manipular, tocar, movimentar, podendo ser objetos reais que têm aplicação no quotidiano, ou objetos que são usados para representar uma ideia.

Neste âmbito, também Vale (1999:112) caracteriza o material manipulável, como sendo *todo o material concreto, de uso comum, ou educacional, que durante uma situação de aprendizagem, apela para os vários sentidos dos alunos, devendo ser manipulados e que se caracterizam pelo envolvimento activo dos alunos*.

Passos (2004), salienta ainda, que os materiais manipuláveis são caracterizados pelo envolvimento físico dos alunos numa situação de aprendizagem ativa.

Neste âmbito, Serrazina (1991) quando define materiais manipuláveis dá a entender que são materiais didáticos, ou seja, os respetivos termos *materiais didáticos* e *materiais manipuláveis* surgem com sentidos sobrepostos, apesar de não terem exatamente o mesmo significado. Assim, salienta que os materiais didáticos são todos os materiais que podem ser manipulados e explorados, de forma a obterem resultados finais relativamente à atividade realizada.

Sendo assim e corroborando com a mesma autora reiteramos e inferimos, que há muitos exemplos de materiais manipuláveis, podendo estes ser divididos em dois tipos:

- os materiais não estruturados – não têm uma função determinada e o seu uso depende da criatividade do educador, são objetos reais do quotidiano, como tampas de garrafa, paus de gelado, entre outros;
- os materiais estruturados – apresentam ideias matemáticas bem definidas, são objetos já concebidos com pretensão de serem usados, para representar uma ideia, entre os quais salientamos os Blocos Lógicos, o Tangram, o Geoplano, o material Multibásico, o material de Cuisenaire, ou Barras de Cor, o Ábaco, entre outros.

3.8. Os materiais como suportes de aprendizagem

A importância dos materiais manipuláveis como referimos, anteriormente é muito acentuada e valorizada, por diversos autores, podendo estes desempenhar várias e diferentes funções, dependendo do objetivo que se lhes pretenda atribuir.

Assim, surgem e são apresentados como um apoio à construção de conceitos, que muitas vezes pelo seu nível de abstração necessitam de um suporte físico, que deve ser considerado um meio e não um fim.

O uso dos materiais é essencial no processo de ensino e aprendizagem e os próprios programas referem a sua enorme importância, enfatizando que:

na aprendizagem da matemática, como em qualquer área, as crianças estão enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação (M E, 2004: 168).

Neste contexto, constatamos que a manipulação de materiais é um aspeto subjacente e transversal a qualquer área, sobretudo no que concerne a níveis mais elementares.

Nesta perspetiva, o programa preconiza e reitera ainda que os materiais surgem e funcionam como suportes de aprendizagem:

Nesta rubrica sugerem-se «meios» e «ferramentas» que ajudarão os alunos a formar e a desenvolver as suas capacidades matemáticas ao longo do seu percurso e no contexto de todos os blocos de conteúdo. A sua utilização requer do professor uma escolha criteriosa e ajustada aos níveis de desenvolvimento dos alunos, aos tópicos a tratar e aos conceitos a adquirir (M E, 2004: 168).

Assim, é fundamental e até imprescindível, que as crianças, ajam, observem, manipulem, concretizem, e experimentem, manipulando diferentes e variados materiais, verificando-se conseqüentemente aprendizagens ativas, diversificadas e por descoberta significativa, tal como é preconizada por diversos autores e nomeadamente pelo Programa do 1º CEB (2004). Ao salientarmos que as crianças devem realizar aprendizagens ativas, através da manipulação de objetos e meios didáticos, sendo também diversificadas, recorrendo à utilização de recursos variados, contribuimos para aumentar o empenho e a criatividade, o que paulatinamente será conducente a outras aprendizagens, como as socializadoras e as integradas, visando o atingir de verdadeiras aprendizagens, duradouras e que permanecem no tempo.

Assim, corroborando Grandó (2000) salientamos e elencamos os diversos benefícios, vantagens e desvantagens que os materiais podem trazer ao processo de ensino e aprendizagem, enriquecendo-o, como inferimos da tabela 6.

Tabela 6: Vantagens e desvantagens do uso de materiais na aprendizagem

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none">- o aluno pode construir relações entre os materiais concretos e a matemática;- o material apresenta situações nas quais a criança enfrenta relações entre os objetos que poderão fazê-la refletir, procurar respostas, formular soluções, fazer novas perguntas;- um objeto pode ser utilizado para introduzir uma noção, servindo como apoio o professor;- as concretizações podem servir para a elaboração de noções matemáticas, conducentes, à descoberta pelos alunos de algumas propriedades e compreensão de outras;- os materiais manipuláveis proporcionam situações próximas da realidade, permitindo uma melhor compreensão dos problemas.	<ul style="list-style-type: none">- o aluno muitas vezes não relaciona as experiências concretas com a matemática (escrita), a nível formal;- não há garantia que as crianças vejam da mesma maneira as relações entre os materiais como nos vemos;- pode existir uma distância entre o material concreto e as relações matemáticas, fazendo com que esse material tome as características de um símbolo arbitrário, em vez de uma concretização natural.

Fonte. Própria adaptada de Grandó (2000).

Assim, através de materiais manipuláveis, estruturados e não estruturados, o educador poderá dinamizar vários jogos, desenvolvendo nas crianças diversas competências.

3.9. A utilização de materiais e o jogo

Ao referir a questão do jogo, implicitamente surgem os materiais, muitas vezes neles utilizados, pelo que o jogo e os materiais interligam-se e relacionam-se, sendo concomitantes.

Sabendo que o jogo é considerado uma *actividade lúdica inerente ao desenvolvimento social, emocional, intelectual da criança e à cultura humana* (Sá, 1995:10), é fundamental que estes sejam promovidos e a eles recorramos, frequentemente, em contexto educativo.

De acordo com Matos e Serrazina (1996) o jogo não constitui apenas uma atividade lúdica e espontânea, com carácter de entretenimento, mas contribui efetivamente para o desenvolvimento psicológico da criança.

Assim, os novos jogos são muito diversificados e têm-se vindo a identificar diferentes formas de como estes podem contribuir para estimular o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças.

Neste âmbito, surgem variados tipos de jogos, desde os tradicionais, aos que atualmente são consequentes do acesso facilitado às tecnologias. Esta é cada vez mais, uma realidade, a que não podemos fugir, nem escamotear, relegando-a para segundo plano, pois está constantemente subjacente e presente nas nossas escolas, que se encontram apetrechadas de diversos materiais tecnológicos, quer de carácter lúdico, quer educacional.

Neste contexto, Clements (2002) refere que o computador hoje em dia, faz parte da nossa cultura e cabe aos adultos tirarem verdadeiro partido dele, em especial aos educadores no sentido de proporcionarem às crianças experiências de aprendizagens relevantes, que suscitem nas crianças o gosto e a motivação que os levam a aderir de forma entusiasta, nomeadamente na exploração de jogos interativos, promovendo a cooperação, a interação, a interajuda, a partilha, a destreza mental e o raciocínio, pois as crianças perante a concretização de determinados objetivos, desde os mais elementares, tais como reconhecer formas, desenhar figuras geométricas, contagens e a resolução de problemas.

Também Piaget (1967) preconiza que o jogo lúdico propícia o desenvolvimento cognitivo, físico, afetivo e moral, nas suas aprendizagens. Não podendo ser visto como um mero divertimento. Através dele processa-se a construção de conhecimento principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operatório, desenvolvendo a noção de casualidade, chegando à representação e à lógica.

Relativamente a esta temática Chateau (1975) menciona que o jogo é uma atividade dinâmica e prazerosa, desafiando e motivando o jogador para a ação e permitindo deste modo, a ponte para o conhecimento. Assim, a utilização do jogo na sala de aula permite que o educador desenvolva e introduza conceitos, relacionando diferentes áreas, aplicando a interdisciplinaridade e a promoção do seu próprio conhecimento. Muitos desses jogos são construídos pelas crianças e são utilizados como material didático.

Neste âmbito, também Macedo (2000, cit. Moura, 2009) salienta enfatizando, que o educador deve trabalhar com uma grande variedade de jogos, desde que estes sejam utilizados no ensino para aprendizagem de conteúdos. Segundo este autor o processo de conhecimento do jogador passa por diversas etapas:

- exploração dos materiais e aprendizagem das regras;
- prática do jogo e construção de estratégias;
- construção de situações problema;
- análise das situações do jogo.

Para Matos e Serrazina (1996) os jogos apresentam diversas vantagens, mas devemos ter, também em atenção algumas desvantagens.

Tabela 7: Vantagens e desvantagens do jogo

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> - introdução e desenvolvimento de conceitos – como estratégia, o jogo. - fixação de conceitos – apreensão de forma motivadora. - resolução de problemas - o <i>desafio</i> do jogo. 	<ul style="list-style-type: none"> - jogos mal utilizados podem ser só de carácter lúdico. - o tempo gasto com o jogo.

Fonte. Própria, adaptado de Matos e Serrazina (1996).

Remetemos, assim e enfatizamos o modelo hoje, subjacente ao processo de ensino e aprendizagem, o holístico, ecológico, interativo e explicativo, pois procura e tenta encontrar as causas do comportamento das crianças, tendo em consideração todos os fatores que a rodeiam, intrínsecos e extrínsecos e podem ser conducentes ao sucesso/insucesso escolar, como se verifica no esquema da fig. 50.

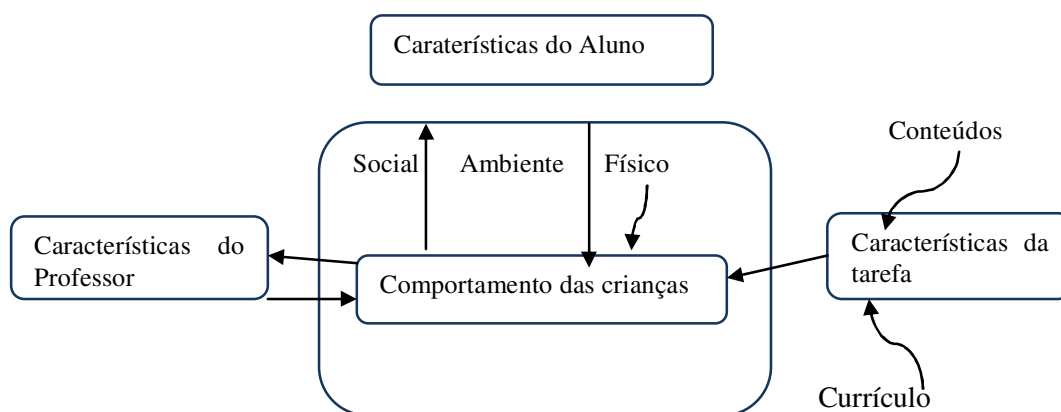


Figura 44. Modelo holístico, ecológico, interativo ou explicativo do comportamento da criança, (L. Koning)
 Fonte. Própria baseada, Portugal (1992)

Aqui, salientamos que todo o ambiente que rodeia a criança é fundamental e influencia todo o processo de ensino e aprendizagem, incluindo todos os recursos e materiais que fazem parte do ambiente que a rodeia, suscitando assim conseqüentemente um ambiente rico em estímulos, logo em interações e relações, que a criança descobrirá e estabelecerá, desenvolvendo as suas capacidades a vários níveis.

Neste contexto, os materiais e a sua utilização como meios e auxílios, ou seja como suportes de aprendizagem, facilitam a interiorização de conhecimentos, para que a criança após ter compreendido os conteúdos aprofundados e explorados seja capaz de os aplicar a novas situações, efetuando-se as transferências de aprendizagem tão defendidas e preconizadas por Santos (1977).

Por sua vez, também através da sua exploração adequada e aprofundada ajudam a criança a explicar o que fez, como e porquê, referindo e justificando, explicitando os seus raciocínios e cálculos mentais, além dos processos cognitivos subjacentes ao seu pensamento, verificando-se assim a metacognição.

Assim, atualmente defende-se o paradigma quantitativo da educação vs o qualitativo que põe a tónica e enfatiza mais, o como se aprende, ou seja a qualidade dos processos e não apenas, a quantidade dos conhecimentos. Assim, incide-se nos métodos, nas técnicas, estratégias e recursos, ou seja incluímos aqui os materiais utilizados e explorados devidamente e de forma adequada.

4. Metodologia do Estudo

4.1. A importância e pertinência da escolha do tema

No que concerne ao tema por nós escolhido e aprofundado, sabemos ser de extrema e grande pertinência, desde sempre e na atualidade.

Relativamente ao nosso estudo, a escolha da temática surgiu pelo facto de ao longo nossa formação académica, nos consciencializarmos, paulatinamente, que a manipulação de materiais e objetos era fundamental, devendo ser uma constante, no processo de ensino e aprendizagem, o que suscitou em nós, um grande interesse sobre a problemática, *A importância dos Materiais no processo ensino e aprendizagem*. Conseqüentemente, podemos afirmar que o nosso tema surgiu como motivo de reflexão crítica e pessoal, no âmbito da PES I e II.

Neste contexto, apercebemo-nos que sendo um tema crucial na nossa formação inicial, a nível teórico, mais tarde seria também fundamental, no que concerne ao nosso estágio de PES,

ajudando-nos a fundamentar cientificamente, a esclarecer e clarificar as nossas práticas pedagógicas, possibilitando-nos sempre, numa perspetiva proativa sermos melhores educadores e profissionais no futuro, desenvolvendo e promovendo práticas pedagógicas, cada vez mais, eficazes, proveitosas, rentáveis e exequíveis.

Assim, através do nosso estudo qualitativo e de carácter sobretudo descritivo, debruçar-nos-emos sobre a importância dos materiais no processo de ensino e aprendizagem, incidindo e refletindo, conseqüentemente, sobre a questão da manipulação e exploração dos mesmos, visando a ação, a concretização e a experimentação essenciais às aprendizagens por descoberta significativa.

Neste âmbito, remetemos, de imediato para os objetivos fundamentais ao nosso estudo.

4.2. Objetivos subjacentes:

Em relação aos objetivos essenciais e pretendidos, que visamos alcançar salientamos os seguintes:

- explorar adequadamente diversos materiais;
- promover a manipulação de variados materiais no processo de ensino e aprendizagem;
- incentivar a ação para chegar à abstração;
- fomentar a diversificação dos materiais;
- desenvolver a capacidade de observação atenta, recorrendo aos materiais;
- utilizar materiais como suportes de aprendizagem, meios e ferramentas;
- concluir que a manipulação dos materiais é conducente a aprendizagens ativas, ao aprender fazendo, ou *learning by doing*;
- perceber que a manipulação, a ação e a experimentação são essenciais na interiorização de conhecimentos;
- entender que a manipulação e a ação são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem;
- perceber a importância dos materiais para criar ambientes estimulantes;
- inferir a sua importância para suscitar a motivação;
- compreender a utilidade dos materiais como suportes de aprendizagem.

Neste contexto, salientamos que o nosso principal objetivo é:

- percebermos, constatarmos e inferirmos a importância dos materiais, como suportes de aprendizagem, ferramentas, apoios, meios e auxílios, sendo conseqüentemente facilitadores da

aprendizagem, através da observação, exploração, manipulação, ação, concretização e experimentação dos mesmos.

Neste âmbito, percebemos que é essencial e até imprescindível ao processo de ensino e aprendizagem, até se chegar à abstração, pois tal como salienta Mialaret (1975: 48), *a ação é necessária, mas não é todavia suficiente.*

Tal conduz à interiorização e descoberta de conhecimentos, quer a nível do pré-escolar e do 1º CEB, através da manipulação, levando a aprendizagens ativas, em que a criança é sujeito e construtora da sua própria aprendizagem e conseqüentemente, ao *aprender/fazendo, learning by doing.*

Inerentes e subjacentes ao nosso estudo, surgem ainda certas e diversas questões como:

- a interdisciplinaridade;
- a metacognição;
- as transferências de aprendizagens.

Todas estas problemáticas assumem grande importância e interesse, no processo de ensino e aprendizagem, sendo conducentes a uma otimização das nossas práticas pedagógicas e conseqüente sucesso escolar que é o nosso objetivo primordial.

4.3. Aplicação do tema ao longo das atividades desenvolvidas na PES I e II

No que concerne ao tema, *A importância dos materiais no processo de ensino e aprendizagem* que é o cerne deste trabalho, salientamos que este foi explorado, aprofundado, analisado e aplicado, sempre que possível, ao longo da PES I e II.

Assim, desenvolvemos um estudo, sobretudo qualitativo incidindo na descrição das atividades e concepções prévias dos nossos alunos que foram efetuando aprendizagens significativas.

Como podemos constatar neste relatório, quando da descrição das atividades referentes aos vários domínios/áreas, incidimos e explicitamos esta questão, tornando-a exequível e complementando-a, recorrendo assim, a diversas imagens, à manipulação de diferentes objetos, ou seja vários materiais e diferentes objetos, que assumem uma importância crucial na obtenção de conhecimentos e concretização de aprendizagens, promovendo e fomentando outros aspetos fundamentais, como o da metacognição, das transferências de aprendizagem, do aprender/fazendo, ou *learning by doing* e da interdisciplinaridade.

4.4. Contexto e sujeitos do estudo

No âmbito da PES I e II, durante o estágio foram muitas as atividades efetuadas, visando desenvolver e promover aprendizagens a partir da manipulação de materiais, com o objetivo de que fossem ativas, significativas, profícuas, eficazes e rentáveis.

No que se refere ao estágio do Pré-escolar, o grupo era constituído por 11 crianças, com idades compreendidas entre os 4/5 anos, sendo 6 meninas e 5 meninos, todos com um nível cognitivo desenvolvido.

Em relação ao 1º CEB, a exequibilidade da PES II ocorreu, com uma turma do 1º ano, A 28 constituída por 20 alunos, com idades compreendidas entre os 6/7 anos, sendo 8 meninas e 12 meninos, entre os quais, 2 com necessidades educativas especiais e outros 2, em abandono escolar.

5. Atividades efetuadas na PES I

1ª Atividade construção de um cravo vermelho símbolo do 25 de abril

No contexto da PES I, em relação à Educação Pré-escolar, visando aprofundar e aplicar o nosso tema, exploramos os feriados nacionais, na área de Formação Pessoal e Social, na área de Conhecimento do Mundo e na área de Expressão/Comunicação para que as crianças entendessem e soubessem o porquê dos mesmos, percebendo os acontecimentos fundamentais e os factos subjacentes e mais importantes a eles ligados, para lentamente irem construindo e desenvolvendo os seus esquemas mentais conducentes a uma melhor compreensão presente e futura da História de Portugal.

Neste âmbito, incidindo na temática trabalhamos sucintamente o feriado do 25 de abril, aquando da sua ocorrência.

Nesta sequência, visamos atingir os seguintes objetivos que destacamos:

- descobrir o que é um feriado;
- perceber os factos ocorridos;
- compreender os diferentes acontecimentos subjacentes;
- relacionar o feriado com diferentes personagens fundamentais;
- interiorizar valores de cidadania;

- proporcionar uma aprendizagem cooperada;
- partilhar saberes;
- manipular materiais;
- conhecer outros feriados.

Assim, começamos por indagar e averiguar os conhecimentos anteriores, ou as conceções prévias dos alunos, relativamente a este tema, questionando-os oralmente:

- Amanhã não há escola, sabem porquê?
- O que se passou?
- Quem sabe o que se recorda amanhã?
- Dizemos que é feriado, porquê?
- Qual foi a flor que se transformou num símbolo da revolução do 25 de abril?

Através destas questões, inferimos que todas as crianças tinham uma vaga ideia sobre a temática, porém apenas uma respondeu correta e assertivamente às questões formuladas, nomeadamente que era feriado porque se comemorava a liberdade.

Posteriormente, visando uma melhor compreensão do tema, recorremos e utilizamos diversos materiais, visualizando as crianças, em primeira instância, várias imagens que todas observaram atenta e minuciosamente, manipulando-as, (fig. 51), enquanto ao mesmo tempo, em simultâneo, escutavam diferentes canções de intervenção, de Zeca Afonso e Paulo de Carvalho alusivas ao tema:

- *Os Vampiros*; Zeca Afonso
- *Vejam Bem*; Zeca Afonso
- *Grândola Vila Morena*; Zeca Afonso
- *E depois do Adeus*. Paulo de Carvalho.



Figura 45. Imagens alusivas ao 25 de abril
Fonte. Própria

Neste contexto, uma outra das atividades que promovemos consistiu na elaboração e construção de um cravo, em que foi notório que as crianças aprenderam fazendo, como podemos observar na figura 52. (1).

Nesta sequência, incidimos de novo em vários aspetos relacionados com os acontecimentos desse dia

- o significado da data e respetivo simbolismo;
- os valores subjacentes, promovendo o diálogo;
- os símbolos inerentes aos acontecimentos desse dia, fomentando a observação/manipulação de imagens;
- os factos que marcaram essa data, explicando de forma simples que se comemora desde 1974, sendo feriado nacional.

Em simultâneo, executavam outros trabalhos também referentes ao 25 de abril, como se verifica igualmente, na figura 52. (1.2.3) estando subjacente a questão da interdisciplinaridade tão preconizada por Pombo (2005) entre a área de Formação Pessoal e Social, a área de Conhecimento do Mundo e a área de Expressão/Comunicação.



Figura 46. (1, 2, 3). Atividades alusivas ao 25 de abril
Fonte. Própria

Relativamente às tarefas realizadas, verificamos um grande interesse e curiosidade das crianças em querer saber mais, o que levou ainda como resultado final, à construção de um *placar* sobre o 25 de abril (fig.53). Após a consecução da atividade, formamos três grupos e cada um, perante o *placard*, efetuando uma leitura imagética, contava sucintamente, um pouco do que representava o feriado.



Figura 47. Placard alusivo ao 25 de abril
Fonte. Própria

Nesta sequência e após todas estas atividades, voltamos de novo a formular as questões iniciais e constatamos que todos, sem exceção, conseguiram correta e claramente responder, sem dificuldades e com grande empenho e interesse, a todas as perguntas efetuadas, o que nos leva a afirmar que a observação, a manipulação, a concretização, a ação, a experimentação e conseqüentemente, o aprender fazendo são conducentes a aprendizagens ativas e significativas, ou seja a verdadeiras aprendizagens, duradouras no tempo.

2ª Atividade - Construção de um vulcão

A música foi a temática escolhida pela instituição para servir de base às atividades realizadas, ao longo do ano letivo.

Neste contexto, aquando da abordagem da música *Reggae*, referimos que este estilo musical surgiu na Jamaica, uma ilha que se encontra na América do Norte.

Porém, uma das crianças questionou-nos sobre o que é uma ilha e, assim, tornando exequível um dos princípios fundamentais da planificação, a flexibilidade, tentamos satisfazer a sua curiosidade, respondendo a esta questão.

Tal constituiu uma motivação inicial, que ambicionamos continuada, perguntando ao grupo, para averiguar as suas conceções prévias, se alguém sabia o que era uma ilha, mas todos responderam que não.

Nesta sequência e de imediato, para uma melhor compreensão do conceito em causa, recorrendo ao computador, visualizamos a ilha da Madeira e algumas dos Açores, referindo que em certos pontos a água era quente e, por essa razão, explicamos também que isso ocorria devido à existência de pontos quentes no interior da terra. Estes são tão quentes que as rochas derretem e formam o magma, que nalguns casos sobe, através de fissuras e chaminés vulcânicas até à superfície, ocorrendo assim, uma erupção.

Neste contexto, perguntamos, logo de seguida, se alguém sabia ou ouvira, alguma vez falar de vulcões, tentando averiguar as suas concepções prévias, porém todos responderam que não sabiam.

Recorrendo à visualização e observação de diversas imagens, através do computador, pesquisamos um vulcão nos Açores, estando numa das fases, em erupção, como se observa nas figuras 54. (1,2,3) o que suscitou grande interesse, fomentando um diálogo muito profícuo e participativo, gerando um dinamismo notório e interventivo, consequentemente, suscitando grande interação social.



Figura 48. Vulcões do Capelinhos (1), Furnas (2), Fogo (3) (ilha dos Açores)
Fonte. Internet³

Neste contexto, mais tarde, através da ação e manipulação decidimos simular um vulcão, em contexto sala de aula, visando uma aprendizagem significativa. Assim, remetendo e explorando a técnica de modelagem do barro, moldamos um vulcão, fomentando a destreza manual e desenvolvendo a sensibilidade e motricidade fina, como se observa na fig.55.



Figura 49. Modelagem do barro
Fonte. Própria

Posteriormente, o vulcão já modelado foi cozido no forno, para de seguida, fazermos a simulação do mesmo, observando-o, mas em erupção, como passamos a explicitar, através da experiência que em conjunto tornamos exequível, visando a consolidação de conhecimentos.

Consequentemente, através da junção de vários materiais, passamos a descrever e a explicitar a atividade promovida baseada na experimentação.

Experiência

Neste âmbito, começámos por mostrar ao grupo os materiais a utilizar, alguns de uso diário na cozinha:

- vinagre;
- corante alimentar;
- bicarbonato de sódio.

Posteriormente, numa segunda fase, as crianças observaram-nos, manipularam-nos, e experimentaram-nos, degustando-os e referindo, além de exprimirem as diferentes sensações sentidas e vividas.

Assim, traduziram as suas sensações gustativas, salientando que o vinagre era azedo, que o corante alimentar era bom e relativamente ao bicarbonato, as respostas foram homogéneas, referindo que não tinha sabor.

De seguida, questionamos as crianças, pretendendo averiguar as suas conceções prévias, se sabiam o que iria acontecer se juntássemos todos os ingredientes. Com grande entusiasmo, interesse e dinamismo, todo o grupo, em uníssono, referiu que o vulcão iria explodir, expulsando *coisas* do seu interior.

Enfatizamos que foi notório que esta resposta acertada e correta foi consequente da observação anterior, além da manipulação e exploração das imagens reais e verdadeiras, em computador, o que nos leva a inferir que houve interiorização, conducente a aprendizagens verdadeiras e eficazes, o que foi muito gratificante e estimulante para todos nós.

Nesta sequência, pretendendo demonstrar e confirmar, se a resposta do grupo estava correta, logo de seguida, efetuamos a experiência.

Assim, juntamos ao vinagre, já num recipiente, no interior do vulcão, o corante alimentar e posteriormente, o bicarbonato de sódio, o que de imediato originou uma breve e

pequena explosão, simulando um vulcão em erupção, o que todos observamos, como se infere da fig. 56.



Figura 50. Experiência do vulcão
Fonte. Própria

Após terminarmos a experiência e o grupo descobrir, mais uma vez, através da observação e da manipulação, que a *espuma* que ia surgindo simulava a lava de um vulcão em erupção, cada elemento desenhou, numa folha, (fig. 57), o que observou, visando a construção de um painel coletivo, numa cartolina a afixar, incidindo de novo no aprender fazendo, em que o sujeito é ativo e construtor do seu próprio conhecimento, verificando-se que não havia qualquer dificuldade em relação aos conteúdos lecionados.



Figura 51. Registo da observação do vulcão, através de um desenho
Fonte. Própria

3ª Atividade – a reciclagem

No contexto, do tema reutilização e reciclagem, partimos de um diálogo, a fim de verificar as concepções prévias das crianças sobre a importância de preservar o meio ambiente e incentivar a proteção do planeta, levando as crianças a compreenderem a importância de reciclar. Assim, uma vez mais esteve presente a interdisciplinaridade entre as áreas do Conhecimento do Mundo, Formação pessoal e Social e Expressão/Comunicação.

Neste contexto, foi importante e fundamental partir das concepções prévias das crianças, ou seja dos seus conhecimentos anteriores em relação ao tema, questionando-os sobre:

- o que entendem por reciclagem?
- o que são os ecopontos? Quantos são?
- que cores têm?
- qual o nome de cada um?
- que material corresponde a cada ecoponto?

Através destas questões, inferimos que todos já tinham ouvido falar sobre reciclagem, mas porém algumas crianças tinham apenas uma vaga ideia sobre a temática e, nem todos sabiam explicar o que era, nem quantos eram os ecopontos, não sabendo fazer a correspondência das cores e dos materiais a depositar em cada um.

Neste âmbito, para uma melhor compreensão e interiorização dos conteúdos a aprofundar foi contada uma história, através de imagens, que adaptamos da história *Ana Tereza e o Código Secreto*, de Ludovina Margarido, que refere que a Primavera tinha chegado e o velho carvalho não queria acordar, pois não tinha folhas.

Neste contexto, Ana Tereza e os amigos decidiram decorá-lo com materiais, que foram buscar aos ecopontos, reutilizando-o e conseqüentemente reciclando-o. Deste modo, o velho e mágico carvalho acordou, pois já tinha folhas devido à transformação do material velho noutra novinho.

Após este momento, de uma riqueza imensa, em que exploramos minuciosamente a história, incidindo nos aspetos relacionados com a reciclagem e com os ecopontos, constatamos, através do diálogo e interação social que íamos promovendo, que as dúvidas, em relação a estas questões iam-se dissipando.

Nesta sequência, visando ainda uma melhor interiorização e consolidação de conhecimentos, após a observação e a manipulação, foi efetuado um jogo.

Neste âmbito, as crianças deviam ordenar corretamente as imagens, correspondentes à história, com o objetivo de perceberem que os materiais podem-se reutilizar, tal como aconteceu na história, devendo identificar também cada um desses materiais.

Neste contexto, aprofundando um pouco mais o tema, o grupo realizou outra atividade, a construção de diversos ecopontos para utilização na sala, reutilizando caixas velhas, que pintaram de acordo com as cores dos respetivos ecopontos e com o objetivo de aprender e praticar a reciclagem, através da promoção de boas práticas, como se verifica na fig.58.



Figura 52. Construção de ecopontos
Fonte. Própria

Nesta sequência, continuamos a aprofundar o tema e recorrendo à interdisciplinaridade, as crianças aprendendo fazendo, construíram os seus próprios instrumentos musicais como: pandeiretas, castanholas e maracas, como podemos observar na fig. 59. Explicitando utilizamos diversos materiais recicláveis, promovendo e incentivando a reciclagem.



Figura 53. Construção de instrumentos musicais, partindo de material reciclável
Fonte. Própria

Assim, visando a consecução de pandeiretas, foi facultado a cada criança um prato, previamente furado por nós, onde inseriram um fio que enfiavam com caricas.

Em relação às maracas, estas foram construídas com frascos de iogurtes, introduzindo diversas pedrinhas no seu interior, no que concerne às castanholas, foram efetuadas, através de um molde (modelo elaborado por nós) que, posteriormente foi recortado pelas crianças, colando duas caricas, uma de cada lado nas respectivas extremidades.

Após as tarefas realizadas, em que as crianças, através da observação, da manipulação e concretização foram sujeitos ativos da sua própria aprendizagem, pondo a tônica na experimentação e dando primazia ao *aprender fazendo*, verificamos, que após a concretização das atividades, todas as crianças foram capazes de responder às questões formuladas inicialmente.

Assim, podemos afirmar que desenvolveram, em simultâneo e concomitantemente a criatividade, o sentido estético, a destreza manual e a motricidade fina, sendo capazes de construir instrumentos musicais originais e diversificados, a partir da reutilização de materiais.

4ª Atividade – Exploração dos Blocos Lógicos

Ao longo das nossas regências, foram desenvolvidas diversas noções matemáticas, sendo os objetivos primordiais a atingir:

- desenvolver a noção de número e quantidade;
- formar conjuntos, mediações e formas geométricas;
- aplicar os conhecimentos adquiridos.

Neste contexto, visando a formação de conjuntos e tendo em consideração a cor, a forma e o tamanho, recorreremos à manipulação de materiais, (Blocos lógicos), (Apêndice 15), pretendendo ainda alcançar outros objetivos subjacentes:

- desenvolver o raciocínio lógico matemático;
- estimular a sequência lógica;
- identificar semelhanças e diferenças entre objetos.

Assim, partimos das concepções prévias das crianças, questionando-as sobre:

- conhecem os Blocos Lógicos?
- sabem as suas respectivas cores?
- que figuras geométricas surgem?

- o que é uma sequência?
- o que são semelhanças e diferenças?

Através destas questões, concluímos que todas as crianças já tinham tido contacto com os Blocos Lógicos e todas conheciam as cores primárias, (amarelo, vermelho e azul), mas apenas algumas souberam explicar o que era uma sequência, porém todos tiveram dificuldades em explicar o que são semelhanças e diferenças.

Neste âmbito realizamos o jogo, *O maior número de peças*, baseado na manipulação de materiais, (Blocos Lógicos), que foi jogado, com a turma dividida em dois grupos. O objetivo fundamental subjacente era desenvolver a atenção, a capacidade de análise e comunicação, bem como a noção de «pertence» e «não pertence».

Assim, as 48 peças foram divididas de modo que cada grupo ficasse com 24, que guardava na sua caixa. Aqui, o objetivo pretende a participação de todos, sendo esta uma atividade que reforça o sentido de grupo, a colaboração, a interajuda, o confronto de ideias e opiniões, ou seja a cooperação e interação social no sentido de atingir um fim.

Deste modo, cada criança do grupo, na sua vez, pediu ao outro grupo, uma das peças que julga estar em falta na sua caixa. Para isso, terá que prestar atenção às que já possui e suas características, (cor, tamanho e forma). Caso acerte, esta peça será depositada ao lado da sua caixa. Ganhava o primeiro grupo que obtivesse 10 peças extra.

Ainda neste contexto, foram construídos carimbos de batata, tendo em consideração as diferentes formas dos Blocos Lógicos. Cada criança teria que escolher o carimbo correspondente da peça que tinha tirado da caixa e assim, sucessivamente, como se observa na fig.60, com o objetivo de desenvolver o conhecimento das figuras geométricas.



Figura 54. Carimbos de batata de formas geométricas
Fonte. Própria

Após a concretização das atividades, em que todas as crianças observaram, manipularam e concretizaram, sendo sujeitos ativos da sua própria aprendizagem, verificamos que todos conseguiram com bastante êxito efetuar as atividades, alcançando os objetivos pretendidos, bem como perceber e responder às questões, inicialmente formuladas.

6. Atividades efetuadas na PES II

5ª Atividade – Manipulação e observação de diversas fontes históricas

No contexto da PES II, no que concerne ao 1º CEB, trabalhamos e aprofundamos, também a questão dos feriados nacionais, na área de estudo do meio, visando que as crianças soubessem e percebessem o porquê dos mesmos; os acontecimentos subjacentes e as respetivas causas, tal como os factos mais importantes a eles ligados. Pretendíamos assim, que paulatinamente, fossem construindo e desenvolvendo os seus esquemas mentais, visando uma melhor compreensão futura da História de Portugal.

Neste âmbito, aproximando-se o feriado municipal da Guarda, dia 27 de novembro e comemorando-se o dia em que o rei D. Sancho I, *O Povoador*, concedeu a Carta de Foral à cidade, em 1199, era necessário explicitar às crianças tais acontecimentos, de modo a que entendessem de forma simples e sucinta o que se passou e marcaria, para sempre a nossa cidade e a História de Portugal.

Nesta sequência, visamos atingir os seguintes objetivos:

- compreender o porquê do feriado;
- visualizar a imagem de D. Sancho I, *o Povoador*;
- observar minuciosamente a Carta de Foral da Guarda;
- manipular a mesma;
- relacionar o feriado com os diferentes acontecimentos subjacentes.

Assim, começamos por indagar dos conhecimentos, ou conceções prévias dos alunos em relação a esta temática, formulando oralmente diversas questões:

- amanhã que dia é?
- não há escola, porquê?
- dizemos que é feriado, porquê?
- sabem o que aconteceu nesse dia?
- já viram alguma vez a estátua que está perto da Sé da Guarda?

- qual o rei mais importante para a nossa cidade?

Perante estas questões, constatamos com alguma admiração, que nenhuma criança sabia o porquê do feriado, nem ouvira algo sobre o mesmo e, nem sequer se lembravam de terem visto a estátua junto à Sé, não a relacionando com qualquer rei.

Neste contexto e visando uma melhor compreensão do tema, levamos para a sala de aula, diversas imagens referentes ao rei D. Sancho I, *O Povoador* e da estátua deste junto à Sé catedral da cidade, tal como do documento original da Carta de Foral da Guarda, que todos os alunos observaram (fig.61) minuciosamente e atentamente, manipulando-as, explorando-as e relacionando-as entre si, efetuando diversas questões sobre as mesmas.

C



Figura 55. Observação e manipulação da imagem de D. Sancho I e da Carta de Foral da Guarda
Fonte. Própria

Nesta sequência, constatamos que a atividade suscitou um diálogo intenso, incidindo no aprender fazendo e na descoberta do que é a Carta de Foral (documento escrito à época, onde se estabeleciam e registavam todos os direitos e deveres dos moradores para com o seu senhor).

Assim, surgiu um momento extremamente rico, fomentando grande troca de ideias, partilha de opiniões e sugestões, em relação à estátua e quem representava.

Após as tarefas fomentadas e realizadas, em que as crianças, através da manipulação e concretização foram sujeitos ativos da sua própria aprendizagem, *learning by doing*, dando primazia à observação e manipulação atenta e minuciosa, verificamos que a maioria dos alunos, com certa facilidade e demonstrando algum interesse, conseguiu responder às questões inicialmente formuladas, exceto um que como já referimos apresenta um certo nível de défice cognitivo, sendo notório também um défice de atenção.

6ª Atividade – Manipulação e construção de símbolos alusivos ao 25 de abril

No final do estágio do 1º CEB, 1º ano, em diálogo ocasional com os alunos, no âmbito do estudo do meio, constatei que ninguém sabia o que se comemorava e assinalava no dia 25 de abril. Neste contexto, de imediato e em concordância com o professor titular da turma, resolvemos colmatar esta lacuna.

Assim, no que concerne ao 25 de abril, visamos atingir alguns dos objetivos principais.

Nesta sequência, pretendemos também que os alunos atingissem os seguintes objetivos:

- perceber os factos ocorridos;
- compreender os diferentes acontecimentos subjacentes;
- descobrir o porquê de ser feriado;
- interiorizar valores de cidadania;
- proporcionar uma aprendizagem cooperada;
- partilhar saberes;
- manipular materiais

De seguida, continuamos a indagar e averiguar as conceções prévias dos alunos, relativamente a este tema, através de um breve diálogo questionando-os:

- por que se comemora o 25 de abril?
- desde quando é que homenageamos e lembramos esse dia?
- comemoramos este dia a nível nacional ou mundial?
- qual foi a flor que se transformou no símbolo da revolução do 25 de abril?

Posteriormente, visamos ser mais objetivos e chegar aos conhecimentos prévios dos alunos, através da resolução de uma ficha escrita, que funcionou como teste diagnóstico, (Apêndice 16), com 5 questões relativas e incidindo no 25 de abril.

Responderam apenas 17, de um total de 20 alunos da turma, a diversas perguntas, verificando-se que nesta primeira fase, apenas 2 alunos responderam corretamente à 1ª questão, não conseguindo responder às restantes.

Posteriormente, para uma melhor compreensão do tema, recorreremos ao auxílio das novas tecnologias, visualizando no computador, um documentário da RTP1 sobre o 25 de abril,

contado num minuto. Tal suscitou e motivou um grande interesse e entusiasmo, através da observação e visualização de diversos materiais.

Ainda neste contexto, para melhor consolidação de conhecimentos, utilizamos como recurso o material manipulável, para a elaboração de uma atividade que consistiu na construção de um cravo, remetendo à expressão plástica em que foi notório que as crianças aprenderam fazendo, construindo um cravo em grupo, como podemos observar na fig. 62. Assim, temos subjacente a questão da interdisciplinaridade, entre a área do estudo do meio e a área da expressão plástica.



Figura 56. Construção de um cravo alusivo ao 25 de abril.
Fonte. Própria

Neste sentido, aquando da atividade realizada, em que as crianças, através da manipulação e concretização foram sujeitos ativos da sua própria aprendizagem, dando proeminência à observação e manipulação atenta e minuciosa, verificamos que todos os alunos demonstraram grande interesse, empenho, motivação, interação e cumplicidade na sua realização, não apresentando qualquer dificuldade.

De seguida, os alunos voltaram a efetuar a mesma ficha, (fig.63) efetuada anteriormente.



Figura 57. Ficha relacionada com 25 de abril.
Fonte. Própria

Após a exploração e análise dos dados apresentados no gráfico 8 relativos à ficha de Estudo do Meio, reiteramos que, numa “população” de 17 alunos, envolvidos, numa primeira fase, apenas dois alunos responderam corretamente à 1ª questão, não conseguindo responder às restantes.

Numa segunda fase, todos responderam, corretamente às questões 1, 2, 4, 5, e apenas dois não responderam corretamente à questão 3.

Assim, podemos deduzir que o resultado pode estar diretamente relacionado com o facto de as crianças terem efetuado uma aprendizagem baseada na observação, na ação, na manipulado, na concretização e na experimentação pelo que consequentemente constatamos que o resultado da ficha foram bastante mais positivos como se confirma através do gráfico 8.

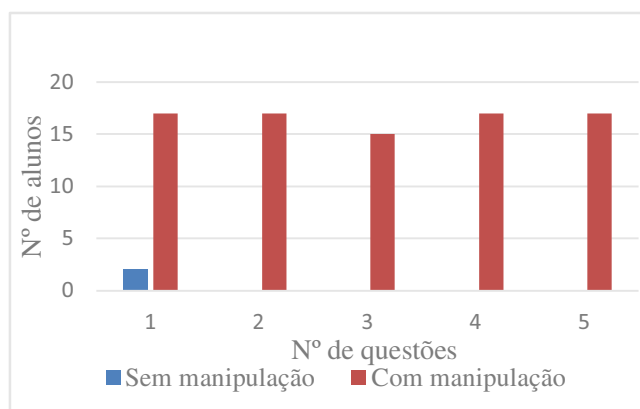


Gráfico 9. Resultados do teste de diagnóstico
Fonte. Própria

7ª Atividade – O Crocodilo comilão

De acordo com o Programa de Matemática (2013), nos primeiros anos de escolaridade a aprendizagem da matemática deve partir do concreto para chegar ao abstrato, incidindo sempre que possível e adequado, em jogos lúdicos, que motivem a criança e a levem de forma progressiva e gradual, a uma melhor compreensão do abstrato.

Sabemos que relativamente a esta área e no que concerne ao domínio de NO, em relação ao 1º ano do 1º CEB, o objetivo principal é a contagem até cem.

Neste contexto, ao longo da nossa PES, visamos alcançar este objetivo e outros que lhe estão subjacentes nomeadamente:

- realizar contagens, progressivas e regressivas;
- compor e decompor números;

- comparar e ordenar números, utilizando a simbologia “<, >” e “=”.

Assim, conducente ao alcançar dos objetivos mencionados, partimos das concepções prévias dos alunos, questionando-os:

- quem sabe continuar esta contagem, (sequência), do *coelho Saltitão*? Ex : 0, 2, 4, ..., 20, ...
- como podemos decompor o número ex.: $30 = 10 + \dots$ $30 = \dots + 5$
- quem ajuda a ordenar por ordem crescente os seguintes números? 0, 9, 5, 2, 4, 8, 3, 6, 1, 2..., utilizando a seguinte simbologia “< e >”.

Através destas questões, concluímos que todos os alunos, sem exceção apresentavam dificuldades na resolução das mesmas e consequentemente, no que concerne a estes conteúdos.

Visando deste modo, colmatar as dificuldades, uma das atividades realizadas foi *o jogo do Crocodilo comilão* baseado na manipulação de imagens, cada uma com uma maçã que continha um determinado número até 5, sendo o objetivo fundamental compreender as temáticas e saber aplicá-las,

Assim, participavam no jogo 6 alunos de cada vez:

- um personificava o crocodilo, tendo uma imagem do símbolo >;
- quatro tinham, cada um, uma imagem de uma maçã que continha um número;
- outro, registava no quadro o respetivo número que cada maçã continha e que o crocodilo ia comendo, como se verifica na fig.64.

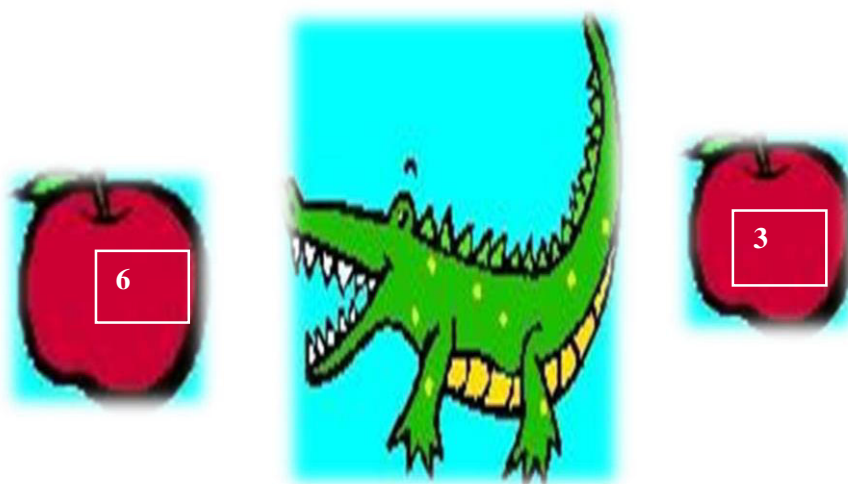


Figura 58. *O jogo do Crocodilo Comilão*
Fonte. Própria

Neste âmbito, proporcionou-se um diálogo participativo, intenso e muito proveitoso, porque foram efetuados vários exercícios no quadro, remetendo sempre que necessário à manipulação de material.

Em simultâneo e concomitantemente, visando uma melhor consolidação dos conhecimentos, através da concretização, conducente ao colmatar de algumas dificuldades inerentes promovemos e tornamos exequível a atividade seguinte e subsequente.

8ª Atividade: Contagens (progressivas, regressivas e sequências), incidindo na manipulação de caricas

Esta atividade é fundamental e elementar, sendo básica para as crianças adquirirem e construírem a noção de número, pois é através da ação sobre os objetos reais que estabelecem diferentes relações, descobrindo outras, enquanto efetuam contagens diversas (progressivas, regressivas e sequências) como se explícita e observa na fig.65.



Figura 59 *Contagens*
Fonte. Própria

Verifica-se assim, através da interdisciplinaridade o desenvolvimento da destreza manual e da motricidade, da sensibilidade, da criatividade.

Em relação às questões iniciais, constatamos que as dúvidas foram-se dissipando paulatinamente e todos conseguiram responder.

Sugestões para o futuro

Perante a consciência clara de que a educação está em constante mudança e atualização, no âmbito do nosso trabalho, *A importância dos Materiais no processo de ensino e aprendizagem*, desenvolvido, ao longo da PES, visamos além dos objetivos referidos, sensibilizar e incentivar novas investigações relacionadas com o tema e outros afins, para deste modo, promovermos boas práticas conducentes à inovação e otimização do processo de ensino e aprendizagem.

Neste contexto, salientamos que seria importante e benéfico no futuro, aprofundarmos o tema, promovendo outras investigações, neste domínio, tentando incidir e aprofundar mais esta questão e outras que lhe estão inerentes, remetendo a um público-alvo mais extenso e abrangente, o que não nos foi possível devido à escassez de tempo.

Assim, seria pertinente desenvolver e fomentar, concomitantemente, várias e mais atividades ligadas à manipulação, mas abrangendo todas as diferentes áreas do saber, desde o nível mais elementar, o Pré-escolar até ao 1º CEB, promovendo diversos estudos, quer de carácter qualitativo, quer quantitativo, de modo a que a amostra fosse significativa para atingir e obter resultados passíveis de generalizar.

Ainda neste sentido, seria pertinente fazer um estudo mais aprofundado sobre a importância da manipulação de materiais e a aprendizagem efetuada, bem como, os níveis obtidos, estabelecendo relações e correlações, quanto a outras variáveis a estudar, à metacognição, à destreza mental e às transferências de aprendizagens.

Com estas sugestões, para fazermos a diferença, também é necessário que o educador se mantenha em constante, formação a nível da atualização, investigação e reflexão, tendo consciência que deve sempre melhorar e assim, poder implementar a mudança.

Pretendemos, assim, promover boas práticas conducentes à inovação e otimização do processo de ensino e aprendizagem, que queremos de qualidade, fomentando a manipulação, uma vez, que sabemos que esta é facilitadora de todo o processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para um maior sucesso escolar.

Conclusão

Após o término desta nossa experiência, no que concerne à Prática de PES I e II, e desenvolvimento do tema em questão, inferimos a grande necessidade de repensar e reformularmos constantemente as nossas práticas. Assim percebemos e consciencializamo-nos que a nossa reflexão deve ser *na ação; da ação; sobre a ação e para a ação*, sempre com um caráter prospetivo, ou seja de futuro em que devemos sempre tentar reformular as nossas práticas, enriquecendo-as e visando melhorar o processo.

Consideramos assim, que a nossa experiência, a nível de PES foi extremamente rica, sendo na nossa perspetiva imprescindível tanto relativamente ao nosso percurso académico como a nível da nossa formação pessoal, enquanto futuros educadores, na medida que nos proporcionou um contacto direto com a realidade educativa, preparando-nos para promovermos e desenvolvermos futuras práticas pedagógicas mais eficazes e de qualidade.

Assim, constatamos e inferimos que as atividades realizadas na PES I e II, incidindo e utilizando metodologias ativas, contribuíram para a exequibilidade e concretização de verdadeiras aprendizagens, que pretendemos cada vez mais ativas e significativas e conducentes ao sucesso de todos os alunos, não só escolar, mas também de vida.

Relativamente às atividades planeadas na PES I, no geral podemos afirmar que foram efetuadas com sucesso, uma vez que os objetivos propostos foram atingidos em pleno e o grupo mostrou-se muito trabalhador e empenhado, denotando grande interesse e motivação, além de espírito de cooperação, de interajuda e equipa.

No que concerne à PES II, os objetivos foram alcançados paulatinamente, numa primeira fase com mais dificuldades, mas posteriormente, com o nosso empenho, tentamos diversificar as atividades e adaptá-las às exigências dos alunos, atingindo assim, os objetivos propostos e conducentes ao sucesso escolar.

Consequentemente, nesta perspetiva, podemos afirmar que o nosso tema e seu aprofundar a nível teórico, foi também crucial, no que concerne ao nosso estágio de PES, ajudando-nos a fundamentar cientificamente, a esclarecer e clarificar as nossas práticas pedagógicas, possibilitando-nos sempre, numa perspetiva proativa, sermos melhores educadores e profissionais no futuro, desenvolvendo e promovendo Práticas Pedagógicas, cada vez mais, eficazes, proveitosas, rentáveis e exequíveis.

Salientamos que, durante o nosso estudo, partimos sempre das conceções prévias das crianças, para podermos dar resposta às diversas questões, através das atividades que foram promovidas e efetuadas, explorando materiais manipuláveis e manipulando-os, o que constatamos e verificamos ser benéfico e facilitador das aprendizagens. Tal conduziu a uma

melhor interiorização de conteúdos em todas as áreas e domínios curriculares, verificando-se que a utilização destes, em contexto educativo pressupõe, antes de mais, por parte do professor, uma prática reflexiva, para poder utilizá-los de forma correta, tornando assim as aprendizagens das crianças mais significativas e profícuas.

Consciencializamo-nos, ainda de modo clarividente que os materiais são fundamentais e até imprescindíveis no processo de ensino e aprendizagem, funcionando como suportes de aprendizagem e sendo facilitadores da mesma, além de suscitarem a motivação extrínseca, com vista ao promover da intrínseca, que é importante e pretendemos atingir, visando desenvolver o interesse e o gosto individual, pela aprendizagem.

Inerentes e subjacentes ao nosso estudo, surgem ainda certas e diversas questões como:

- a metacognição;
- as transferências de aprendizagens;
- a interdisciplinaridade.

Todas estas problemáticas assumem grande importância e interesse, no processo de ensino e aprendizagem, sendo conducentes a uma otimização das nossas práticas pedagógicas e consequente sucesso escolar que é o nosso objetivo primordial.

Neste sentido, corroboramos os vários autores, reiterando que a manipulação de materiais é essencial e imprescindível na aprendizagem

Sentimos intensamente que a PES foi experienciada e vivenciada de uma forma positiva, pois, aprendemos, ensinamos e crescemos, enquanto pessoas e futuras docentes, uma vez que estamos sempre na descoberta de algo novo, trilhando a dimensão da educação, e visando alcançar a dimensão axiológica, ou seja o que se preconiza e defende, o que deve ser...

Bibliografia

Alarcão, I. e Tavares, J. (2007). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.

Agrupamento de escolas da Sé-Guarda (2014/2015). *Regimento do Jardim de Infância de Alfarazes*. Guarda: Agrupamento de escolas da Sé.

Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Mcgraw-Hill.

Ausubel, D. P. (2000). *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspetiva cognitiva*. 1ª Edição. Lisboa: Plátano.

Bailote, C. (2011). *O Fantoche em jardim-de-infância: um recurso à integração social da criança inibida*. Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Bataglia, P. (2010). *A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral*. Universidade Estadual Paulista: Marília.

Barros, L. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.

Bernstein (1996). *Organização Escolar e Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. 4ª Edição. Lisboa: Ministério da Educação.

Botas, D. O. (2008). *A utilização dos materiais didáticos nas aulas de Matemática. Um estudo do 1ºCiclo*. Tese de Mestrado em Ensino das Ciências e Ensino da Matemática. Lisboa: Universidade Aberta.

Buescu, H., et al. (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Ministério da Educação: Lisboa.

Chateau, J. (1975). *O aluno e o jogo*. Coimbra: Atlântica Editora

Collares, D. (2003). *Epistemologia genética e pesquisa docente: um estudo das ações no contexto escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.

Clements, D. H. & Natasi, B. K. (2002). *Os Meios Eletrónicos de Comunicação e a Educação na Infância* in B.Spodek (org), Manual de Investigação em Educação de Infância, Fundação Calouste Gulbenkian, 561-619.

Damas, M. J. & Kelete, J. M. (1985). *Observar para avaliar*. Coimbra: Almedina.

Dias, C. (2012). *Expressão Plástica: Práticas e Dinâmicas em Contexto de Ensino Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico*. Universidade dos Açores: Açores.

Dicionário de Língua Portuguesa (2013). 5 Edição: Porto Editora.

Estrela, M. & Estrela, A. (1978). *A técnica dos incidentes críticos no ensino*. Lisboa: Editorial Estampa, Lda.

Grando, R. C. (2000). *O conhecimento matemático e uso dos jogos na sala de aula*. Tese de Doutoramento: Universidade de Campinas.

Magalhães, G. M. (2007). *Modelo de colaboração jardim-de-infância/família*. Lisboa: Instituto Piaget.

Martins, D. (2013). *A organização do espaço e a implementação de regras numa sala de Jardim de Infância*. Guarda: Instituto politécnico da Guarda.

Mata, S. (2012). *O Ensino da Matemática na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Matos, J. M. e Serrazina, M. (1996). *Didática da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mansutti, M. (1993). *Conceção e Produção de Materiais Instrucionais em Educação Matemática*. Revista de Educação Matemática.

Mialaret, G. (1975). *A aprendizagem da matemática*. Almedina.

Mialaret, G. (1980). *As ciências da Educação*. Lisboa: Moraes Editores.

Mialaret, G. (2000). *Psicologia da Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério de Educação.

Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e programas do Ensino Básico 1º Ciclo*. Departamento de Educação Básica: Mem Martins.

Ministério da Educação (2009). *Programas de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2013). *Programas e Metas Curriculares de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Marcozzi, A. M. Dornelles, L. W. & Rêgo, M. V. B, S. (1980). *Ensinando a Criança: um Guia para o professor*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A.

Montessori, M. (1960). *A Criança*. Lisboa: Portugália Editora.

Monteiro, M. (1995). *Intercâmbios e Visitas de Estudo*, in *Novas Metodologias e Educação*. Porto: Porto Editora, pp. 171-197.

Piaget, J. (1964). *Seis estudos de psicologia*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Piaget, J. (1979). *A Psicologia da Criança*. 1ª Edição. Lisboa: Moraes Editores.

Pombo, O. (2005). *Interdisciplinaridade e Integração dos Saberes*. Lisboa: Laboratório Interdisciplinar sobre Informação e Conhecimento.

Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática no 1º Ciclo*. Universidade Aberta: Lisboa.

Portugal, G. (1992). *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro.

Rocha, F. (1988). *Correntes Pedagógicas Contemporâneas*. Aveiro: Editora Estante.

Rodrigues, A. V. (2000). *Guarda: pré-história, história e arte*. Guarda: Santa Casa da Misericórdia.

Ribeiro, K., Souza, S. (2011). *Jogos na Educação Infantil*. Editora: ESEAPT.

Santos, H. (1977). *Piaget na Prática Pedagógica*. Lisboa: Editorial Sementes.

- Salema, M. H. (2005). *Ensinar e aprender a pensar*. 1º Edição. Lisboa: Texto Editora.
- Serrazina, L. (1991). *Aprendizagem da Matemática - A importância da utilização de materiais*. *NOESIS*, 21.
- Sim-Sim, I. S. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 3º Volume- Música e Artes Plásticas*. Horizontes Pedagógicos: Lisboa.
- Souza, M. (2006). *A Psicanálise e o Complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet*. UFPA: São Paulo.
- Sprinthall, N.A, E Sprinthall, R.C. (1993). *Psicologia Educacional; Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Editora Mc. Graw-Hilde. Portugal.
- Tavares, J.; Alarção, I. (2005). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Vale, L. (1999). *Materiais manipuláveis na sala de aula: o que se diz, o que se faz*. Lisboa: APM.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artemed
- Zeichner. K.M. (1993). *A Formação Reflexiva dos Professores: ideias e Práticas*. Lisboa: Educa Professores.
- Kamii, C. (1984). *A Criança e o Número*. Brasil: Campinas, Papirus.
- Kamii, C. (1984). *Teóricos de Piaget na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.

Webgrafia

Motor de busca Google:

<https://www.google.pt/search?q=concelhos+e+freguesias+do+distrito+da+guarda+mapa&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjch8rx3Y7aAhUEvx> (¹) : acedido em

<https://www.mun-guarda.pt/Portal/default.aspx> (²)

<https://pt.slideshare.net/carlaamterra/o-25-de-abril-explicado-aos-mais-pequenos>

<http://ensina.rtp.pt/artigo/o-25-de-abril-num-minuto/>

<https://www.youtube.com/watch?v=6lGh3XA-9s8>

<https://www.priberam.pt/dlpo/manipular>

<https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1533/4/DissertMestradoCristinaCabralAlmeidaFerreira2012.pdf>

<http://www.destak.pt/artigo/73923>

Legislação

Lei de bases do Sistema Educativo. Decreto-Lei nº46/86 de 4 de outubro, artº5.

Lei de Bases do Sistema Educativo. Decreto-Lei nº115 – A/98, de 4 de maio.

Regulamento nº618/2016 de 29 de junho art.11º- Regulamento inerente à organização do relatório de estágio.

Lei de Bases do Sistema Educativo. Decreto-Lei nº75/08 de 22 de abril art.º e 4.

Apêndices

Anexos

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 1: Planificação referente à área da Formação Pessoal e Social no Pré-escolar

Área	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none">- proporcionar uma aprendizagem cooperada;- estimular momentos de partilha;- reconhecer diferentes sentimentos.	<ul style="list-style-type: none">- autonomia;- cooperação;-responsabilidade;- felicidade;- tristeza;- medo;- raiva;- timidez.	<ul style="list-style-type: none">- história <i>Os sentimentos</i> de Núria Roca;- jogo do dado relativo aos sentimentos.	<p>Avaliação direta</p> <ul style="list-style-type: none">- participação nas atividades.

Processo de operacionalização

Dando início ao tema dos sentimentos, contamos ao grupo a história *Os sentimentos* de Núria Roca este relata alguns sentimentos como a felicidade, a tristeza, o ciúme ou o medo. Neste seguimento, iremos realizar o jogo dos sentimentos. Para tal, cada elemento terá de lançar um dado, onde se encontram caras com diferentes expressões (sentimentos). Após o lançamento, o elemento terá de referir qual o sentimento representado e imitar o mesmo, através da imitação ou representação.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 2: Planificação de uma atividade referente à área da Expressão Motora no Pré-escolar

Área	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressão e Comunicação: - Expressão motora	- desenvolver a motricidade fina e global; - estimular a coordenação motora; - fomentar a lateralidade.	- motricidade fina; - jogos.	- música para os jogos	Avaliação direta - participação nas atividades.

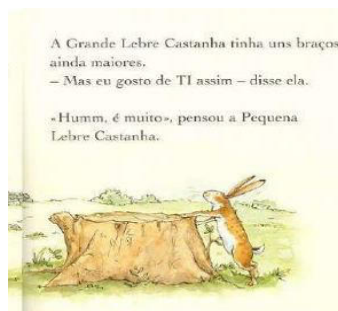
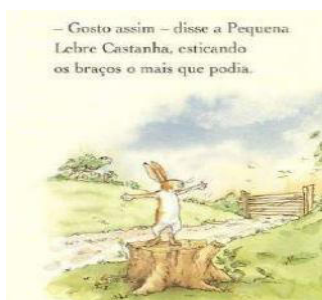
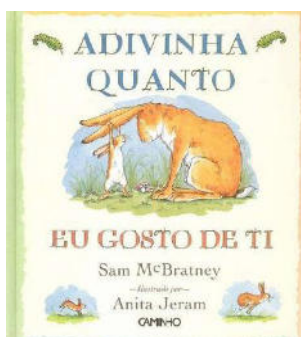
Processo de operacionalização - No período da tarde, o grupo irá realizar jogos referentes aos domínios das expressões físico-motora. De forma a realizar a ativação do grupo, jogarão o jogo *A mãe galinha*. Este consiste na formação de uma fila (o primeiro será a mãe galinha e os restantes os pintainhos). É escolhido ao acaso um elemento que será a raposa. O objetivo do jogo é que o elemento que fizer de raposa apanhe o último elemento da fila. Quando isso acontecer, a raposa passa a ser a galinha e o elemento que foi apanhado a raposa. O jogo seguinte foi o da cadeira, tendo como objetivo estimular a concentração. Neste jogo são dispostas várias cadeiras na sala e ao som da música o grupo circula a dançar, quando a música para têm que encontrar uma cadeira para se sentarem, como o número de cadeiras é menor do que o grupo das crianças saem do jogo as crianças que não estão sentadas. Ainda o jogo dos balões que tinha como objetivo principal estimular a coordenação motora. Este jogo é realizado a pares de dois, que devem dançar ao som da música sem deixarem cair o balão. Para finalizar, de forma a proporcionar o retorno à calma, o grupo senta-se, formando um círculo. Um elemento de cada vez terá de se dirigir ao centro e imitar, através de gestos, uma profissão que os restantes terão de descobrir, dirigindo-se posteriormente para os diferentes espaços, até à hora do lanche da tarde.

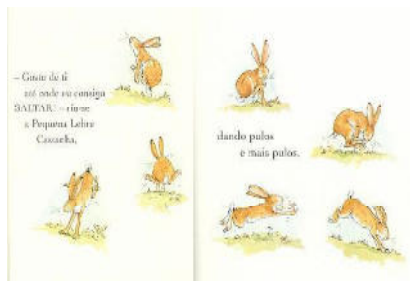
Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 3: Planificação de uma atividade referente à área da Expressão Dramática no Pré-escolar

Área	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressão e comunicação - Expressão Dramática	<ul style="list-style-type: none">- contactar com os fantoches;- desenvolver a concentração;- aprender a respeitar os outros;- aumentar o vocabulário;- esperar pela sua vez.	<ul style="list-style-type: none">- a Primavera;- o reconto da história.	<ul style="list-style-type: none">- História <i>Adivinha quanto eu gosto de ti na Primavera</i> de Sam Mc. Bratney;- fantocheiro;- fantoches.	<ul style="list-style-type: none">Avaliação direta- participação nas atividades
Processo de operacionalização				
<p>- Durante a manhã iremos contar a história “Adivinha o quanto gosto de ti na Primavera” de Sam Mc Bratney, através de um teatro de fantoches. Neste seguimento, forma-se grupos de dois elementos (um que reconta a história e outro que manipula os fantoches), para que todos tenham a possibilidade de recontar e manipular os fantoches, visto estes serem uma forma de desinibição por parte da criança.</p>				

Anexo 1: História *Adivinha quanto eu gosto de ti na Primavera*





Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 4: Planificação de uma atividade referente à área da Expressão Musical no Pré-escolar

Área	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressão e comunicação - Expressão Musical	<ul style="list-style-type: none">- conhecer as diferentes famílias de instrumentos (sopro, cordas e percussão);- contactar com instrumentos musicais;- estimular o gosto pela audição de músicas.	- família de instrumentos	<ul style="list-style-type: none">- viola;- tambor;- flauta.	Avaliação direta - participação nas atividades.
Processo de operacionalização <ul style="list-style-type: none">- O dia inicia com um diálogo com o grupo sobre as diferentes famílias de instrumentos. Posteriormente e, uma vez que, a manipulação leva a uma melhor aquisição de conhecimentos, cada criança irá contactar com três instrumentos (viola – cordas; tambor – percussão e flauta – sopro).- Após o contacto com os diferentes instrumentos, cada educadora estagiária, toca uma música, pelo grupo conhecida, para que todas as crianças a acompanhem, cantando, ao som dos diferentes instrumentos.				

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 5: Planificação de uma atividade referente à área da Expressão Plástica no Pré-escolar

Área	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressão e comunicação - Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none">- promover o contacto com diferentes técnicas;- fortalecer a capacidade de expressão e criação;- desenvolver a coordenação motora;- estimular a motricidade fina.	<ul style="list-style-type: none">Técnicas de expressão plástica;- criatividade;- sentido estético;- pintura e desenho;- digitinta	<ul style="list-style-type: none">- água;- farinha;- corante;- cartolinas.	<ul style="list-style-type: none">Avaliação direta- participação nas atividades

Processo de operacionalização

- Neste último dia, antes da aula de expressão dramática o grupo dirige-se para os diferentes jogos de mesa para que desenvolvam o raciocínio lógico e ultrapassem as barreiras e dificuldades que persistam em relação a estes materiais didáticos. Posteriormente procede-se à realização do registo referente à visita do dia anterior, através da técnica do desenho a *digitinta*, para que o grupo contacte com novas técnicas ao nível da expressão plástica.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 6: Planificação de uma atividade referente ao domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita no Pré-escolar

Área	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressão e Comunicação: - Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita.	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolver a capacidade de memorização;- Estimular a expressão oral e escrita;- Fomentar o discurso oral em diferentes situações;- Verbalizar ideias com correção;- Recontar uma história através de imagens.	- Dia da mãe.	<ul style="list-style-type: none">- Livro “Coração de mãe” de Isabel Minhós Martins;- Folhas;- Lápis de cor.	Avaliação direta - participação nas atividades

Processo de operacionalização - Leitura do livro *Coração de Mãe* de Isabel Minhós Martins e ilustrado por Bernardo Carvalho, seguindo-se o reconto da mesma, tendo em conta as imagens do livro. Partindo da história lida, pedimos a cada criança que descreva a sua mãe, física e psicologicamente, com o intuito de desenvolver a linguagem de cada criança. Neste seguimento, cada um dos elementos terá de desenhar a própria mãe. Para finalizar, cada criança completa a frase com um adjetivo para qualificar a mãe. Esta será redigida, por uma das educadoras estagiárias no desenho feito, anteriormente, que será entregue no dia da mãe.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 7: Planificação de uma atividade referente ao domínio da Matemática no Pré-escolar

Área	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressão e Comunicação: - Domínio da Matemática.	- Nomear os dias da semana; - desenvolver o raciocínio lógico; - formar conjuntos de acordo com uma determinada característica; - conhecer as cores.	- Números e operações: - noção temporal; - formação de conjuntos; - dias da semana; - soma; - raciocínio lógico.	- cartaz e música “coelhinho da Páscoa” - quadras.	- Avaliação direta - participação nas atividades

Processo de operacionalização - Após o almoço, e para introduzir os temas a tratar, conversamos com as crianças para tentar compreender as concessões que cada um já detém sobre esses assuntos (Páscoa e primavera). Neste seguimento, em conjunto, iremos ensinar a música “Coelhinho da Páscoa”, através de um cartaz com a letra representada por imagens, exploramos no domínio da matemática, as cores, a formação de conjuntos, a soma e noção do espaço. O jogo que se segue, “Caça ao Ovo”, tem como objetivo a procura de ovos desenhados em cartolina. Para a realização deste, o chefe terá de ir dizendo nomes de colegas aleatoriamente. A criança que for referida irá ouvir uma quadra (adivinha) que a levará a descobrir um espaço da sala onde se encontra um dos ovos escondidos. No final do jogo serão contados os ovos trabalhando novamente a soma.

- Quadras para o jogo *Caça ao Ovo*

1. Antes de ir para o refeitório,
as mãos tens de lavar,
se lá procurares bem,
um ovo irás encontrar. (casa de banho)

2. No meu espaço tens vestidos
e cozinheiro podes ser.
Um dos ovos perdidos
tu poderás ter. (Casinha)

3. Um ovo construtor
tu não podes perder,
é um grande trabalhador
e nas ferramentas se foi esconder. (Jogos de chão)

4. Todos os dias da semana
os meninos vão conversar.
Se queres encontrar um ovo
é aí que tens de procurar. (espaço do diálogo)

5. Um livro é um amigo
com quem podes contar.
Se procurares bem
um ovo vais encontrar. (espaço da leitura)

6. De computadores ele percebe
e não o podes enganar.
É um ovo engenheiro
e com ele podes contar. (Computador)

7. São jogos divertidos
que tu gostas de jogar,
Está um ovo à tua espera
para com ele ires brincar. (Jogos de mesa)

8. É um ovo pintor
que tu vais ter que procurar,
se estiveres com atenção
depressa o vais encontrar. (Espaço da pintura)

9. Para a mesa tens de ir
quando vais trabalhar,
toma muita atenção
antes de te sentar. (cadeira)

10. É um lugar encantado
entre o sonho e a fantasia,
um ovo no castelo da princesa
vai fazer-te companhia. (Jogo da princesa)

11. Se quiseres saber
o dia onde estás,
vai até ao calendário
e um ovo encontrarás. (calendário)

Anexo 2: Música “Coelhinho da Páscoa”

- Coelhinho da Páscoa que trazes p’ra mim?
- Um ovo, dois ovos, três ovos assim.
- Coelhinho da Páscoa que cor ele tem?
- Azul, amarelo e vermelho também.

Cartaz da música “Coelhinho da Páscoa”



que trazes p’ra mim?

assim.

que cor ele tem?

também.

The poster is enclosed in a blue border and contains three rows of content. The top row features a cartoon rabbit on the left and the text 'que trazes p’ra mim?' on the right. The middle row shows one blue egg, two yellow eggs, and three red eggs on the left, with the text 'assim.' on the right. The bottom row features the same cartoon rabbit on the left and the text 'que cor ele tem?' on the right. Below this, there is one blue egg, one yellow egg, and one red egg on the left, with the text 'também.' on the right.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 8: Planificação de uma atividade referente ao domínio do Conhecimento do Mundo no Pré-escolar

Área	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Conhecimento do Mundo	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer as diferentes etapas do crescimento de uma planta;- Incentivar para a proteção do planeta;- Inculcar o respeito pela natureza.	<ul style="list-style-type: none">- Etapas da sementeira e crescimento de uma planta.	<ul style="list-style-type: none">- Sementes,- Terra;- Utensílios de jardinagem;- Papel;- Lápis de cor;- Casca de ovo;- Água.	<ul style="list-style-type: none">- Avaliação direta- Participação nas atividades.

Processo de operacionalização - Esta foi uma atividade realizada com os restantes grupos do Jardim de Infância. O grupo dirige-se ao exterior, onde se encontra um pequeno espaço com terra. Aí é realizada uma sementeira com o auxílio das crianças, que colocam as sementes na terra e as regam no final. De volta à sala de atividades, cada criança realiza um desenho, como forma de registo daquilo que foi realizado e efetuado anteriormente. Esta foi uma atividade que se prolongou durante um grande período de tempo, na medida em que foi necessário dirigirmo-nos, por diversas vezes ao exterior, com o intuito de regar a horta. Em paralelo na sala de aula fizeram a sementeira de erva na casca de ovo.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 9: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico - Português

Área/ Domínios	Objetivos	Descritores de Desempenho	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Português Oralidade Leitura e Escrita 11h15/12h15	*Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos; *Produzir um discurso oral com correção. *Desenvolver a consciência fonológica e operar com fonemas; *Conhecer o alfabeto e os grafemas. *Dizer e contar, em termos pessoais e criativos.	*Referir o essencial de um pequeno texto ouvido; *Falar de forma audível; *Articular corretamente palavras.	Hora do conto: *Delícias mulatas; *Informação essencial e acessória: reconto. *Articulação, entoação. *Vocabulário. *Grafema l/L.	*Manual pág.52, 53 e54; *Ingredientes: coco ralado, um ovo, cacau, açúcar e formas de papel; *Uma tigela; *Adivinha;	*Direta *Indireta

Processo de operacionalização

- * Leitura de um conto “ Delícias mulatas”, reconto e concretização de uma receita.
- *Identificação de palavras com *L/l*, com letra manuscrita ou com letra de imprensa.
- *Organização de listas de palavras.
- *Organização de listas de palavras que contêm o grafema *L/l*.
- *Escrita, nas formas minúscula e maiúscula, do grafema *L/l*.
- *Apresentação de uma adivinha.
- *Memorização da mesma.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 10: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico – Matemática

Área/ Domínios	Objetivos	Descritores de Desempenho	Conteúdos	Recursos	Avaliação
*Matemática Geometria e Medida (GM). 11h15m/ 12h15m	Reconhecer e representar formas geométricas.	*Identificar cubos paralelepípedos retângulos, cilindros e esferas; *Identificar partes planas de objetos em posições variadas. *Reconhecer partes planas de objetos em posições variadas. *Identificar figuras geométricas.	*Sólidos geométricos; *Partes planas e partes não planas de objetos; *Figuras geométricas.	*Quadro; * Tangram; * Blocos Lógicos; *sólidos geométricos; * Manual pág. 72 e 73. * Ficha.	*Direta *Indireta
Processo de operacionalização:					
*Identificação das figuras geométricas, em objetos e desenhos, triângulos, retângulos, quadrados, circunferências e círculos em posições variadas e utilizar corretamente os termos “lado” e “vértice”.					
*Representação das figuras geométricas em grelha quadriculada.					
* Identificar segmentos de retas e figuras geometricamente iguais.					

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 11: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico - Expressão e Educação Físico-Motora

Área/ Domínios	Objetivos	Descritores de Desempenho	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressão Físico- Motora	*Cumprir ordens. *Cumprir regras. *Saber vencer e saber perder	-----	*Jogos: Jogos infantis, regras, equilíbrio, deslocamentos; “fintas” e “mudanças de direção”,...	*cordas; *cones; *lenço.	*Direta
Processo de operacionalização *Realização de exercícios variados, de equilíbrio, deslocamentos: “fintas”, “mudanças de direção”,... e cumprir regras.					

Anexo 3: Jogos - Atividades

1.º Aquecimento: Rabo-de-raposa

Um elemento é a raposa e tem de apanhar os cabritinhos, levando-os consigo para apanhar os restantes elementos do jogo.

2º circuito rolante

A turma é dividida em grupos, tendo que passar por um circuito no qual terão que obedecer a regras, que lhe vão sendo impostas (primeiro trajeto, passinhos de canguru, segundo à pinguim, terceiro à coelho e quarto à cobra).

3º Jogo barra do lenço.

Dividem-se as crianças em duas equipas, de cinco a dez elementos cada. Posiciona-se cada equipa num extremo do campo e, no ponto médio entre ambas, fica a mãe, que tem um pano ou lenço na mão e que comandará o jogo.

Os elementos de cada equipa têm de ter um número, atribuído secretamente, sem a outra equipa saber. Se, por exemplo, as equipas tiverem oito elementos cada, eles serão numerados de um a oito. Após esta atribuição dos números, cada equipa vai posicionar-se no extremo do seu campo, na sua casa, com as crianças colocadas lado a lado. Então, a mãe, com um lenço na mão e colocada no ponto médio do campo, chama um número, à sorte. Imediatamente, os jogadores cujo número foi o chamado (um de cada equipa), correm para a mãe. Cada um deles tenta retirar da mão da mãe o lenço, sem serem apanhados um pelo outro. Se nenhum retirar o lenço em certo tempo, a mãe pode chamar outro número. Se quem retirar o lenço à mãe voltar com o lenço para a sua casa, sem ser tocado, ganha um ponto para a sua equipa. Se retirar o lenço e, sem ser tocado, fugir para a casa adversária, ganha dois pontos. Se for tocado na fuga, para um lado ou outro, perde um ponto. Ou seja, a criança que não conseguir chegar primeiro ao lenço, deve tentar tocar a outra que foge com o lenço na mão.

4º Retorno à calma: Jogo do anel

Escolhe-se quem vai ser o portador do anel. Este coloca - o entre as mãos, que estão encostadas uma na outra. Os outros jogadores ficam uns ao lado dos outros com a mesma posição das mãos do elemento portador do anel. O portador vai passando as mãos na dos colegas deixando cair o anel nas mãos de um deles, sem que ninguém perceba. Quando acabar de passar por todos os jogadores, pergunta a um deles onde está o anel. Se acertar passa a ser o portador do anel (assim sucessivamente).

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 12: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico - Expressão e Educação Musical

Área/ Domínios	Objetivos	Descritores de Desempenho	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressões Artísticas (musical) 15h 15m/16h15m	*Explorar movimentos corporais ao som de músicas.		*Jogos de exploração: ✓ Corpo: movimentação corporal.	*computador; *Coreografia da música “Panda vem à escola”	*Direta *Indireta
Processo de operacionalização:					
<ul style="list-style-type: none"> Jogos de Jogos de exploração e movimentação corporal. 					

Anexo 4: Panda vai à escola: “Vem que eu vou- te ensinar”

Mão direita à frente

Mão direita atrás

Mão direita à frente

E mexendo sem parar

Roda, roda, roda e não saias do lugar

Vem que eu vou-te ensinar;

Mão esquerda à frente

Mão esquerda atrás

Mão esquerda à frente

E mexendo sem parar

Roda, roda, roda e não saias do lugar

Vem que eu vou-te ensinar;

Ombro direito à frente

Ombro direito atrás

Ombro direito à frente

E mexendo sem parar

Roda, roda, roda e não saias do lugar

Vem que eu vou-te ensinar;

Ponho a barriga à frente

Ponho a barriga atrás

Ponho a barriga à frente

E mexendo sem parar

Roda, roda, roda e não saias do lugar

Vem que eu vou-te ensinar;

Pé direito à frente
Pé direito atrás
Pé direito à frente
E mexendo sem parar

Roda, roda, roda e não saias do lugar
Vem que eu vou-te ensinar;

Pé esquerdo à frente
Pé esquerdo atrás
Pé esquerdo à frente
E mexendo sem parar

Roda, roda, roda e não saias do lugar
Vem que eu vou-te ensinar;

Ponho a cabeça à frente
Ponho a cabeça atrás
Ponho a cabeça
E mexendo sem parar

Roda, roda, roda e não saias do lugar
Vem que eu vou-te ensinar.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 13: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico – Português e Expressão e Educação Dramática

Área/ Domínios	Objetivos	Descritores de Desempenho	Conteúdos	Recursos	Avaliação
*Português *Oralidade Leitura e Escrita 11h15/12h15	<p>*Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos.</p> <p>*Produzir um discurso oral com correção.</p> <p>*Desenvolver a consciência fonológica e operar com fonemas.</p> <p>*Conhecer o alfabeto e os grafemas.</p> <p>*Mobilizar o conhecimento da pontuação.</p> <p>*Transcrever e escrever textos.</p>	<p>* Cumprir instruções.</p> <p>*Articular corretamente palavras.</p> <p>*Indicar nomes de objetos cujos nomes começam pelo mesmo fonema.</p> <p>*Escrever as letras do alfabeto, nas formas minúscula e maiúscula, em resposta ao nome da letra ou ao segmento fónico que corresponde habitualmente à letra.</p> <p>*Identificar e utilizar adequadamente os seguintes sinais de pontuação: ponto final e ponto de interrogação.</p> <p>*legendar imagens.</p>	<p>*Leitura orientada.</p> <p>*Técnicas de localização da informação;</p> <p>*Palavra, frase, texto, fronteira de palavra.</p>	<p>*Apresentação de um PowerPoint da História “ O coelhinho branco” de António Torrado;</p> <p>*Guião de leitura</p> <p>*Ficha.</p>	<p>*Direta</p> <p>*Indireta</p>

Expressões Artísticas (Dramática)	*Desenvolver a capacidade de improvisação; *Estabelecer inter-relações com os outros.		*História “ O coelhinho branco”.	* cenário; *imagens;	
Processo de operacionalização					
- Leitura e exploração da História“ O coelhinho branco” de António Torrado.					
- Dramatização partindo da História “O coelhinho branco”.					

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 14: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico - Expressão e Educação Plástica

Área/ Domínios	Objetivos	Descritores de Desempenho	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressões Artísticas 15h 15m/ 16h15m	<ul style="list-style-type: none"> *Construir uma coroa de Reis. *Conhecer a história de Reis. *Identificar a sua proveniência, o objetivo da viagem, as prendas, o seu significado... 		*Dia de Reis.	<ul style="list-style-type: none"> *PowerPoint “ História de Reis” *Cartolina. *Tesoura. * Agrafador 	<ul style="list-style-type: none"> *Direta *Indireta
Processo de operacionalização					
<ul style="list-style-type: none"> *Apresentação em PowerPoint a “ História de Reis” * Construção de uma coroa de Reis. *Diálogo sobre o objetivo da viagem dos Reis Magos e o significado das prendas. 					

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 15: Planificação de uma atividade referente ao 1ºano do 1ºCiclo do Ensino Básico - Matemática

Área/ Domínios	Objetivos	Descritores de Desempenho	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Matemática Números e Operações. 9h/ 11h	*Contar até cem.	*Saber de memória a sequência dos nomes dos números naturais até vinte e utilizar corretamente os numerais do sistema decimal para os representar. *Efetuar contagens progressivas e regressivas envolvendo números até cem. *Utilizar corretamente os símbolos “<, > e =”.	*Contagens. *Quantificações. *Decomposições. *Relações numéricas: simbologia <, >, =. *Ordem crescente e decrescente	*Quadro; *Cartazes com simbologia *Material Cuisenaire *Ábaco. *Manual – págs. 46, 47 e 48. *fichas	*Direta *Indireta
Processo de operacionalização -Matemática: * Realização de contagens regressivas e progressivas. *Quantificação de conjuntos.					

*Decomposição de números.

*Reconhecimento dos termos: ordem crescente e decrescente.

*Utilização da simbologia: $>$, $<$, $=$.

*Preenchimento de sequências, com utilização da simbologia.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 15: Planificação de uma atividade referente ao domínio da Matemática no Pré-escolar

Área	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressão e Comunicação: - Domínio da Matemática.	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o raciocínio lógico-matemático; - Estimular a sequência lógica; - Identificar semelhanças e diferenças entre objetos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sequências; - Cores; - Formação de conjuntos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Blocos lógicos - material manipulável (batata) 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação direta - participação nas atividades

Processo de operacionalização - Elaboração de uma sequência partindo dos blocos lógicos. Este jogo tem como objetivo criar uma sequência lógica, tendo em conta a forma a cor e a espessura de cada peça. A sequência iniciará com um círculo vermelho, de seguida, o chefe refere o nome de um colega que continuará o jogo. Este terá de colocar à frente do círculo vermelho uma peça que tenha uma das características da peça anterior, ou seja, ser um círculo ser vermelha ou ser grossa ou fina.

- Neste seguimento é realizado ainda outro jogo *O maior número de peças*, baseado na manipulação de materiais, que foi jogado, com a turma dividida em dois grupos. O objetivo fundamental subjacente era desenvolver a atenção, a capacidade de análise e comunicação, bem como a noção de «pertence» e «não pertence».

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Apêndice 16: Teste diagnóstico – 1ºano, 1ºCEB



1- Em que país aconteceu a revolução do 25 de abril?

(assinala com X a opção correta).

- Espanha
- França
- Portugal

2- Em que ano aconteceu a revolução do 25 de abril?

(assinala com X a opção correta).

- 1974
- 2016

3- Quem iniciou a revolução?

(assinala com X a opção correta).

- Os militares

- Os políticos

4- Antes do 25 de abril existia?

(assinala com X a opção correta).

- Liberdade

- Opressão

5- Que flor se transformou no símbolo da revolução do 25 de abril? (assinala com X a opção correta).

- Rosa

- Malmequer

- Cravo

6- Que regime político passou a haver em Portugal, após o 25 de abril? (assinala com X a opção correta).

- Democracia

- Ditadura